

Coleção  
Memória Atlântica

Ensino Cristão

Leandro Alves Teodoro

**CULTURA**  
**ACADÊMICA**   
*Editora*

# ENSINO CRISTÃO



## **Realização**

*Escritos sobre os novos mundos*

## **Apoio institucional**

*Academia Portuguesa da História*

*Fundação Editora UNESP – Cultura Acadêmica*

## **Comissão Editorial**

*Armando Martins*

Universidade de Lisboa e Academia Portuguesa da História

*Dulce O. Amarante dos Santos*

Universidade Federal de Goiás

*Jean Marcel Carvalho França*

Universidade Estadual Paulista, Franca

*Leila Mezan Algranti*

Universidade Estadual de Campinas

*Manolo Florentino*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Manuela Mendonça*

Universidade de Lisboa e Academia Portuguesa da História

*Margarida Garcez Ventura*

Universidade de Lisboa e Academia Portuguesa da História

*Maria de Fátima Reis*

Universidade de Lisboa e Academia Portuguesa da História

*Maria Helena da Cruz Coelho*

Universidade de Coimbra e Academia Portuguesa da História

*Ricardo Alexandre Ferreira*

Universidade Estadual Paulista, Franca

*Susani Silveira Lemos França*

Universidade Estadual Paulista, Franca

# MEMÓRIA ATLÂNTICA

## ENSINO CRISTÃO

Edição, estudos e notas de  
Leandro Alves Teodoro



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*



© 2018 Leandro Alves Teodoro

Cultura Acadêmica  
Praça da Sé, 108  
01001-900 – São Paulo – SP  
Tel.: (0xx11) 3242-7171  
Fax: (0xx11) 3242-7172  
www.culturaacademica.com.br

---

Teodoro, Leandro Alves.

Ensino Cristão/ Leandro Alves Teodoro (Edição, estudo e notas). –  
São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. (Coleção Memória Atlântica, II).

205 p.

ISBN: 978-85-7249-000-9

1. História. 2. Portugal - História. 3. Moral - História.

I. Título

CDD – 946.9

---

Imagem da Capa: Letícia Gonçalves Alfeu de Almeida  
Projeto Gráfico: SaHis – Serviços Avançados em História

## MEMÓRIA ATLÂNTICA

A coleção *Memória Atlântica*, uma iniciativa do Grupo de Pesquisa *Escritos sobre os Novos Mundos* (FAPESP), em parceria com a FEU (Fundação Editora da Unesp) e com a *Academia Portuguesa da História*, tem como propósito oferecer gratuitamente ao público, especializado ou não, acesso a edições digitais de documentos e obras raras da cultura luso-brasileira. É um pequeno contributo ao sempre polêmico mas necessário processo de construção da memória e da identidade nacionais, deste e do outro lado do Atlântico. As edições, que abarcam documentos inéditos, obras nunca antes publicadas em português e obras cujas impressões estão hoje inacessíveis, são precedidas por uma introdução histórica, composta por um ou mais especialistas, e seguida da versão integral do escrito, anotada e com ortografia e pontuação modernizadas.



# SUMÁRIO

Introdução .....	9
O ensino dos costumes cristãos na era dos livros impressos.....	21
As lições do <i>Ensino Cristão</i> .....	53
Referências .....	91
<i>Ensino Cristão</i> .....	105
Sobre o autor.....	205





## INTRODUÇÃO

Em 1539, vinha à luz na cidade de Lisboa, pela tipografia de Luís Rodrigues, a obra *Ensino Cristão*,<sup>1</sup> um pequeno opúsculo de não mais de 25 fólios que nos ajuda a contar um pouco a história do livro impresso, da pastoral cristã e da formação reservada aos homens casados entre os séculos XV e XVI. Esse guia dos costumes cristãos, escrito por um autor desconhecido, também abre caminho para explorar a própria história do nascimento das atividades do Santo Ofício em Portugal, já que foi um dos primeiros impressos a ser avaliado pelo cardeal D. Henrique, inquisidor geral entre 1539 e 1580, e a receber aprovação para sua impressão e venda nessas terras.<sup>2</sup>

A impressão do *Ensino Cristão* foi beneficiada pelos serviços do arcebispo D. Henrique, que atribuiu a alguns letrados a

---

<sup>1</sup> Nesta edição, optou-se por modernizar o nome da obra, intitulada *Insino Christão*.

<sup>2</sup> PAIVA, José Pedro. *Baluartes da fé e da disciplina*. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750), p. 88.

tarefa de examinar todo o seu conteúdo. Depois dessa avaliação e por julgar o teor da obra repleto de boas doutrinas, o prelado infante permitiu que fosse impressa e vendida sem nenhum impedimento. Essa autorização, estampada logo no início do *Ensino*, também foi importante para impulsionar a sua venda em Portugal, pois as palavras de D. Henrique – de um arcebispo tido como um dos grandes promotores da fé em sua época – legitimava a ação moralizante de um livro como esse.



Trata-se de um opúsculo de treze capítulos não muito longos, mas de conteúdo preciso e certo, o que lhe conferia um certo potencial de venda, de acordo com os padrões da época. Endereçado aos fidalgos casados, isto é, aos grandes varões do reino, o livro vem atender à demanda por obras de fácil aprendizagem e que ajudassem os nobres a cuidar de si e da sua casa. Numa época em que os casados – não apenas fidalgos, mas os varões em geral – eram constantemente orientados a abrandar suas práticas e a evitar a repetição constante dos mesmos erros desde a mocidade até à vida adulta, o *Ensino* propôs ajudá-los a se tornarem mais comprometidos com seus deveres e obrigações.

### **A formação dos homens casados**

O livreiro e impressor Luís Rodrigues investiu, portanto, na vendagem de um livro destinado a um público preciso: homens fidalgos que tinham de se ater à vida das pessoas de sua casa. No capítulo final, a obra assevera que seus ensinamentos são destinados “aos homens que são ou hão de ser casados, para que, no seu estado, vivam de maneira que não percam a glória para que foram criados, mas sabendo o seu próprio caminho, a alcancem pela misericórdia, morte e paixão de Jesus Cristo”. Segundo o autor do *Ensino Cristão*, embora o interlocutor principal de sua obra seja o varão fidalgo, as suas prédicas também podiam contribuir para o aperfeiçoamento das práticas de outros homens, já que pregadores o podiam tomar como fonte de inspiração para definir o conteúdo de seus sermões. Um livro

escrito, portanto, para servir como um guia dos costumes cristãos, pelo qual os homens aprenderiam a importância de oferecer esmolas, de confessar os pecados, de comungar e de refletir todas as noites sobre os principais passos dados ao longo do dia, devendo ser lido como um roteiro de orientações voltados para suprir as dúvidas elementares da formação moral de um varão.

### **Autor da obra**

O tom catequético da obra pode ser explicado pelo fato de seu autor se tratar provavelmente de um clérigo ou religioso. Essa dedução é tomada com base neste trecho do livro: “ainda que cada dia isto *nós* preguemos, todos os pregadores, pareceu-me ser muito serviço de Nosso Senhor ensinar a vida Cristã que pregamos, particularmente pelo modo de lição familiar aos que tragam a bem viver os meãos<sup>3</sup> e toda a outra gente”. Além de tal autor se reconhecer como pregador, os assuntos por ele abordados – tais como: a confissão penitencial, a comunhão e outras práticas devocionais – corroboram ainda mais essa possibilidade. Mas seria o Cardeal D. Henrique o autor? Pouco provável, já que essa autoridade é citada apenas como censor do livro. Como a obra foi dedicada ao infante D. Filipe, filho de D. João III, o frei João Soares – por ter sido confessor de tal monarca<sup>4</sup> – não poderia ser então essa figura oculta? Talvez. Porém, poucas in-

---

<sup>3</sup> A leitura em voz alta do texto e a repetição oral de suas lições ajudariam não apenas cavaleiros, mas também outros oficiais do rei a absorverem ensinamentos destinados a seu estado de casados.

<sup>4</sup> BUESCU, Ana Isabel. *D. João III*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005, p. 261.

formações foram encontradas até o momento que deem indicações contundentes acerca da identidade do autor. Em razão da falta de vestígios, o mais seguro é considerar, pois, a autoria da obra anônima.

### **Data de elaboração do livro**

Se não há indícios suficientes para atestar o nome do autor, a informação mais garantida que a obra nos fornece é o fato de ter sido escrita para servir aos fidalgos da futura Corte do infante D. Filipe, que morreu antes de vê-la impressa. Mesmo a morte prematura de um infante antes de completar seis anos, morte essa comentada pelo próprio autor na obra, não impediu, contudo, que o livro fosse finalizado e impresso. Acerca de suas metas, comenta o autor:

Para de todo escrever a verdade, como sou obrigado, a principal ocasião de ordenar este *Ensino Cristão* foi o príncipe Dom Filipe, nosso Senhor – o qual Deus quis tão grande bem que o coroou de glória para sempre no céu primeiro que o jurassem por senhor temporal na terra –, porque vendo as grandes inclinações que tinha a toda virtude, receei<sup>5</sup> se os costumes porventura dos que haviam de conversar com ele e servi-lo não fossem tão conformes à vida cristã.

---

<sup>5</sup> O autor receou que os conselheiros de D. Filipe não estivessem bem formados no ensino cristão; ou seja, não era o infante que precisava de instrução, mas os homens de seu séquito.

Como o infante morreu em 29 de abril de 1539<sup>6</sup> e o *Ensinho* foi aprovado pela Inquisição no dia 3 de setembro do mesmo ano, é possível deduzir que esse livro foi finalizado entre os meses de maio e setembro.

### **A proposta do *Ensinho Cristão***

Obras prescritivas, como espelhos de príncipes e outras voltadas para um público específico, embora fossem dedicadas a um rei ou nobre em especial, eram elaboradas não apenas para servir aos homens do tempo em que foram produzidas, mas também às gerações do porvir. Na visão do autor do *Ensinho Cristão* e de outros letrados do período, a prescrição carregava uma verdade acerca dos costumes que fora revelada aos homens pela própria Sagrada Escritura.<sup>7</sup> No entanto, nesses tempos, uma prescrição acerca das práticas religiosas podia ser redefinida, não porque não beneficiava os fiéis católicos, mas sim, como explica o Cardeal D. Jorge da Costa<sup>8</sup> – uma das figuras eclesiásticas portuguesas mais prestigiadas do final do século XV e início do XVI –, dada a sagacidade da própria natureza humana de criar novas formas de pecar nem sempre contempladas pelas recomendações e advertências já existentes; por isso, era necessário sempre manter atualizado o rol de

---

<sup>6</sup> BUESCU, Ana Isabel. *D. João III*, p. 203.

<sup>7</sup> Cf. MARITAIN, Jacques. *A filosofia moral*. Exame histórico e crítico dos grandes sistemas. Trad. Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

<sup>8</sup> Ver: MENDONÇA, Manuela. *D. Jorge da Costa*. Cardeal de Alpedrinha. Lisboa: Edições Colibri, 1991.

admoestações e conselhos direcionados aos homens e às mulheres.<sup>9</sup>

O *Ensino Cristão*, ao propor lições específicas para a formação dos fidalgos casados, ensinando-lhes um roteiro de práticas de devoção, preencheu uma lacuna na produção moralizante da Corte avisina da primeira metade século XVI que se notabilizava pela escrita de espelhos de príncipes, tais como *A Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes* (1525), do jerônimo frei Antônio de Beja; *Condições e Partes que há-de ter um Bom Príncipe* (c. 1528) e *Tratado dos Trabalhos do Rei*, de Lourenço de Cáceres; bem como os mais tardios, tais como o *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano* (1544) e outros tratados de Francisco de Monzón.<sup>10</sup> Enquanto livros como *Breve Doutrina* focam no monarca e na construção de uma arte de governar,<sup>11</sup> o *Ensino* possui um alvo mais modesto, já que foge de qualquer pretensão de educar os governantes, por enfatizar apenas as ações esperadas dos fidalgos e de outros varões casados. Em outras palavras, embora os espelhos de príncipes e o

---

<sup>9</sup> VENTURA, Margarida Garcez. As “Visitações gerais” de D. Jorge da Costa: notícia e breve análise. In: *Estudos em homenagem ao professor doutor José Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. v. 3, p. 212.

<sup>10</sup> A respeito da produção e vida desse pregador, ver: FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Francisco de Monzón, capelão e pregador de D. João III e de D. Sebastião. *Lusitânia Sacra*, v. 3, p. 39-70, 1991.

<sup>11</sup> BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do Príncipe*. Discurso normativo e representação (1525-49). Lisboa: Edições Cosmos, 1996, p. 145. Cf. FRANCISCO MONZON. *Libro primero d'l Espejo del pri[n]cipe christiano que trata como se ha d' criar vn principe o niño generoso desde su tierna niñez cõ todos los exercicios & virtudes que le conuienen hasta ser varon perfecto*. Lisboa: e[n] casa de Luis Rodriguez, 1544.



*Ensino* mirassem o aperfeiçoamento da Corte e também a instrução dos senhores, este opúsculo não se centrou na construção de um modelo ideal de governo e privilegiou matérias de natureza devocional. Além disso, um tratado com o *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano* caracteriza-se por servir como uma espécie de summa em que diferentes assuntos eram abordados, desde lições acerca da fé católica até o governo do reino, de modo que possuía um volume de páginas bem maior e um campo de abordagem mais extenso em relação ao pequeno *Ensino*.

Essa obra aqui editada insere-se num contexto de grande produção de obras prescritivas, alimentado em parte por um movimento de redefinição de prédicas voltadas à promoção dos rudimentos da doutrina católica em Portugal, que ganhavam fôlego desde o início do século XV. Assim, essa obra dá pistas para que sejam exploradas não apenas as qualidades exigidas do nobre dos tempos de D. João III, mas, sobretudo, as práticas de devoção que vinham sendo ensinadas aos homens, de maneira mais ordenada, desde a época de D. Duarte – filho de D. João I e autor de dois tratados moralizantes, a saber, o *Leal Conselheiro* e o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda sela*. Veremos que o *Ensino* ecoou prédicas desenvolvidas por essas obras do rei Eloquentes e por outros livros do Quatrocentos, especialmente tratados pastorais, sistematizando um quadro de lições catequéticas já conhecidas pelos grandes letrados do reino.

É precisamente por reunir valiosos conselhos em capítulos curtos a respeito das práticas de devoção que publicamos a primeira edição crítica do *Ensino Cristão*. Visando divulgar o

papel edificante dessa obra, foi elaborado um livro que possa interessar desde acadêmicos versados no tema dos impressos até leitores comuns em busca de informações mais detalhadas acerca da vida cotidiana dos homens do final da Idade Média e começo da Época Moderna. O *Ensino* convida-nos a deslizar por um mundo de lições pastorais que nos leva ao universo dos confessores medievais, das prensas modernas e do gosto dos letrados portugueses por livros que sensibilizassem a consciência de homens e mulheres.

Além de uma edição que comporta, lado a lado, uma versão moderna e outra fac-símile do *Ensino Cristão*, este livro traz um estudo dividido em duas partes. Em um primeiro momento, o alvo é interrogar desde a promoção de livros destinados ao agenciamento dos costumes cristãos até o papel atribuído ao autor, censor e ao impressor na época de produção desse documento. Em seguida, serão analisadas, na última parte do estudo, as principais lições dessa obra, com o objetivo de questionar em que medida ela repercute temas e prédicas anunciadas por outros livros, que circulavam tanto em formato impresso quanto manuscrito. Ao esquadrihar os vocábulos da época e o jogo edificante em que um homem dos séculos XV e XVI estava inserido, o alvo do estudo são os ensinamentos reservados aos varões que tinham de se ocupar de si e de sua família.

Vale ressaltar, igualmente, que nas margens e no interior do próprio estudo foram inseridas imagens de obras da época, que, a par das informações junto a elas apresentadas, formam um pequeno catálogo, pelo qual o leitor – especialmente aquele que não está familiarizado com o universo dos impressos –

poderá conhecer uma pequena série de obras pastorais e de outros tipos de textos publicados em Portugal entre o final do século XV e início do XVI. As imagens foram selecionadas, portanto, por ajudar a contar uma história das funções atribuídas ao livro na formação moral dos fiéis cristãos.

### **Crítérios de edição**

Esta edição traz uma versão modernizada e outra fac-símile do livro *Ensino Cristão*, para que o leitor possa confrontar os dois textos. No processo de transcrição do original, bem como da modernização da grafia e da estrutura de certas frases, respeitamos critérios previamente estabelecidos. Visando editar uma obra voltada aos acadêmicos e também ao grande público, a inserção de palavras em itálico foi necessária para clarear melhor alguns trechos; as notas de rodapé, por sua vez, explicam os termos da época ou esclarecem certos passos que nos pareciam mais confusos. Em relação aos trechos que sofreram alguma alteração, o leitor poderá consultar o original em nota.

\*

Agradeço, primeiramente, à FAPESP, que financia minha pesquisa a partir da concessão de um auxílio Jovem Pesquisador (Processo 2017/11111-9), bem como ao grupo Temático *Escritos sobre Novos Mundos*, sediado na Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'/campus Franca. Agradeço, igualmente, ao Programa de Pós-Graduação dessa mesma universidade e à Universidade Estadual de Campinas, instituição sede

do JP, por oferecerem todas as condições para o desenvolvimento de meu trabalho.

Agradeço à Susani Silveira Lemos França, pelas constantes sugestões; à Michelle Souza e Silva, pelo empenho admirável em ajudar em todo o processo de confecção deste livro; ao Thiago Alvarado e à Filipa Roldão, pela colaboração na montagem da edição fac-símile; à Letícia Alfeu de Almeida e à Ana Filipa Ferreira, pela leitura e últimos apontamentos; à Maria Emília, pelo incentivo e conselhos.



## O ENSINO DOS COSTUMES CRISTÃOS NA ERA DOS LIVROS IMPRESSOS

Os portugueses dos séculos XIV e XV, além de conseguirem estabelecer acordos comerciais com a França, Itália e Flandres, não deixaram de manter fortes parcerias com as ilhas britânicas e a liga hanseática,<sup>1</sup> que dominava uma parte significativa das rotas terrestres e marítimas da época. Uma das consequências do estabelecimento de uma rede de trocas e vendas com essa liga era a presença constante de alemães na cidade de Lisboa, como artífices, mercenários e comerciantes. Pelas ruas dessa cidade, havia um número considerável de ferreiros, vidreiros, serralheiros, tanoeiros e outros profissionais, vindos do Sacro Império-Germânico, já que Portugal carecia, nesses tempos, de mão de obra técnica e especializada.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> A liga hanseática era “uma federação de cidades do norte da Alemanha”. Hanseática, Liga. In: LOYON, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 186.

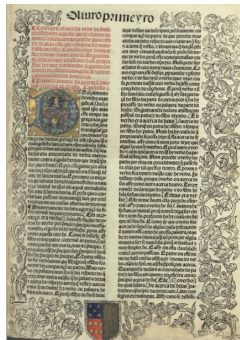
<sup>2</sup> OLIVEIRA MARQUES, A. H de. Alemães e impressores no Portugal de finais do século XV. In: PORTUGAL. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. *No quinto centenário da Vita Christi: os primeiros impressores alemães em Portugal*. Coord. João José Alves Dias. Lisboa: I.B.N.L., 1995, p. 11-12.



A Liga Hanseática em 1400.

Na comunidade germânica que se fixava em terras lisboetas no final do século XV, uma personagem começou a ganhar a confiança da Corte de Avis. Era Valentim Fernandes, um alemão originário da Morávia

que se instalou em Lisboa por volta de 1493-1495,<sup>3</sup> destacando-se como viajante, mas especialmente como livreiro e impressor. Trazendo equipamentos de Sevilha para montar a sua própria oficina, esse alemão editou mais ou menos vinte obras no principal centro urbano do reino, mostrando que dominava o latim, o português e o castelhano.<sup>4</sup>



LUDOLFO de Saxónia.  
*Vita Christi*. Trad. port.  
Nicolau Vieira e Bernardo de Alcoça. Lisboa:  
Valentim Fernandes,  
1495.

<sup>3</sup> ANSELMO, Artur. *Origens da imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, p. 150-152.

<sup>4</sup> SABIO PINILLA, José Antonio; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, María Manuela. O Marco Paulo de Valentim Fernandes: uma contribuição singular para a história da tradução peninsular. *Discursos: estudos de tradução*, p. 87-102, 2001.





Lisboa. In: BRAUN, Georg; HOGENBERG, Frans. *Civitates orbis terrarum*. Cologne, 1572.

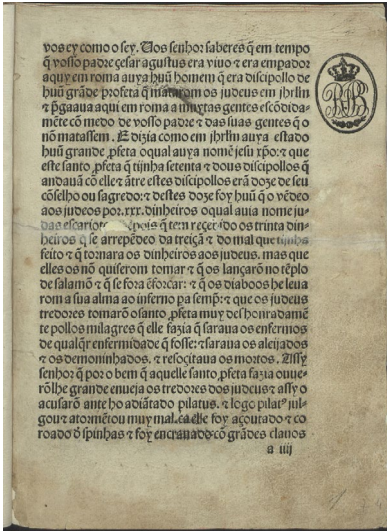
Começou o seu ofício imprimindo – a pedido da rainha D. Leonor – a obra *Vita Christi*, de Ludolfo da Saxônia, no ano de 1495, em parceria com outro impressor alemão, Nicolau da Saxônia. No final do século XV, Valentim Fernandes imprimiu em língua vernácula dois outros livros que também possuíam grande circulação na Europa, a saber: *Regimento Proueytoso contra ha Pestenença* (1493-1495) e *Estoria do muy Nobre Vespesiano Emperador de Roma* (1493-1495). Já no século XVI, foi o responsável pela impressão, entre outros trabalhos, do *Livro de Marco Paulo* (1502), do *Auto dos Apóstolos* (1505) e da nova edição de *Evangelhos, Epístolas e suas Exposições em romance* (1510-1511?).

Não bastava para um impressor, estrangeiro ou não, apenas montar sua oficina, editar suas obras e começar a vendê-las pelas vilas do reino, pois era preciso que ele obtivesse uma licença concedida pelo rei ou por um bispo – o que lhe permitia iniciar as suas atividades. O alemão Valentim Fernandes tinha em mãos um alvará régio que lhe garantia a exclusividade para



POLO, Marco (1254-1323).  
*Ho liuro de Nycolao Veneto. Ho trallado da carta de huu[m] genoues das ditas terras...*  
 Lyxboa: per Valentym Fernãdez, 1502.

editar as *Ordenações* do reino. Os termos que regiam o documento eram os seguintes:



*Historia de mui noble Vespasiano Imperador de Roma.* Lisboa: Valentim Fernandes, 20 Abril 1496.

Nós, o Rei, por este nosso alvará nos praz, pelo trabalho que Valentim Fernandes tem levado na impressão dos livros dos Regimentos que ora mandamos fazer para todo o Reino dos Juizes e oficiais, que nenhuma pessoa em nossos Reinos os possa imprimir nem fazer, salvo ele, dito Valentim Fernandes, sob pena – que quem o contrário fizer incorra em pena de cem cruzados de ouro [...]. E mais, nos praz que, se porventura forem imprimidos e feitos fora do Reino e a estes reinos e senhorios deles trazidos a vender, que não possam neles ser vendidos [...]. Por isso, mandamos

disto passar este nosso alvará, que mandamos que se cumpra e guarde como nele é contido. E mandamos que seja apregoado e notificado, para que não se possa alegar ignorância.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, p. 1-2.

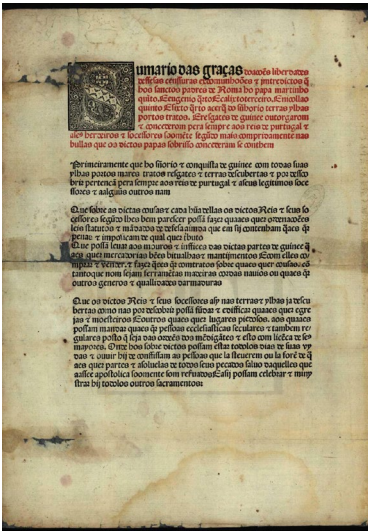
Este documento expedido pela Coroa portuguesa foi elaborado para que todos soubessem que Valentim Fernandes era o detentor dos direitos régios para a impressão e comercialização das leis do reino. Outro alvará régio, o conferido ao também alemão Jacob Cronenberg – datado de 1508 –, além de ceder a este a liberdade exigida para imprimir livros em Portugal, sintetiza a importância conferida ao livro impresso na época. Considera o documento que “a arte da impressão” era necessária nos reinos de Portugal, pois fazia com que os ministros da justiça e os sacerdotes se ocupassem de suas tarefas com mais facilidade.<sup>6</sup> Os reis e bispos contratavam impressores – como Valentim Fernandes, Jacob Cronenberg, e o português Rodrigo Álvares, sobre o qual voltaremos a falar adiante –, para que obras de referência fossem divulgadas em diversos lugares do reino de Portugal.

*Breviarium eborense.* Olisipone: apud Ludouicum Rotorigium, mense Aprili 1548.



<sup>6</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, p. 8.





Sumário das Graças e privilégios concedidos aos reis de Portugal pelos papas Martinho V, Eugénio IV, Calisto III, Nicolau V e Sisto IV a respeito do resgate, senhorio e comércio da guiné. In: AN/TT. *Gaveta 10*, maço 5.

so que havia assumido com o Infante Cardeal D. Henrique para imprimir o referido livro na cidade de Lisboa. Impaciente, ele foi categórico ao dizer: como as coisas deste reino são “todas vagozas, salvo os desgostos da vida” e como “as artes e exercícios polidos têm tão poucos aparelhos, e máxime esta arte de imprimir, passa de um ano que trabalho na impressão e não cheguei” a terminar nem a metade, “ainda preciso de mais seis meses”. Não poupando palavras em sua crítica, confessa o mesmo religioso que

Embora os impressos ajudassem a facilitar o contato com leis, regras e ensinamentos de diferentes naturezas, vale ressaltar que a fabricação de um livro não era fácil, pois era dispendioso e podia sofrer imprevidos. É por isso que o dominicano André de Resende – grande letrado português do século XVI –, em uma carta endereçada ao governador das Índias, D. João de Castro, se queixa das dificuldades encontradas para terminar a impressão da obra *Breviário Eborense* na casa do impressor Luís Rodrigues, o mesmo que imprimiu o *Ensino Cristão*. Diz o religioso ao seu destinatário que não pôde ir à Índia em razão do compromi-

ele não podia passar meio dia sem ir à casa do impressor, pois lá arruinavam tudo sem a sua presença. Justifica o motivo de sua apreensão ao nobre dizendo: “nisto me vai a honra, pois a obra é minha, e devo-a ao príncipe<sup>7</sup> com que vivo”.<sup>8</sup>

Essa carta foi escrita no dia 16 de março de 1547, exatamente oito anos depois de Luís Rodrigues editar o *Ensino Cristão*. Desde a impressão do *Sumário das Graças*, em 1488 – tido nos dias de hoje como o primeiro documento impresso em língua portuguesa –,<sup>9</sup> ao dia em que essa carta foi redigida, os livros impressos em vernáculo ajudaram, apesar das dificuldades mencionadas, a impulsionar a pastoral cristã de maneira considerável. As oficinas tipográficas obtinham um financiamento significativo por parte da Igreja e, posteriormente, da Coroa para a impressão de obras destinadas ao ensino dos rudimentos da fé. Basta lembrar que os primeiros impressos de maior fôlego textual – o *Sacramental*, de Clemente Sánchez de Vercial (1488), o anônimo *Tratado de confissão* (1489), e *As constituições sinodais* (1497),<sup>10</sup> de D. Diogo de Sousa – ganharam uma versão impressa graças ao patrocínio de autoridades da Igreja de Braga e Porto. Se é certo que o bispo D. Diogo de Sousa confiou ao impressor português Rodrigues Alves a impressão de suas

---

<sup>7</sup> Refere-se ao cardeal D. Henrique.

<sup>8</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, p. 14-15.

<sup>9</sup> Pelas informações que nos foram legadas, o primeiro livro impresso em Portugal foi o *Pentaceuco* – editado pelo impressor judeu Samuel Gacon em 1487. Mas dadas as escolhas deste estudo por reduzir a análise em torno das obras em língua portuguesa, não entraremos na produção impressa em hebraico. ANSELMO, Artur. *Origens da imprensa em Portugal*, p. 87.

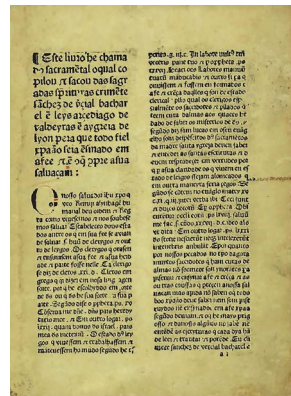
<sup>10</sup> Essas constituições foram lidas no sínodo do Porto de 1496.

constituições e da obra *Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance* (versão de 1497), há fortes indícios de que teria sido o arcebispo D. Jorge da Costa o responsável por encomendar a impressão do *Sacramental* e do *Tratado de confissom*.<sup>11</sup> Esse célebre prelado havia ainda encomendado a edição de outras obras em latim: do *Breuiarium Bracharense* (Braga, 1494), do *Manuale Sacramentorum* (Lisboa, 1496) e do *Missale secundum Ritum et Consuetudinem Alme Bracharensis Ecclesiae* (Lisboa, 1488).<sup>12</sup>

O conteúdo das *Constituições Sinodais* do Porto, de D. Diogo de Sousa – uma das primeiras obras impressas em língua portuguesa –, ajuda a entender o porquê de se imprimir tal tipo de livro no final do século XV. Acerca da necessidade de fazer com que a obra fosse conhecida, a constituição de número quarenta e quatro diz:

Todas as coisas que nestas nossas constituições e ordenações são contidas nunca serão proveitosas se cada reitor não as

*Este livro he chamado Sacrame[n]tal.* [S.l.: s.n.], [1488?].

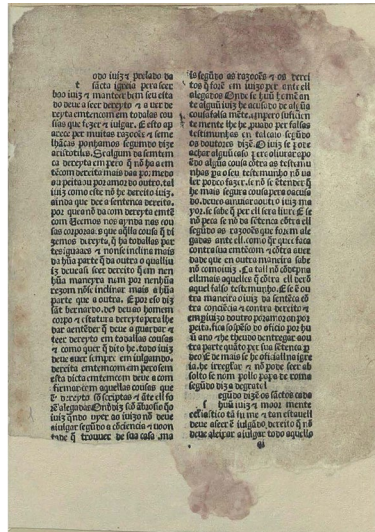
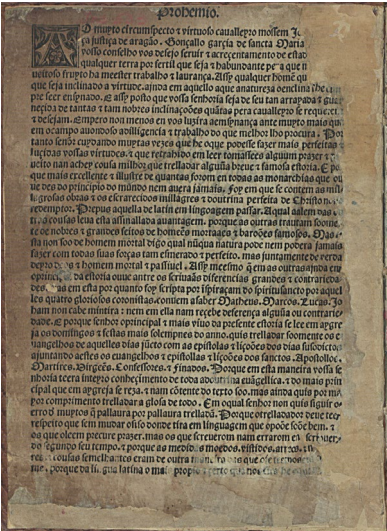


<sup>11</sup> MARQUES, José. O arcebispo D. Jorge da Costa e as Impressões Quatrocentistas do *Sacramental* e do *Tratado de confissom*. In: *V centenário do livro impresso em Portugal, 1487-1987*: colóquio sobre o Livro Antigo, Lisboa, 23-25 de maio de 1988. Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992. p. 39-61.

<sup>12</sup> D. DIOGO ORTIZ. *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz*. Bispo de Viseu. Estudo literário e edição crítica de Elsa Maria Branco da Silva. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 74.



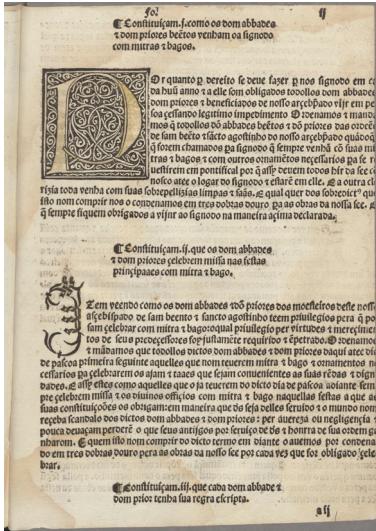
tiver consigo em sua igreja. Por isso, mandamos a todos os abades, priores, reitores e capelães curados de nosso bispado que até o primeiro dia da Quaresma que agora vem hajam e ponham cada um em sua igreja estas nossas constituições e ordenações, escritas em livro ou em caderno com cobertura de pergaminho, por nós assinadas, *para através delas estudarem e saberem o que hão de fazer e cumprir*, e não incorrerem nas penas nelas contidas. (Grifos nossos).<sup>13</sup>



*Evangelhos e epístolas com suas exposições em romance.* Trad. port. Rodrigo Álvares. Porto: Rodrigo Álvares, 25 de Outubro 1497.

*Evangelhos e epístolas com suas exposições em romance.* Trad. port. Rodrigo Álvares. Porto: Rodrigo Álvares, 25 de Outubro 1497.

<sup>13</sup> *Synodicon Hispanum*: Portugal. Dir. por Antonio García y García. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, p. 388.



*Constituições que fez ho senhor dom Diogo de Sousa Bispo do porto. Porto, na officina de Rodrigo Álvares, 1497.*

Como as constituições eram regras que deviam pautar diferentes dimensões da vida de clérigos e leigos,<sup>14</sup> o prelado pedia aos membros do clero que tivessem exemplares da obra consigo. Quando ainda era bispo do Porto, D. Diogo de Sousa – um dos principais promotores das letras no norte de Portugal entre o final do século XV e início do XVI –<sup>15</sup> não apenas obrigou o clero local a ler as constituições promulgadas no sínodo de 1496, mas também confiou ao impressor Rodrigues Alves a edição desse material edificante.

Para compreender melhor o espaço reservado à impressão no final do século XV e início do XVI, vejamos como os homens dessa época concebiam a figura do autor, do censor e, especialmente, a do impressor.

<sup>14</sup> GOMES, Saul António. A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. v. 1, p. 339-400.

<sup>15</sup> NASCIMENTO, Aires A. D. Diogo de Sousa (1460-1532), Bispo do Porto, homem de livros e leitor de Savonarola. *Humanitas*, v. L, p. 701-708, 1998.

***O autor, o censor e o impressor***

Ao justificar a impressão de um livro acerca da vida de Cristo, Valentim Fernandes esclarece que imprimiu “não aquele apócrifo sobre a infância do Salvador,<sup>16</sup> mas o ordenado e composto pelo reverendo padre Ludolfo Cartusiano”<sup>17</sup> em que “se contêm todos os mistérios da fé católica”, de acordo com as lições da Escritura dos quatros evangelistas e notários cristócolas.<sup>18</sup> Assim, portanto, na epístola proemial,<sup>19</sup> o impressor menciona o nome do autor do livro impresso com a finalidade de informar que se tratava de uma obra que se notabilizava por ser fiel ao texto das Escrituras e às prédicas de grandes doutores. No universo dos impressos dos séculos XV e XVI, o nome do autor era citado por ser identificado como uma autoridade em relação ao assunto que ele escrevia —<sup>20</sup> como é o caso do autor da *Vita Christi*, que era tomado como uma referência importante em diferentes reinos da cristandade.<sup>21</sup>

---

<sup>16</sup> Trata-se de uma outra obra acerca da vida de Cristo que também existia em solo português.

<sup>17</sup> Ludolfo da Saxônia e Ludolfo Cartusiano são as mesmas pessoas.

<sup>18</sup> *O livro de Vita Christi em lingoagem português [por] Ludolfo Cartusiano*. Ed. fac-similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1957. v. 1, p. 5.

<sup>19</sup> Parte que precede a obra, em que o impressor declara suas metas.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969) In: *Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 275-276.

<sup>21</sup> DIAS, João José Alves. Os primeiros impressores alemães em Portugal In: DIAS, João José Alves (coord.). *No Quinto centenário da Vita Christi*. Os

Esse impresso e outros foram produzidos numa época em que o autor não era ainda considerado o proprietário intelectual da obra, isto é, o possuidor dos direitos de sua reprodução, como veio a ser norma posteriormente.<sup>22</sup> Dado que o conhecimento era visto como um prêmio ofertado por Deus, e não apenas mero fruto da capacidade criativa do homem, os grandes letrados julgavam que um de seus papéis era colocar por escrito os desígnios divinos, traduzindo para os fiéis cristãos as mensagens divinas depositadas no mundo. Nesses tempos, o autor de um livro direcionado à formação religiosa – como sermões, constituições ou tratados pastorais – era geralmente um porta voz da Igreja que utilizava a palavra textualizada para converter, educar e punir o seu interlocutor. A configuração dos jogos edificantes desses tempos fazia da figura do autor apenas uma das peças responsáveis pela produção e divulgação do conhecimento, de modo que o livro impresso, como o *Ensino Cristão*, se tornava o resultado de um serviço de várias mãos.

Em meados do século XVI, o censor é outro personagem que possuía bastante responsabilidade sobre o conteúdo da obra. No proêmio do *Ensino Cristão*, por exemplo, não vem o nome de seu autor – como já informado –, mas o do arcebispo D. Henrique, que aprovou a publicação ao reconhecer a qualidade da obra. Diz o proêmio: “por se achar todo o conteúdo nele ser católico e de muita doutrina interpomos aqui nossa autoridade [...]”. A expressão “interpomos aqui nossa autoridade”, empre-

---

primeiros impressores alemães em Portugal. Lisboa, 1995, p. 15 e 16. MARTINS, Mário. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956, p. 8-9.

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969) In: *Ditos e Escritos*, p. 277.

gada pelo prelado, materializa o poder conferido à sua posição para avaliar o conteúdo dos livros, isto é, das obras utilizadas para ensinar aos fiéis os comportamentos a serem seguidos durante a vida. O parecer do arcebispo D. Henrique também vem estampado na capa do livro por meio destas palavras: “*Ensino Cristão* aprovado pela Santa Inquisição”. Através da capa e do preâmbulo, esse inquisidor transmite confiança ao leitor para que possa adquirir o livro sem qualquer risco.



*Constituições synodales do Bispado de Coimbra*. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1548.

Embora os prelados investissem na produção de novas obras em língua portuguesa e selecionassem, como destacado antes, novos títulos para serem impressos desde finais do Quatrocentos, eles apenas se tornaram censores nos anos quarenta do século XVI. Uma medida que já era cobrada dos prelados diocesanos pelo papado Leão X desde a promulgação da *Bula Inter sollicitudines*, no V concílio de Latrão, datado de 1515.<sup>23</sup>

No ano de 1548, o bispo de Coimbra, Frei D. João Soares, apregou que todos os impressos do bispado, “sob pena posta no concílio lateranense”, que era a excomunhão e a perda dos livros, deviam ser examinados pela diocese.<sup>24</sup> A necessidade de evitar a circula-

<sup>23</sup> Acerca dos livros escritos por bispos ou a eles dedicados, ver: PAIVA, José Pedro. Bispos, imprensa, livro e censura no Portugal de Quinhentos. *Revista de História das Ideias*, v. 28, p. 687-737, 2007.

ção de obras que pudessem transmitir más e suspeitas doutrinas fez com que o bispo aceitasse a recomendação da referida bula papal e pedisse a inquirição dos livros a serem impressos. Essa medida proposta pelo papa Leão X estava ligada com o dever dos bispos de impedir a proliferação de práticas heréticas em suas prelazias, de modo que não podiam se furtar da obrigação de averiguar o teor das obras colocadas à disposição de seus fiéis. O surgimento da atividade censória episcopal em Portugal e em outros reinos ajudou, desse modo, a fortalecer o papel dos bispos como protetores das bases que solidificavam os andaimes da fé cristã.<sup>25</sup> Em uma época em que o Index dos livros proibidos ainda não havia sido publicado,<sup>26</sup> os bispos tinham de realizar a censura preventiva.<sup>27</sup>

Deixemos, contudo, de lado a figura do censor, para explorar melhor a responsabilidade atribuída ao impressor-livreiro entre o final do século XV e início do XVI. A figura do impressor começa a ser tão expressiva nesses tempos que, na licença de impressão de Jacob Cronenberg, citada acima, são exigidas de

---

<sup>24</sup> *Constituições synodales do Bispado de Coimbra*. Coimbra, João Barreira e João Alvares, 1548, f. 2.

<sup>25</sup> PROSPERI, Adriano. *Tribunais da consciência*. Inquisidores, confessores, missionários. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, p. 299.

<sup>26</sup> O primeiro rol de livros proibidos veio à luz no ano de 1547. DIAS, J. S. da Silva. *O primeiro rol de livros proibidos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1963, p. 4.

<sup>27</sup> A censura preventiva podia ser de responsabilidade do Conselho Geral do Santo Ofício ou do Ordinário da Diocese. O Desembargo do Paço começa a desempenhar a mesma tarefa a partir de 1576. RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 1980. (Biblioteca Breve, v. 54), p. 14-15.

quem tiver essa função estas qualidades: que “sejam cristãos velhos sem parte de mouro, nem de judeu, nem *sejam* suspeitos de alguma heresia, nem tenham incorrido em infâmia, nem em crime de lesa majestade”.<sup>28</sup> Eram esperadas essas características dos impressores, justifica o documento, para evitar o perigo de “semear algumas heresias por meio de livros que assim imprimirem [...]”.<sup>29</sup> Conforme o impresso começava a conquistar seu espaço, o poder monárquico procurava não apenas se informar acerca do conteúdo desse tipo de livro, mas também da pessoa que cuidava de sua fabricação.

No que diz respeito ao ofício desempenhado pelos impressores, o alvará concedido ao francês Germão Galharde pelo monarca D. João III no ano de 1539 traz informações importantes. Visando legitimar as funções desse estrangeiro em terras lusas, diz o rei:

D. João, etc., a quantos esta carta virem, faço saber que, querendo eu fazer graça e mercê a Germão Galharde, imprimidor morador nesta cidade de Lisboa, por esta presente carta me praz o tomar e haver por meu impressor e quero e mando que goze de todos os privilégios e liberdades de que gozam os meus oficiais mecânicos [...].<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, p. 8.

<sup>29</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, p. 8.

<sup>30</sup> DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*, p. 11.



*Marca tipográfica de Luís Rodrigues*

Na sequência, D. João III é ainda mais enfático ao advertir a todos aqueles que virem o documento que tenham “o dito Germão Gallharde como meu oficial, e como tal, o honrem, tratem e o deixem gozar de todos os privilégios de que gozam os meus oficiais [...]”. Este documento iguala o privilégio concedido ao impressor às liberdades garantidas aos oficiais mecânicos de seu séquito.<sup>31</sup> O privilégio foi assim conferido já que o serviço

prestado pelo impressor à Coroa também se enquadrava como um tipo de ofício mecânico.

O ofício da impressão, apesar de ter sido considerado mecânico, não era desempenhado por pessoas simples. Os impressores, pelo menos os aqui citados, dominavam o latim, sabiam

---

<sup>31</sup> Acerca dos ofícios desempenhados na Idade Média a partir do uso das mãos, o pensador da primeira metade do século XII Hugo de S. Vítor afirma que a obra do homem que “imita a natureza é convenientemente chamada de mecânica [...]”. Na sequência, ele explica melhor essa definição: “A respeito de como o trabalho do artífice imita a natureza, seria longo e oneroso expô-lo em detalhes. A título de exemplo, porém, podemos demonstrá-lo com poucas palavras. O artífice que fundiu a estátua, observou o homem. [...] Foi conveniente, portanto, que a natureza provesse àqueles que não conseguem prover a si mesmos, enquanto ao homem foi reservado uma maior oportunidade de experimentar, ao ter que encontrar para si com a razão aquilo que aos outros é dado naturalmente”. HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálion: da arte de ler* (século XII). Introd. e trad. de Antonio Marchionni. 2. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007, p. 71.



ler e escrever e conheciam as rotas comerciais, pois precisavam se relacionar com mercadores de outros reinos para adquirir papel,<sup>32</sup> peças e outros objetos para suas oficinas. Além disso, os impressores, ao comentarem muitas vezes o assunto abordado pelo livro no prefácio por eles escrito, mostravam conhecer tanto a importância da obra a eles encomendada quanto os usos que dela podiam ser feitos. Valentim Fernandes diz, por exemplo, que aceitou editar a *Vita Christi* (1495) com seu parceiro Nicolau da Saxônia, “não apenas pelo temporal e transitivo prêmio”<sup>33</sup> que receberiam, mas também para outros fins, como servir à rainha e a Deus, e beneficiar outras pessoas. É por isso que ele considera: “não somente pelas nossas boas obras se as fizermos, mas pelas dos outros, *as* boas e meritórias, que por azo da dita leitura fizerem [...], nossa parte recebamos”.<sup>34</sup> Embora o impressor-livreiro não fosse o autor e, na maioria das vezes, tampouco o próprio tradutor, ele não deixava de reconhecer que seu ofício contribuía para o sucesso da obra. O impressor seria,

---

<sup>32</sup> Quanto ao papel diz José V. de Pina Martins, que “quase todo o material cartáceo que se adoptava então em Portugal era importado não tanto da Espanha, que também devia sentir análogas dificuldades, mas da França e da Itália”. *Tratado de Confissom (Chaves, 8 de agosto de 1489)*. Fac-símile do exemplar único pertencente ao Dr. Miguel Gentil Quina. Leitura diplomática e estudo bibliográfico por José V. de Pina Martins. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973, p. 42.

<sup>33</sup> Nesse trecho, “prêmio” é sinônimo de “galardão”. PRÊMIO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. Braga: Edições Vercial, 2015. v. 3, p. 540.

<sup>34</sup> LUDOLFO CARTUSIANO. *O livro de Vita Christi em linguagem portuguesa*. Ed. fac-similar e crítica do incunábulo de 1493 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne, S. J. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1957, p. 7.

pois, uma espécie de copista dos novos tempos, uma figura que participava diretamente da confecção de uma nova versão do livro.

Mas para conseguir construir a sua própria casa de impressão, os impressores precisavam realizar um investimento alto para os padrões da época. O impressor Luís Rodrigues, por exemplo, investiu o capital que pôde acumular na terceira década do século XVI como livreiro real na criação de sua própria oficina, em que foram lançados alguns títulos direcionados à formação basilar dos portugueses – além do *Ensino*, editou as duas partes da *Gramática*, de João de Barros (1349/1340), obras que ensinavam os rudimentos das letras.<sup>35</sup> Tendo em vista que esse impressor possuía os direitos de imprimir as *Ordenações de João III* desde 1533, pôde se beneficiar de um negócio rentável, que lhe proporcionou tanto influência na Corte, quanto recursos financeiros para expandir os seus negócios.

Casas de impressão como a de Luís Rodrigues, criadas a partir de auxílios captados por meio de financiamentos régios, foram ferramentas fundamentais para que se expandisse um vocabulário em língua portuguesa acerca das práticas cristãs de devoção. Vocabulário que já vinha sendo desenhado por obras manuscritas e ganhou no livro impresso o seu melhor meio de divulgação, como convém examinar.

---

<sup>35</sup> Sobre o impressor, conferir: ANSELMO, Artur. O livreiro Luís Rodrigues, impressor de textos humanísticos. In: *Humanismo português na época dos descobrimentos: actas / congresso internacional*, Coimbra, 1991. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1993. p. 369-376.

*A expansão da língua portuguesa e de seu vocabulário*

No ano de 1536, era impressa por Germão Galharde a *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira. Dedicado ao fidalgo D. Fernando de Almada – filho de D. Antão, capitão geral de Portugal na época –, esse livro busca explicar como a língua se estabelece, se fixa e se mantém num jogo em que os costumes de seus falantes ajudam a promover novas grafias e modos de pronúncia. Ao definir, logo no primeiro capítulo, o objeto central de seu livro, Fernão de Oliveira afirma: “A linguagem é figura do entendimento, e, assim, é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração [...]; antes,<sup>36</sup> não devia a natureza criar outro mais disforme monstro do que são aqueles que falam o que não têm na vontade [...]”.<sup>37</sup> Atesta esse escritor português – fundamentando-se em Diógenes Laércio, que por sua vez se refere a Sólon – que a pessoa se manifesta verbalmente de acordo com sua própria realidade, pois “os bons falam virtudes, os maliciosos maldades, os religiosos pregam desprezos do mundo e os cavaleiros blasonam suas façanhas [...]”.<sup>38</sup> Ao

---

<sup>36</sup> Neste contexto, significa o mesmo que “pelo contrário”.

<sup>37</sup> FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introd., leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975, p. 38; FERNÃO DE OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536). Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000, p. 83.

<sup>38</sup> FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*, p. 38; FERNÃO DE OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), p. 83.

desenvolver melhor a sua opinião, o autor ecoa a máxima – construída por grandes autoridades da Antiguidade, como Marco Túlio Cícero e Marco Fábio Quintiliano, ambos considerados grandes oradores romanos – de que a palavra verbalizada é uma imagem translúcida do próprio entendimento humano. Na ótica de Fernão de Oliveira, a palavra emergida do entendimento não possuía o poder de conferir sentido às coisas, pois era a própria realidade do mundo que determinava o significado de cada termo. Dito de outro modo, o letrado defende que “das coisas nascem as palavras, e não das palavras as coisas [...]”.<sup>39</sup> O ato criador de sentido era visto como sendo externo ao homem, cabendo-lhe saber como decifrar o mundo pelo seu entendimento. Na opinião dos gramáticos quinhentistas, as palavras podiam revelar uma analogia entre o mundo e a linguagem, de modo que o signo possuía o valor de transmitir aos homens um segre do divino, isto é, uma verdade acerca da própria Criação.<sup>40</sup>

Nesse período de avanço da imprensa em Portugal, Fernão de Oliveira advoga a favor do português e da manutenção de um *corpus* de doutrinas que pudesse regulá-lo.<sup>41</sup> É por isso que ele afirma:

[...] Não trabalhemos em língua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas, que a possamos ensinar a muitas outras

---

<sup>39</sup> FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*, p. 39; FERNÃO DE OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), p. 83.

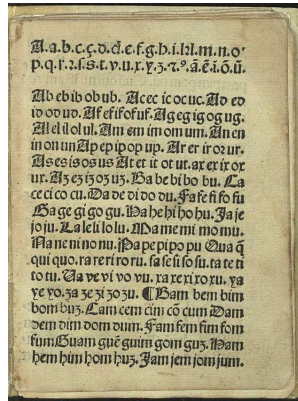
<sup>40</sup> CAVALCANTE SCHUBACK, Mareia Sá. *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 273.

<sup>41</sup> GONÇALO FERNANDES. *A grammatica da lingoagem portuguesa* (Lisboa, 1536) de Fernão de Oliveira (1507-1581) e a linguística portuguesa contemporânea, p. 90-93.

gentes e sempre seremos delas louvados e amados porque a semelhança é causa do amor e mais em as línguas.<sup>42</sup> E, ao contrário, vemos em África, Guiné, Brasil e Índia não amarem muitos os portugueses que entre eles nascem só pela diferença da língua; e os de lá nascidos que-rem bem aos seus portugueses e chamam-lhes seus porque falam assim com eles.<sup>43</sup>



*Grammatica da lingoagem portuguesa.* [Fernão Doliueira]. Em Lixboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536.



*Cartinha pera e[n]sinar leer.* cõ as doutrinas da prude[n]cia e regra de viuer em paz. Nouame[n]te empremida. Lixboa: per Germã [Galharde, 15--].

<sup>42</sup> Este trecho pode ser lido da seguinte forma: “É causa do amor e mais ainda no que diz respeito às línguas.”

<sup>43</sup> FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*, p. 45; FERNÃO DE OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536), p. 83.

Na primeira metade do século XVI, a expansão marítima acompanhou um movimento de valorização da língua portuguesa, bem como de instrumentos que possibilitassem o seu ensino aos súditos dos reis de Avis.<sup>44</sup> Conforme a língua portuguesa foi ganhando defensores como Fernão de Oliveira, crescia o número de obras que visavam enriquecer o vocabulário de mulheres e homens lusos com referências mais precisas e consistentes acerca das terras recém-descobertas ou até mesmo dos costumes e práticas cotidianas.

No que diz respeito mais precisamente à promoção do português no século XVI, a obra *Cartinha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência e as regras de viver em paz*, de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, editada por Germão Galharde mais de uma vez entre os anos vinte e trinta do Quatrocentos, reforçou as bases de aprendizagem dessa língua ao articular o ensino das letras com o dos rudimentos da fé.<sup>45</sup> Transcrevendo um alfabeto, orações e um tratado acerca da prudência, esse livro ajudou a inaugurar uma nova fase de aprendizagem dos costumes cristãos que não negligenciava a iniciação na leitura.<sup>46</sup> Esse modelo de obra não buscava discutir a origem das palavras e tampouco

---

<sup>44</sup> Cf. HUE, Sheila Moura (ed.). *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 10-11.

<sup>45</sup> Acerca da produção da cartinha, ver: PINTO, Américo Cortez. *Da famosa arte da imprimeira*: da imprensa em Portugal às cruzadas d'além-mar. Lisboa: Ulisseia, 1948, p.247- 257; RESINES LLORENTE, Luis. El inédito *As doutrinas da prudência* de Diego Ortiz. *Boletín de la real academia de extremadura de las letras y las artes*. T. XXIII, p. 493-603, 2015.

<sup>46</sup> *Cartinha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência e as regras de viver em paz*. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*. São Paulo: Unifesp, no prelo.

debater acerca da morfologia ou da fonética do português como a *Gramática* de Fernão de Oliveira, já que seu objetivo consistia em ajudar o fiel cristão a aprender a ler e a memorizar um rol de lições basilares acerca da fé católica. Ao adquirir a *Cartinha* de D. Diogo Ortiz de Vilhegas – bispo conhecido especialmente pela escrita da obra *Catecismo Pequeno* –, a pessoa teria acesso, em um mesmo livro, ao Pai Nosso, à Ave Maria, ao Credo, aos mandamentos da lei de Deus, aos nomes dos pecados mortais e dos sacramentos e a outros ensinamentos considerados fundamentais para a formação cristã.

Tal proposta edificante que combina duas modalidades de ensino, das letras e dos próprios costumes cristãos, ganhou novo capítulo no mesmo ano em que o *Ensino Cristão* foi publicado. Em 1539, o impressor Luís Rodrigues, como antes anunciado, publica a primeira parte da gramática de João de Barros – um dos principais historiadores e gramáticos de Portugal desses tempos – que se configura como uma cartinha, nos moldes daquela de D. Diogo Ortiz de Vilhegas. No ano seguinte, complementando a obra desse letrado, o impressor edita a sequência do livro: uma verdadeira gramática com figuras ilustrativas.

A *Gramática da Língua Portuguesa* foi, pois, dividida em dois volumes por Luís Rodrigues. Por um caminho diferente daquele trilhado por Fernão de Oliveira, João de Barros produziu um guia que ajudava não apenas o fiel a aprender o português, mas também a memorizar vocábulos importantes para a sua formação. Quase ao estilo de um catecismo, gênero que começou a pulular na Europa quatrocentista,<sup>47</sup> a primeira parte

---

<sup>47</sup> MOLINARIO, Joël. *Le catechisme, une invention moderne*. De Luther à Benoît. Montrouge: Bayard, 2013, p. 15-21.

da *Gramática* desse fidalgo também servia para que meninos se iniciassem na fé católica a partir da aprendizagem do nome de virtudes, sacramentos, mandamentos e de orações. As cartinhas deram fama a um sistema de ensino de palavras e de expressões concernentes às práticas cristãs por meio de fórmulas mnemônicas, que já apareciam em constituições sinodais e nos manuais de confessores. Era comum, portanto, essas obras possuírem tabelas em que figuravam listas de termos e suas respectivas definições.

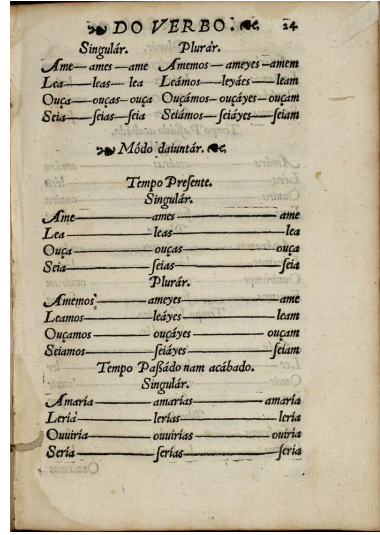
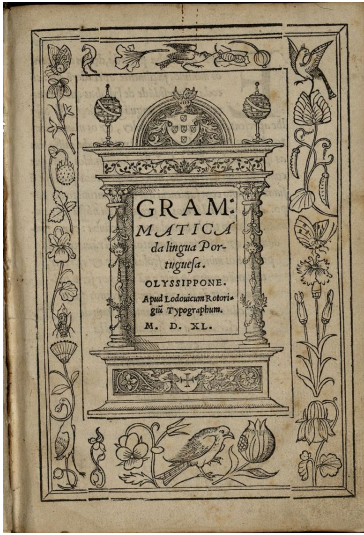
Logo no prólogo da primeira parte da *Gramática da Língua Portuguesa* – dedicada ao príncipe D. Felipe, o filho de D. João III – diz João de Barros:

Lemos, excelentíssimo Príncipe, na vida de Esopo, fabulador moral, que, perguntando por uma hortelã a causa pela a qual a terra mais facilmente criava as ervas que não recebiam benefício da agricultura, do que aquelas cuja semente lhe era entregue com tantos benefícios e mimos para ela as criar, respondeu que a terra era a mãe das ervas que por si dava e madras-ta das que nós queríamos que desse, porque punha sua virtude e força na criação das próprias, como as mães na criação de seus filhos, e tanta remissão nas sementes alheias, como as madras-tas na criação de seus enteados. E a esta razão filosofal, ajudam os médicos com outra da criação dos meninos, dizendo que maior benefício e mais nutrimento recebem do leite de suas próprias mães do que das amas, posto que mais grosso e de melhor compleição seja. Provam-se estes segredos e força da natureza nos mesmos meninos, os quais quando começam a formar nossas palavras, em menos de dois anos sabem toda a língua que mamaram no leite.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> JOÃO DE BARROS. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*. Ed. crítica, leitura modernizada e reprodução fac-similar Gabriel Antunes de Araujo. São Paulo: Humanitas: Paulistana, 2008, p. 81.





*Grammatica da lingua portuguesa* / [João de Barros]. Olyssipone: apud Lodoicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.

Esse humanista considera que os meninos apreendem os vocábulos mais facilmente que os adultos, tornando o uso de cada palavra um exercício espontâneo. Justifica que, enquanto a língua materna é natural, as palavras “apreendidas depois de crescidos [...] ficam no lugar de madrastas [...]”.<sup>49</sup> A partir de obras como essa gramática e outros opúsculos em que João de Barros também discute a aprendizagem das palavras, esse autor sustenta o pressuposto de que a linguagem natural se tratava da

<sup>49</sup> JOÃO DE BARROS. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja*, p. 81.

representação permanente do pensamento<sup>50</sup> – uma forma de traduzir em signos, apreendidos pela convivência social e meios de ensino, uma imagem concebida no interior da mente.

As obras de Fernão de Oliveira, D. Diogo Ortiz de Vilhegas e João de Barros dão pistas sobre como os homens da era dos impressos foram concebendo não apenas a sua língua, mas também a maneira pela qual uma determinada palavra era apreendida pelos falantes do português. O referido *Sacramental*, por exemplo, obteve um sucesso editorial como poucos livros na época, por ser impresso duas vezes no século XV, a primeira em Chaves em 1488 e a segunda em Braga sem data certa; e outras duas vezes no Quinhentos – no ano de 1502 na cidade de Lisboa e no ano de 1539 no episcopado de Braga. Da edição do primeiro exemplar do *Sacramental* à impressão do *Ensino Cristão*, o número de palavras utilizadas para designar as práticas elementares da vida cristã não variou de maneira expressiva, de modo que se conservou o mesmo patrimônio vocabular. Um patrimônio transposto para as primeiras terras conquistadas pelos portugueses na África, Índia e depois América, que foi construído, portanto, por obras como a que agora se edita.

Essa herança em língua portuguesa já vinha ganhando um corpo definido, contudo, desde os séculos XIV e XV, a partir da circulação de manuscritos que eram produzidos pelos *scriptoria* monásticos e pela Corte régia. Nunca é demais lembrar que homens da Corte de Avis investiram não apenas na escrita de novos livros – como D. João I, autor do *Livro de Montaria*; D.

---

<sup>50</sup> BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo*: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, p. 21.

Duarte, autor do *Leal Conselheiro* e da *Ensinança de bem cavalgar toda a sela*; e outros –, mas também em traduções, como o infante D. Pedro, que trasladou para o português a obra de Marco Túlio Cícero, *Dos Ofícios*.<sup>51</sup> Tal era a necessidade de traspor corretamente do latim para o vernáculo que D. Duarte, no referido *Leal Conselheiro*, propôs cinco regras com a finalidade de ensinar os letrados a elaborar uma boa tradução. A primeira regra era conhecer muito bem a obra a ser traduzida; a segunda, “não colocar palavras latinas, nem de outra linguagem”; a terceira, que colocassem palavras que correspondessem ao original; a quarta, não colocar palavras que, segundo o costume, são desonestas; a quinta e última regra, que se escrevesse de maneira clara, “para bem se poder entender”.<sup>52</sup> D. Duarte elaborou esse conjunto de fundamentos numa época em que a demanda por obras em vernáculo crescia, dado o elevado número de fidalgos e clérigos que não dominavam o latim e que necessitavam de obras destinadas à formação moral do cristão.

Entre o final do século XV e início do XVI, não faltavam livros impressos em vernáculo que repetiam o artifício, adotado desde o final do Trezentos pelos guias pastorais em vernáculo, de trasladar para o português lições concernentes ao bom cuidado da alma. Uma parte expressiva dos livros impressos deu ênfase especial a um conjunto de termos e expressões que designa-

---

<sup>51</sup> GOMES, Saul António. As políticas culturais de tradução na Corte portuguesa no século XV. *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, n. 33, p. 173-181, 2010.

<sup>52</sup> DOM DUARTE. *Leal conselheiro*. Ed. crítica, introdução e notas de Maria Helena Lopes de Castro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, p. 363.

vam o nome de ações salutares, como a Penitência – prática essa que ganhou inúmeras definições em vernáculo. A obra *Sacramental* foi um dos livros que contribuiu para expandir as referências em português acerca desta palavra ao afirmar: “Segundo diz Santo Ambrósio, Penitência é o homem chorar pelos pecados passados” e nunca mais cometer os pecados pelos quais chorou. A obra continua:

E com isto concorda São Gregório e diz que Penitência é chorar os pecados feitos antes e depois não cometer. Santo Agostinho diz que a Penitência é uma vingança de que se dói e arrepende dando-se pena e tendo dor do mal que tem feito. Em outro lugar, Santo Ambrósio diz que Penitência é dor de coração e amargura da alma pelos pecados que cada um comete.<sup>53</sup>

Cruzando as opiniões de grandes pensadores da Igreja, o tratado *Sacramental* ajudou a ensinar clérigos e leigos dos séculos XV e XVI a se manterem atualizados a respeito das diferentes acepções da palavra “Penitência”. No limiar do século XVI, já havia um número expressivo de livros pastorais que eram repletos de inventários de nomes de sacramentos, pecados e virtudes, a fim de fornecer ao leitor um quadro de lições com tudo o que ele deveria aprender para amansar os impulsos do corpo e aperfeiçoar o espírito.

Na era dos impressos, o *Ensino Cristão*, ao mirar a formação especialmente dos fidalgos casados, também contribuiu para

---

<sup>53</sup> CLEMENTE SÁNCHEZ DE VERCIAL. *Sacramental*. [Chaves, 1488]. Introd., ed. e lematização de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2015, p. 251.

a naturalização da palavra “Penitência” por meio de trechos como este:

[...] nenhuma coisa tanto tira maus costumes e planta virtudes como o uso frequente do sacramento da Penitência e receber o Santo sacramento do Corpo do Senhor, pela graça que nestes sacramentos é dada à alma. [...] Neste sacramento, são os pecados quebrantados e as forças do demônio enfraquecidas, e à alma perdoada a culpa e dada graça. Pois, segundo diz o sabedor, sete vezes ao dia cai o justo e se levanta.<sup>54</sup>

No fólio anterior a essa prédica, há duas palavras-chave na lateral indicando o assunto ali abordado; a saber: “confissão” e “comunhão”. A proposta do opúsculo é condensar, em poucas páginas, máximas e definições pontuais das práticas cristãs, a fim de facilitar a compreensão dos nomes das principais ações a serem desempenhadas por um católico devoto. Em outras palavras, a leitura do *Ensino* ajudava fiéis desses tempos a ampliar o seu vocabulário concernente ao universo espiritual, sabendo como a aprendizagem de novas acepções de “confissão”, “consciência” e de outras palavras poderia alimentar a sua fé, na medida em que teriam um número maior de referências para se conduzir inteiramente pelos dogmas da Igreja católica. Além disso, ao contrário de manuais de confessores ou sermonários cujo conteúdo era apreendido por um leigo quase exclusivamente pelo intermédio de um sacerdote, o *Ensino* deveria chegar às mãos dos fidalgos, de modo que ele pudesse consultar com os próprios olhos as suas lições e palavras gravadas nas glosas laterais do livro.

---

<sup>54</sup> Pr 24:16.

Se a língua portuguesa poderia, conforme defendeu Fernão de Oliveira, tornar-se um instrumento de agregação em Portugal, Brasil, Ásia e África, a absorção de palavras veiculadas por livros como o *Ensino Cristão* teria um componente especial: unir falantes do português de três continentes distintos em torno de uma mesma fé. Concomitante ao aparecimento das gramáticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, novos títulos de obras impressos em Portugal também permitiam a memorização de lições enriquecidas com o nome de práticas devocionais que todos os fiéis deveriam apreender naqueles tempos. Mais precisamente, o *Ensino* projetou parâmetros de comportamento que nos permitem examinar os limites esperados para as ações dos fidalgos e outros homens num período de amadurecimento da língua portuguesa e de fortalecimento da imprensa no âmbito da casa de Avis.

No caso de obras prescritivas, como esse livro aqui editado, a memorização de um vocábulo era possível a partir do estudo de lições ali contidas em que se articulam significados e empregos do nome de ações praticadas no cotidiano. Tendo em vista o compromisso moralizante do *Ensino Cristão*, destacaremos – na segunda parte deste estudo – a maneira como ele pôde ajudar os portugueses a ampliar as suas referências concernentes às suas práticas devocionais.



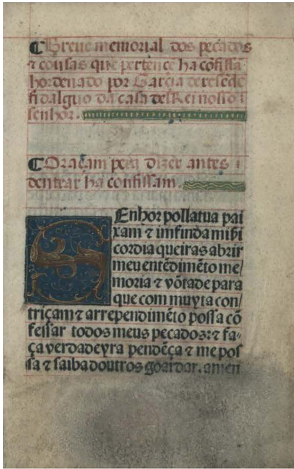
## AS LIÇÕES DO ENSINO CRISTÃO

O *Ensino Cristão* insere-se num panorama de textos moralizantes do século XV e da primeira metade do XVI, especialmente de obras voltadas aos penitentes, em que o alvo principal consiste em instruir o fiel católico para saber como apagar de sua consciência os males enraizados pelos pecados mortais. Um dos livros quinhentistas anteriores ao *Ensino* que possuía o compromisso de ensinar a prática da confissão penitencial é o de Garcia de Resende, editado pela primeira vez no ano de 1518.<sup>1</sup> No início do *Memorial dos Pecados* de Garcia de Resende, o leitor é aconselhado a confessar seus pecados a partir do exame das suas ações mais corriqueiras e da função que exerce na sociedade, ou seja, do modo como cumpre os deveres e as obrigações de seu estado. Garcia de Resende sintetiza essa recomendação ao afirmar: “os religiosos, eclesiásticos, casados, viúvos, solteiros; e oficiais de ofícios mecânicos, cada um veja o estado em

---

<sup>1</sup> O Memorial dos pecados foi impresso em 1518, 1521, 1529, e 1531. A versão de 1518 foi incluída no livro *Manuale secundum consuetudinem alme Colymbriensis ecclesie*, mandado publicar pelo bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida. BELINQUETE, José (org.) *História da catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011, p. 289.





*Breue memorial dos pecados e cousas que pertenc[em] ha cõfissam* / hordenado por Garcia de rese[n]de fidalgo da casa del Rei nosso senhor. Lixboa: per Germão Gaillarde [sic], 25 Feuereiro 1521.

que vive, e se nele faz o que deve e é obrigado”.<sup>2</sup>

Antes da publicação do *Memorial dos Pecados*, mais precisamente no ano de 1497, o impressor Rodrigo Álvares já havia editado o *Sumária Breve*<sup>3</sup> de D. Diogo de Sousa em que são fornecidas recomendações ainda mais precisas acerca dos mandamen-

tos, dos pecados mortais e da própria confissão penitencial. Ao atualizar as sumas do século XIII<sup>4</sup> e o *Decreto* de Graciano —<sup>5</sup>

<sup>2</sup> GARCIA DE RESENDE. *Breue Memorial dos Pecados e Cousas que Pertencem ha Confissam Hordenado*. Org. Joaquim Bragança. Lisboa: [s.n.], 1980, p. 24.

<sup>3</sup> Essa obra foi publicada junto com as constituições sinodais do Porto de 1496 também escritas pelo bispo D. Diogo de Sousa. *Sumário Breve*. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*.

<sup>4</sup> Entre o século XII e começo do XIII, houve uma avalanche de cópias das grandes sumas destinadas à promoção dos sacramentos da Igreja. Destacavam-se obras como *Liber Poenitentialis*, de Alain de Lille, *Suma casibus poenitentiae*, de Raimond de Peñafort. MICHAUD-QUANTIN, Pierre. *Sommes de casuistique et manuels de confession au moyen âge (XII-XVI siècles)*. Louvain; Lille: Éditions Nauwelaerts; Librairie Giard; Montreal: Librairie Dominicaine, 1962. (Analecta Mediaevalia Namurcensia, 13).

<sup>5</sup> *Décret de Gratien*. Causes 27 à 36. Le Mariage. Éd., trad. Introd. et notes par Jean Werckmeister. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011; Cf. CESAR DE LIMA, Maurílio. *Introdução à história do direito canônico*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 299-303.

obra do século XII tida como a base das regras canônicas medievais – o referido prelado afirma que “há de dizer quem se confessa de que qualidade é: se *é* leigo, se *é* sacerdote ou se *é* casado, e declarar o estado de sua pessoa e idade”.<sup>6</sup> Ensinando o fiel a se identificar com o estado a que pertence, essas duas obras, sobretudo a segunda, ajudaram a traduzir regras e preceitos concernentes ao sacramento da Penitência que já eram fixados por tratados redigidos em língua portuguesa desde o final do século XIV.

O livro pastoral *Livro das Confissões* de Martín Pérez – traduzido para o português pelo frei Roque de Tomar no mosteiro de Santa Maria de Alcobaça em 1399 – foi um dos primeiros grandes tratados pastorais em língua portuguesa a justificar a necessidade de a confissão penitencial atentar para as singularidades da vida do penitente. Assevera a obra: “Estas são as circunstâncias” que podem fazer com que o pecado seja mais grave ou não: “A primeira, quem pecou [...]; se varão ou mulher, se espanhol, se francês, se velho, se moço, se são ou enfermo, se fraco ou rijo, se formosa ou feia, se sutil ou boto,<sup>7</sup> se esquecido ou acordado [...]”.<sup>8</sup> Tratados como esse de Martín Pérez foram elaborados numa época em que confessores eram ensinados a avaliar a vida do penitente a partir de suas escolhas e experiên-

---

<sup>6</sup> Sumário Breve. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*. São Paulo: Unifesp. No Prelo.

<sup>7</sup> “Boto” é o mesmo “rude”; “alguém sem entendimento”. BOTO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. Braga: Edições Vercial, 2015. v. 1, p. 327.

<sup>8</sup> MARTÍN PÉREZ. *Livro das Confissões*. [Alcobaça, 1399]. Ed. de José Barbosa Machado e Fernando Torres Moreira. [s.l.]: Pena Perfeita, 2006. v. 2., p. 78.

cias, apurando se ele sabia se comportar de acordo com as regras de sua profissão,<sup>9</sup> condição social e de sua vida como casado, solteiro ou de celibatário.

Conforme os tratados pastorais e manuais de confessores foram ganhando novas versões nos séculos XIV e XV e se tornando mais fáceis de serem lidos e manejados, a esfera da vida cotidiana dos homens leigos começava a ser alvo de novas recomendações, conselhos e críticas. Embora já houvesse uma larga produção em latim acerca dos pecados e mesmo a respeito do Matrimônio e da Penitência, as obras pastorais do final da Idade Média buscaram convencer fiéis letrados e simples a cuidarem de suas ações diárias a partir de exemplos e lições mais fáceis de serem apreendidas. Ao prescrever um receituário de ensinamentos, esses guias dos costumes ofereciam aos homens e às mulheres uma lista de condutas concernente tanto à vida íntima do casal – como regras para regular o coito – quanto à condução de si no espaço público, de modo que conseguissem fazer do casamento um estágio permanente de aprimoramento moral.

### **Primeira causa do *Ensino Cristão***

O *Ensino Cristão*, ao enfatizar as principais tarefas dos homens casados, é uma das obras que veio ajudar os fidalgos portugueses a se comportarem segundo seu estado. No prólogo,

---

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993, p. 162-163.

diz o autor que três foram as causas que o levaram a produzir a obra:

[...] a primeira foi ver quanto fruto se seguiria em serem os filhos dos nobres criados em toda virtude cristã, lembrando-me quão difícil é tirar um pecado que o homem sempre usou em sua mocidade e quão perigosos e danosos são os maus costumes nos nobres *pela muita gente que deles depende e toma exemplo do seu viver* – os quais se viverem conforme ao Santo Evangelho, que é a regra que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou a todos, farão grande fruto em si mesmos e em seus descendentes, criados, chegados e vassalos.

Atualizando a máxima corrente na época de que o fidalgo devia ser exemplo aos seus familiares e criados, a obra propõe ensinar os homens do reino a se tornarem maridos responsáveis por si e por seu grupo a partir da reformulação das práticas dos varões do séquito régio. Logo no início do preâmbulo, o autor esclarece melhor a proposta ao dizer que reuniu os conselhos que “mais quadram com os homens que hão de ser ou são casados, para que” sejam, por meio da obra, “iluminados e saibam o modo pelo qual devem servir a Deus e salvar suas almas segundo seu estado”. Por considerar os fidalgos casados os gestores do reino, de suas casas e de seus criados, o opúsculo investe na formação desses homens com a finalidade de que pudessem inspirar toda a República cristã para bem servir a Cristo. Não se tratava, pois, apenas de definir práticas que fossem exclusivas de homens nobres, mas de, a partir deles, propor um quadro de valores úteis a todos os fiéis cristãos do reino.

No que se refere à formação dos fidalgos, o infante D. Pedro e seu confessor, o dominicano frei João Verba, redigiram

a obra *A Virtuosa Benfeitoria*, em que os grandes homens do reino são alvo de recomendações e advertências. Tomando a obra *Dos Benefícios*, de Sêneca, como sua principal fonte, esses dois asseveraram que “os fidalgos e nobres homens, por sua linhagem e criação, nas compreensões são mais apurados”, de forma que precisavam fazer “suas boas obras em presença de muitos”, com o objetivo de estimular as pessoas a praticarem as virtudes. Concluem a prédica ao afirmar que os nobres tinham a obrigação de “darem exemplo de conhecimento espiritual”, assim como fizeram os Apóstolos ao se dispersarem pelo mundo para pregar a palavra de Cristo.<sup>10</sup> Na mesma esteira dessa obra, o livro *Ensino Cristão* – apesar de ser menor e possuir capítulos menos densos – sugere: “posta a Corte em virtuoso viver, dela emanarão os bons costumes em todo o reino, maiormente porque o ensino em si é tão chão e claro que qualquer clérigo o pode ensinar aos solteiros e casados que o quiserem saber”.

O *Ensino Cristão* foi produzido para que suas lições fossem absorvidas através de duas formas diferentes de leitura: silenciosa e em voz alta. Considera seu autor que “qualquer pessoa que o ler, o pode guardar e fazer o que nele está escrito sem *haver necessidade de um* mestre. Mas a viva voz faz mais impressão e a pessoa toma somente o que convém à sua qualidade [...]”. Em outras palavras, o conteúdo da obra podia ser memorizado não apenas pela leitura introspectiva, mas também pela apreensão

---

<sup>10</sup> DOM PEDRO. Livro da Virtuosa Benfeitoria. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Ed. de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981, p. 710.

são auditiva,<sup>11</sup> de modo que suas prescrições pudessem atingir, inclusive, um público de não letrados.

### Segunda causa do *Ensino Cristão*

Quanto à segunda causa que levou o autor a confeccionar o livro, ele confessa que, por haver um número de eclesiásticos e religiosos menor que de homens casados, devia se preocupar com a formação destes. Segundo o autor, mesmo se todos “os religiosos e eclesiásticos vivessem bem e virtuosamente, era uma perda maior – uma perda *que envolvia* um número maior de pessoas – *o fato de* os casados viverem mal e fora da guarda dos mandamentos do Senhor, por *estes* (os homens casados) serem a maioria”. O *Ensino Cristão* estava, pois, mergulhado em uma época em que os reis e grandes nobres tinham de aprender, tanto a se preparar para uma guerra justa a serviço da Igreja, quanto a colocar em prática um conjunto de doutrinas a respeito da melhor maneira de cuidar de si e dos outros.

O *Ensino Cristão* abre espaço, mesmo em poucas linhas, para recordar os nobres de que não podiam se dedicar à prática de jogos que prejudicavam suas fazendas. Recomendando ao fidalgo a não fazer dessas diversões um vício, apregoa que, da mesma forma “como um letrado *se preza* dos seus livros”, ele tinha de se ocupar no exercício das coisas da guerra, fundamen-

---

<sup>11</sup> Acerca do duplo leitura em voz baixa e leitura silenciosa, ver: BUESCU, Ana Isabel. A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII. *Ler História*, 45, p. 19-48, 2003, p. 18-19.

tal para o seu estado. Antes de propor essa recomendação, o *Ensino* havia prescrito ao fidalgo:

Quando não tiverdes que fazer, ocupai-vos (como já está dito atrás) em algum exercício, a saber: ensaiai-vos a jogar as canas, escaramuçai, correi, saltai, ensinai-vos a jogar de todas *as* armas, justai com armas somente sem tirar invenções e gastos vãos com os quais não haveis de ir à guerra. E quando isto fizerdes, vossa tenção seja para estardes destros para pelejar contra os inimigos da santa fé católica e para irdes servir vosso Rei.

No que toca à aprendizagem do bom uso das armas, o monarca D. João I admitira no *Livro de Montaria* que os fidalgos deviam saber como ocupar seu tempo durante o período de paz prolongada. Confessa o monarca que “o estado dos reis está em duas coisas, no saber reger e defender, e, como estas coisas se poderiam perder”, se deveriam utilizar certos jogos para recrear o entender e não prejudicar o desempenho da força humana quando a defesa do reino fosse necessária.<sup>12</sup> Como muitas lições religiosas desses tempos condenavam os jogos que encorajassem o homem ao vício e à perdição, livros como esse do monarca eram os mais indicados para tornar familiares não apenas ao rei, alvo principal do ensinamento, mas também aos fidalgos, as práticas úteis e profícuas para a sua formação.

---

<sup>12</sup> DOM JOÃO I. *Livro da montaria* feito por D. João I, Rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918, p. 4.

Acerca desse tipo de condenação, a obra *Explicação dos Dez Mandamentos*<sup>13</sup> – compilada em Santa Maria de Alcobaça no limiar do século XV<sup>14</sup> – recomenda aos homens a tomar o exemplo do personagem do Velho Testamento, Tobias, filho de Tobit.<sup>15</sup> Segundo a obra, esse personagem bíblico “sendo mancebo, se guardava de fazer mancebias que os homens fazem – de jazer<sup>16</sup> com mulheres, de jogar os dados,<sup>17</sup> as táboas,<sup>18</sup> a pela,<sup>19</sup> a boleta,<sup>20</sup> o dardo<sup>21</sup> – mas fugia, antes, dos que isso faziam, e ia ao templo com devoção e reverência e orava a Deus verdadeiro”.<sup>22</sup> Caso o homem não evitasse jogos vis ou deixasse de seguir modelos como o de Tobias, o arcediogo de Valderas, Clemente

---

<sup>13</sup> Esta obra é uma tradução de um texto castelhano datado do final do século XIII.

<sup>14</sup> Partes desse opúsculo serviram de base para a confecção do referido *Tratado de confissom* impresso em Chaves.

<sup>15</sup> KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 156.

<sup>16</sup> “Jazer” significava, entre outros sentidos, deitar-se na cama. JAZÈR. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. t. II, p. 188. (Vale ressaltar que as notas no interior da citação são da própria edição).

<sup>17</sup> “pedras de jogo de azar”. DADO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 2, p. 5.

<sup>18</sup> “mesa de jogo”. TÁBOLA. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 4, p. 297.

<sup>19</sup> “Bala de couro cheia de lã, elástica, com que se joga o jogo chamado da pela”. PÉLLA. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. t. II, p. 423.

<sup>20</sup> Provavelmente, trata-se de um diminutivo de “bola”.

<sup>21</sup> “Arma de arremesso em forma de lança”. DARDO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 2, p. 21.

<sup>22</sup> Explicação dos Dez Mandamentos. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*; Tb 1:5-6.



Sánchez de Vercial – cuja obra *Sacramental* foi referência em Portugal – aconselha-o a se confessar nos seguintes moldes: “Pequei pelo sentido da vista, pois vi muitas mulheres e as acatei com cobiça de luxúria, de boa vontade vi jogos, danças e outras coisas vãs [...]”.<sup>23</sup>

Para corrigir a vida dos praticantes de jogos não lícitos, Martín Pérez já havia aconselhado a cura de almas a agir deste modo: “Demandarás tu confessor ao que a ti se confessa se jogou a dados ou a távolas ou a outros jogos quaisquer que sejam de cobiça. E diz-lhe que confesse, nove pecados que se acham nestes tais jogos”. O praticante desse tipo de jogo devia dizer que cometeu o pecado da cobiça (1), da usura (2), do roubo (3) e que ainda proferiu palavras vãs e mentirosas, provocando a contenda (4). Além disso, precisava confessar que cometeu blasfêmia (5), deu azo para muitos aprenderem a pecar (6) e que suas ações foram um escândalo aos bons e justos (7). Por fim, devia dizer que perdeu seu tempo e seus bens (8) e que desprezou a Santa Igreja, pois ela “veda e defende<sup>24</sup> muito todos os jogos de dados, de távolas e todos os outros jogos de cobiça (9)”.<sup>25</sup> Restrições concernentes à regulação das práticas dos homens continuaram a repercutir pelo *Ensino Cristão*, que enfatiza que “se o demônio se pudera rir, zombará de ver virtuosos mil clérigos ou religiosos, e de outra parte cem mil *casados* viverem em ódios, juramentos, invejas, ambições, cobiças, jogos, enganos e mentiras, murmurações, falsidades, soberbas, vinganças e

---

<sup>23</sup> CLEMENTE SÁNCHEZ DE VERCIAL. *Sacramental*. [Chaves, 1488], p. 245.

<sup>24</sup> O mesmo que “proíbe”.

<sup>25</sup> MARTÍN PÉREZ. *Livro das Confissões*. [Alcobaça, 1399], Partes I e II, p. 153-154.

outras coisas semelhantes a estas”. O *Ensino* foi escrito, desse modo, para ajudar os fidalgos a se guardar de jogos vãos e aprender a zelar tanto pelo corpo quanto pela alma.

A respeito das doutrinas relativas à recreação dos fidalgos, que ganharam espaço na produção dos primeiros governantes avisinos, as referências existentes não se limitavam apenas ao *Livro de Montaria*. Seguindo os caminhos de seu pai, D. Duarte apregoa – no livro de *Bem Cavalgar toda Sela* – que, “no tempo da paz, recebem os que desta manha usam grandes vantagens em justar, tornear, em jogar as canas, reger alguma lança e sabê-la bem lançar”.<sup>26</sup> Ao escrever um livro em que visa cultivar bons monteiros e cavaleiros, o rei Eloquentemente orienta os varões fidalgos não apenas a tratar dos cavalos, mas especialmente a cuidar de si próprios, realizando uma atividade destinada ao fortalecimento do corpo e da alma.<sup>27</sup> Uma proposta de estabelecer parâmetros de ação que, dada a carência, na época, de livros em língua portuguesa específicos acerca do estado dos fidalgos, ecoou por outras obras e encontrou espaço certo no *Ensino Cristão*. Entre o século XV e a primeira metade do XVI, período que separa a elaboração dessas duas obras, a despeito das especificidades de cada reinado avisino, emergia um discurso cada vez mais sólido em Portugal a respeito das diretrizes da vida dos fidalgos – fosse no âmbito da guerra, fosse na esfera familiar e da casa.

---

<sup>26</sup> DOM DUARTE. *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*. Ed. crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986, p. 6.

<sup>27</sup> Para uma visão mais pormenorizada dessa obra, consultar: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *A literatura Doutrina na Corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 203-242.

Abordadas as prédicas sobre os jogos e a montaria, foquemos agora em outra prédica recorrente, nesses tempos, a respeito das responsabilidades dos homens casados no âmbito da casa. A obra *Regimiento de Príncipe* do prelado e canonista Egídio Romano – traduzida para o castelhano e glosada por García de Castrojeriz no ano de 1344 – foi uma das bases teóricas que, ao refletir acerca das diferentes esferas de atuação do governante, chama atenção para regras específicas para ajudar o varão a administrar a sua casa. No segundo livro da versão castelhana dessa obra, intitulado *Do governo da casa*, o glosador, ao defender que o homem é um animal gregário, arrola uma lista com quatro necessidades básicas para a sobrevivência deste. Segundo o glosador da obra de Egídio Romano, “a primeira necessidade é a vianda de onde se governa, e é melhor aparelhada como nenhuma outra animália, porque tem a compleição melhor e mais sutil”.<sup>28</sup> A segunda necessidade é de vestimenta, para se manter protegido do calor e do frio; a terceira trata-se da própria obrigação de se defender, tendo Deus dado aos homens as mãos para fazer armas e outros instrumentos para a sua proteção. A última necessidade de todo homem é doutrina para aprender a se comportar em seu grupo. Tal letrado sugere, porém, que o corpo, a vestimenta, a defesa e o ensinamento apenas formariam um todo harmônico e preencheriam as necessidades básicas da vida se o homem tivesse uma companhia ao seu lado.<sup>29</sup> Advogando a favor da vida conjugal, García de Castrojeriz procura

---

<sup>28</sup> *Glosa Castellana al “Regimiento de Príncipes” de Egidio Romano*. Ed., estudio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005, p. 330.

<sup>29</sup> *Glosa Castellana al “Regimiento de Príncipes” de Egidio Romano*, p. 330.

convencer não apenas o monarca, mas outros varões de que o homem não podia negligenciar o governo da mulher e filhos,<sup>30</sup> governo tido como basilar para a edificação do bairro, da cidade e do reino.<sup>31</sup>

Penetrando no mesmo campo pedagógico dessa versão castelhana do *Regimento de Príncipe*, o bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas arrolou em duas de suas obras – no *Cathecismo Pequeno* e na *Cartinha para ensinar a ler* – prédicas como essa acerca das virtudes que deviam guiar a administração da casa e de outras esferas de poder. Nesta obra, o bispo de Ceuta inseriu um pequeno tratado acerca da prudência, em que ressalta que “boa inclinação sem prudência é muito perigosa, como a ligeirice do cavalo cego ou desenfreado”. Segundo ele, “a prudência acha o meio em que a virtude consiste, buscando, por meio de bom conselho, muitos bons caminhos para bom fim, e escolhendo, por meio de bom e direito juízo, os melhores ou mais convenientes [...]”.<sup>32</sup> Ao classificar essa virtude diz que “a prudência tem cinco maneiras, a saber: monástica, econômica, política, regnativa e militar. Monástica é prudência particular, porque cada um há de reger a si mesmo. Econômica é para reger sua casa e família”. Política corresponde ao governo dos súditos. “Regnati-

---

<sup>30</sup> Ver o capítulo: Em que demonstra de outra guisa são de governar as mulheres e de outra os filhos. In: *Glosa Castellana al “Regimiento de Príncipes” de Egidio Romano*, p. 388-392. CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Trad. Maria Helena da Cruz Coelho et. al. Porto: Edições Afrontamento, 1993. v. 2.

<sup>31</sup> *Glosa Castellana al “Regimiento de Príncipes” de Egidio Romano*, p. 334.

<sup>32</sup> *Cartinha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência e as regras de viver em paz*. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*.

va é para reger e governar o reino e a comunidade. Militar é para *se defender*".<sup>33</sup>

Logo na sequência do opúsculo, considera o bispo de Ceuta que “na casa e família, há três ordens, a saber: marido e mulher, pai e filho, senhor e servo; e a cada ordem destas a prudência dá regimento, pondo algumas doutrinas”. Em relação ao cuidado com a esposa, as doutrinas seriam estas:

A primeira: quando tomares mulher, escolhe a virtuosa antes que a rica e formosa [...]. A segunda: terás benevolência à tua mulher, de maneira que não perca a obediência. Não sejas carregado, nem ocioso. A terceira: seus vestidos e atavios sejam convenientes a teu estado e condição, segundo o estilo das mulheres sisudas da tua cidade ou lugar, que são suas iguais. A quarta: assim trata a tua mulher quando fores presente, que se suporte quando fores ausente. A quinta: trata tua mulher não como serva, nem como senhora, mas como companheira, pois Deus a criou não da cabeça, nem dos pés de Adão, mas do costado.<sup>34</sup>

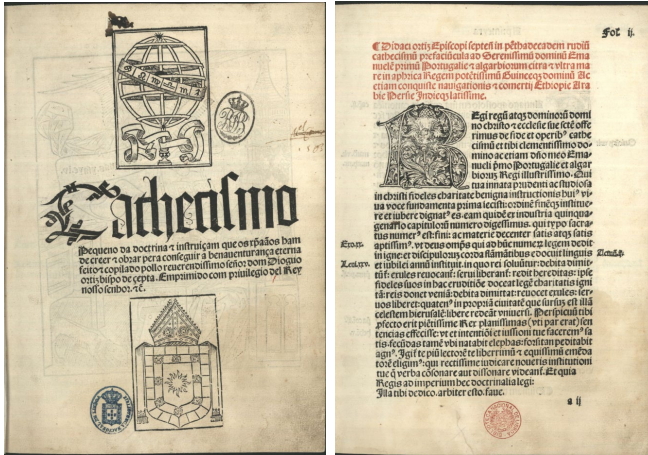
Outras doutrinas são concernentes aos cuidados a serem tomados com a formação dos filhos. Acerca desse segmento de regras, apregoa D. Diogo Ortiz de Vilhegas: “cria teus filhos em bons costumes e disciplina a serviço de nosso Senhor [...] dá-lhes bom exemplo e boas doutrinas, não os deixes ter más companhias, nem jogar jogos ilícitos e não convenientes”. Aconselha ainda o homem a não deixar seu filho “seguir sempre o seu ape-

---

<sup>33</sup> Cartinha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência e as regras de viver em paz. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*.

<sup>34</sup> Cartinha para ensinar a ler com as doutrinas da prudência e as regras de viver em paz. In: TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*.

tite e paixões, porque depois de mal acostumado não saberá fazer outra coisa”.



*Catecismo pequeno da doutrina e instrução que os xpãos ham de creer e obrar pera conseguir a benaenturança eterna / feito e copilado pollo reuerendissimo señor dom Dioguo Ortiz bispo de çepta.... Lixboa: per Valenti[m] Fernández alemã e Iohã Pedro Boóhomini de Cremona, 20 Julho 1504.*

A propósito da relação familiar, o infante D. Pedro já havia diluído na *Virtuosa Benfeitoria* recomendações acerca da relação entre o pai e os seus filhos ao asseverar – em certa altura em que trata da vida dos senhores – que “qualquer pai deve haver cuidado de governar seus filhos, assim como suas próprias coisas”.<sup>35</sup> Dada a importância de definir os limites desse tipo de

<sup>35</sup> DOM PEDRO. Livro da Virtuosa Benfeitoria. In: *Obras dos Príncipes de Avis*, p. 578. Para um balanço geral de outras obras que abordaram esta mesma temática, sugiro: FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*.

relação na época, impressões concernentes à criação dos filhos também são encontrados nas crônicas régias, como na *Crônica de D. Afonso V*, do cronista-mor do reino e guarda-mor da Torre do Tombo, Rui de Pina.<sup>36</sup> Nessa obra, o cronista reproduz este conselho, sobrelevado pelas restrições colocadas às mulheres, que teria sido apregoado nas Cortes de Lisboa de 1439 por um procurador da cidade do Porto chamado João Gonçalves: “Primeiramente a criação do rei, por ser em poder de mulher, é a ele muito danosa, e sempre por isso ficará fraco e afeminado. Que para qualquer homem privado é aleijão sobre todos, quanto mais para rei”.<sup>37</sup> Na sequência, o cronista acrescenta outra parte do discurso do procurador que retém nossa atenção : “[...] bem entendido e virtuoso, seja assim criado em tanta aleijão, é a criação em poder de mulheres”.<sup>38</sup> A partir do discurso de um homem atuante na Corte, o cronista dá voz à opinião bastante comum na época de que os varões possuíam a responsabilidade muito maior na criação dos filhos, sobretudo dos meninos, para que aprendessem valores varonis.

---

Porto: Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995, p. 163-199.

<sup>36</sup> Quanto ao cronista Rui de Pina, ver: RADULET, Carmen. *O Cronista Rui de Pina e a “Relação do Reino do Congo”* – Manuscrito inédito do Códice Riccardiano 1910. Portugal: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1992.

<sup>37</sup> RUI DE PINA. *Chronica do senhor rey D. Affonso V*. In: *Crônicas de Rui de Pina*. D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II. Introd. e rev. de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1977, p. 643.

<sup>38</sup> RUI DE PINA. *Chronica do senhor rey D. Affonso V*. In: *Crônicas de Rui de Pina*, p. 644-645.

### Terceira causa do *Ensino Cristão*

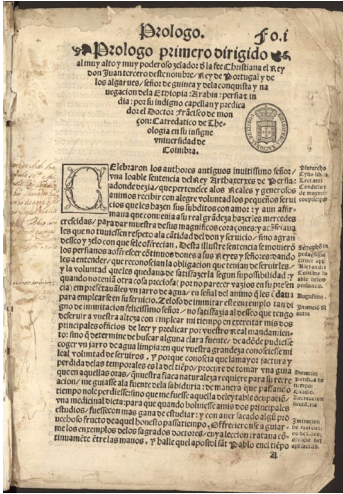
Ecoando conselhos como esses e outros também concernentes ao cuidado a ser tomado com a prole, o autor do *Ensino Cristão* afirma que a terceira e última causa da obra é convencer os homens a se ocuparem da formação dos filhos. Diz esse autor que “se mal ensinados são em sua mocidade, com grande dificuldade tornam aos costumes cristãos; e, pois, quando a fonte é peçonhenta, os rios que dela manam também o são, e se é de boa água os rios são saborosos e são”. Além de os pais terem de se ocupar dos filhos, o *Ensino* admoesta-os para serem exemplos de vida, justificando que “se os casados dos quais procedem as gentes forem cheios de vícios e pecados, tais serão a maioria dos que deles procederem; e se forem virtuosos, a maioria dos filhos os seguirão”. No final, a obra sintetiza parte dos deveres do homem casado ao recomendar-lhe esta lição:

Em suma deste ensino, lembrai-vos que há dois estados no mundo: um de gente que tudo deixa por amor de Deus, como fazem os religiosos; outro, de gente que serve ao Senhor com todas as coisas que tem – e este é vosso estado, porque haveis de servir a Deus sendo casados, com a pessoa, confessando-vos. [...]. Com os filhos, oferecendo-os a Seu serviço e criando-os em Seu temor e amor. Com a mulher, fazendo-a servir ao Senhor com admoestações e encomendo-lhe a criação de vossos filhos no temor do Senhor. (Grifos nossos).

Embora o *Ensino* não parta da Filosofia Moral, isto é, do estudo dos ramos da prudência descritos por D. Diogo Ortiz de



Vilhegas, não deixa de instruir os homens para se atentarem para a formação tanto dos filhos quanto de sua esposa.



Além dos filhos e esposa, o *Ensino Cristão* também instrui o homem, durante um de seus capítulos, a cuidar de seus criados. Anuncia que uma das funções do fidalgo era castigá-los para que não jogassem, jejuassem, pelessem e tampouco falassem palavras desonestas, isto é, que não cometessem vícios e aprendessem a ser virtuosos em seu estado. Caso os criados ficassem doentes, era dever do nobre consolá-los, fazendo-os receber “os sacramentos da Santa Madre Igreja”, nomeadamente a Confissão, a Comunhão e a Extrema-Unção. Além dos criados, a obra não deixa de exortar os fidalgos a cuidar dos escravos que precisavam, assim como os criados, de instrução e bons ensinamentos por meio de suas palavras. Quanto à formação dos escravos, aconselha o *Ensino*: “Se tiverdes escravos e forem cristãos, fazei com que sejam ensinados nas coisas da nossa santa fé, e lembrai-vos o que diz o Apóstolo São Paulo a Timóteo: ‘Se alguém não

FRANCISCO MONZON. *Libro primero d'l Espejo del pri[n]cipe christiano* que trata como se ha d' criar vn principe o niño generoso desde su tierna niñez cõ todos los exercicios & virtudes que le conuienen hasta ser varon perfecto. Lisboa: e[n] casa de Luis Rodriguez, 1544.

tem cuidado dos seus, em especial dos que vivem em sua casa, *então* negou a fé, e é pior (quanto a esta questão) *do* que um infiel”. Conselhos semelhantes a esses foram prescritos pelo volumoso *Libro Primero del Espejo del Principe Christiano* – para citar um dos mais importantes tratados da Corte de Avis do final da primeira metade do século XVI – do pregador espanhol e membro da corte de D. João III, Francisco de Monzón, que foi impresso pela oficina de Luís Rodrigues no ano de 1544. Esse autor argumenta que os portugueses tratam “os negros de Guiné, índios e todos os escravos” oriundos da navegação não como cativos, mas, sim, como criados “e ainda muitas vezes os amam como filhos próprios, deixando-os herdeiros de suas fazendas”.<sup>39</sup> Ao recomendar certos cuidados a serem tomados com os escravos, Francisco de Monzón retoma uma das máximas defendidas por livros como o *Ensino*, a de que esses homens precisavam ser instruídos e corrigidos por seus senhores.

A falta de uma obra como o *Ensino* no final do século XIV ou início do XV não significa, contudo, que os letrados portugueses não estivessem preocupados com a formação dos casados ou mesmo com a própria gestão da casa e do patrimônio da família. Ao confrontar livros chave da instrução de fidalgos do século XV, tais como o *Leal Conselheiro* de D. Duarte, a *Virtuosa Benfeitoria* de D. Pedro ou mesmo o *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial, não é difícil concluir que a esfera da casa era abordada juntamente com outras dimensões da vida,

---

<sup>39</sup> FRANCISCO MONZON. *Libro primero d'l Espejo del pri[n]cipe christiano que trata como se ha d' criar vn principe o niño generoso desde su tierna niñez cõ todos los exercicios & virtudes que le conuienen hasta ser varon perfecto*. Lisboa: e[n] casa de Luis Rodriguez, 1544, f. CXLVIII.

de modo a proporcionar uma formação completa aos homens e às mulheres desses tempos. As prédicas direcionadas aos casais, diluídas em um conjunto de obras edificantes, buscavam fazer do varão fidalgo um fiel virtuoso e preparado para cuidar de si, da casa e do reino. É por isso que letrados do Trezentos, ao procurarem formar um homem prudente – fosse para ser rei, funcionário régio ou para desempenhar outra atividade qualquer – tinham como fim último a construção dos alicerces de um reino sólido, estruturado e conduzido por varões comprometidos com as regras de seu estado. No âmbito da produção laical ou religiosa, o ensino para a boa condução de si, da casa e de seu grupo possuía, portanto, um alvo certo: a edificação de um reino virtuoso. Possuir varões que soubessem como agir em diferentes circunstâncias da vida, cuidando de seu patrimônio, criados e esposa foi, pois, uma das soluções encontradas por letrados avulsos para formar bons senhores.

Foi a partir dessa tríade aristotélica – pessoa, casa e reino –, alimentada por obras como o *Regimento de Príncipe* de Egídio Romano, que os letrados procuravam estabelecer parâmetros de ação para os nobres dos séculos XV e XVI. Parte destes homens, antes de serem elevados à condição de vassalos do rei – sobretudo depois da ascensão da casa de Avis ao poder em 1485 – eram peões,<sup>40</sup> ou seja, pessoas que foram integradas à Corte somente depois de terem prestado serviços à nova coroa. Dito de outro modo, a ascensão ao trono de D. João I ajudou a formar um novo grupo de nobres que carecia de instrução, isto é, de uma

---

<sup>40</sup> MORENO, Humberto Baquero. O princípio da época moderna. In: TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru, SP; São Paulo, Portugal, PO: EDUSC; UNESP, Instituto Camões, 2000, p. 53.

base mais consistente para se familiarizar com preceitos cristãos. Dada a origem desse grupo de homens, muitos provavelmente não possuíam o mesmo grau de instrução de um nobre já iniciado nas regras de convivência da Corte, de modo que boa parte das obras moralizantes do período serviram, entre outras finalidades, para iniciar essa gente nas noções elementares da fé católica e nas práticas típicas do meio cortesão. Os livros escritos no final do século XV e na primeira metade do XVI não perderam esse compromisso de educar nobres pouco versados nas regras de seu estado. Livros semelhantes ao *Ensino Cristão* foram, pois, o baluarte da formação de homens que deveriam se habituar às regras da Corte.

O *Ensino Cristão* foi produzido, na verdade, num momento em que se intensificava a proposta pastoral de aconselhar homens e mulheres sobre os benefícios do Matrimônio. Já a partir de 1540, quando é editada pela primeira vez a obra *Espelho dos Casados* do Dr. João de Barros – homônimo do mesmo autor da *Gramática...* –, a esfera do casamento foi alvo de uma longa discussão que se arrastou por todos os capítulos da obra. Esse letrado humanista traz à tona a necessidade de se refletir especificamente acerca do Matrimônio, enfatizando temas como a união entre marido e mulher e a cumplicidade exigida de ambos – temas que, embora tenham sido abordados anteriormente, são mais bem ordenados e sistematizados durante as quatro partes do livro.<sup>41</sup> Para promover o casamento, o Dr. João de Barros

---

<sup>41</sup> Os Benefícios do casamento haviam sido mencionados em uma das partes do livro, publicado em língua castelhana, *Marco Aurelio con el Relox de Principes*, do letrado e franciscano espanhol frei Antônio de Guevara, – que foi impresso em Lisboa no dia 13 de setembro de 1529 por Germão Galharde,

constrói sua obra em um jogo dialético de tese, síntese e antítese: primeiro, expõe doze teses acerca dos aspectos negativos do casamento; depois elabora doze razões favoráveis ao enlace; e, na terceira parte, elenca outros doze pressupostos para desconstruir as dozes impressões, apresentadas no início, contrárias à união matrimonial. O livro ainda possui uma quarta parte em que o autor apresenta as razões para que “os casamentos se façam bem e ao serviço de Deus”.<sup>42</sup>

O Dr. João de Barros procura estimular homens e mulheres a se casarem a partir de um confronto de opiniões que o remetia não apenas à sua experiência de vida, mas igualmente à leitura realizada por ele de autores da Antiguidade. Um exemplo da primeira e terceira parte do tratado é suficiente para adentrarmos o universo de conselhos criados por esse autor quinhentista para convencer o homem a se casar e a honrar a sua esposa. No capítulo acerca da primeira razão das cargas do Matrimônio, ele apresenta a primeira “tese” com o argumento que se segue:

Nas leis achareis, e os Antigos assim o diziam, que falando nele punham logo *Onus Matrimonii*, que quer dizer carga de Matrimônio, porque não há maior carga que ver um homem casado. Dizia Marco

---

poucos meses depois de sua primeira edição na Espanha. ANTONIO DE GUEVARA. *Libro del eloquentissimo Emperador Marco Aurelio con el reloj de principes. Van mas que en los passados añadidas nueue cartas y siete capitulos no de menor estilo y altas sentecias que todo lo enel mas contenido*. Lisboa: por Germã Gallart (sic); a costa e impensas del... varon Federique loner, 1529.

<sup>42</sup> *Espelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueitoso & necesareo seja o casam[en]to... / nouam[en]te cóposto pelo doctor Ioã de Barros, cidadão da cidade do Porto. Porto: Vasco Diaz Tanco d[e] Frexenal, 20 Feuro [sic] 1540. f. LXIV.*

Aurélio, queixando-se dele, que 36 anos fora solteiro, que lhe parecê-  
rão dias, e seis que fora casado lhe pareceram seiscentos.<sup>43</sup>

Em outra altura, Dr. João de Barros, ao apresentar um contra-argumento para esta objeção ao casamento, assevera: “Primeiramente, não empece o primeiro fundamento em se dizer que é grande a carga<sup>44</sup> do Matrimônio, porque ainda que seja assim, não é para que, por isso, o homem deixe de se casar”.<sup>45</sup> Segundo o humanista, “para o homem viver alegre não há melhor aparelho que o Matrimônio, no qual está tanta glória e deleite que mais em outra coisa não pode ser: de onde dizemos que o que não tem mulher não sabe que coisa é bem”.<sup>46</sup> Por meio de prédicas como essa e de outras ainda mais específicas a respeito da relação entre homem e mulher, esse letrado Quinhentista visa convencer os leigos a conceberem o casamento como uma etapa natural da vida humana.

Ao procurar desconstruir as teses contrárias ao casamento, o *Espelho dos Casados* apresenta argumentos que contrariam a perspectiva de livros de inspiração ascética escritos entre os séculos XIV e XV, como o *Boosco Deleitoso* e o *Horto do Esposo*. Quanto às cargas do Matrimônio, o *Boosco Deleitoso* havia defendido, por exemplo, que o varão não podia nunca esquecer

---

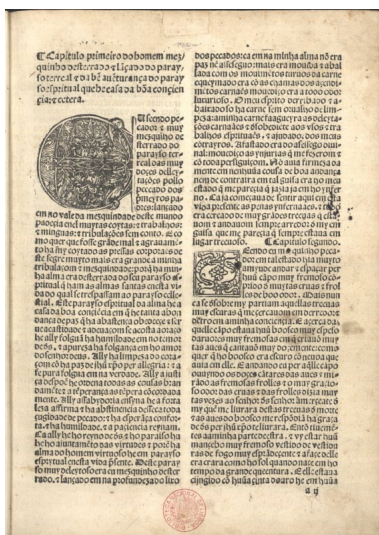
<sup>43</sup> *Espelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueitoso & necesareo seja o casam[en]to*, f. 2-2v.

<sup>44</sup> O mesmo que carga. CÁRREGA. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 1, p. 367.

<sup>45</sup> *Espelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueitoso & necesareo seja o casam[en]to*, f. 36v

<sup>46</sup> *Espelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueitoso & necesareo seja o casam[en]to*, f. XXIV.

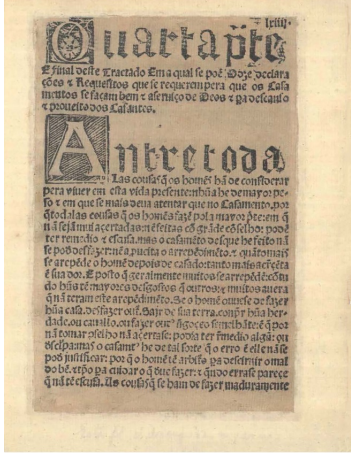
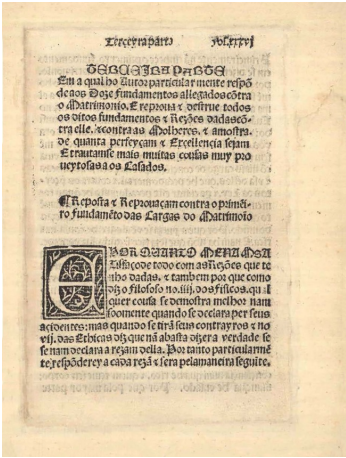
conselhos como este: “pois, que será dos casados? Pois o homem casado tem consigo pena e padecimento que não pode esquivar e tormento continuado e mal necessário e batalha de dentro de si mesmo. Porque a mulher desseca o homem por muitos e desvairados cuidados”.<sup>47</sup> Procurando combater esse ponto de vista, o autor humanista insiste para que o varão não negligencie os benefícios do casamento, tais como: a manutenção de sua memória pela procriação, a companhia de sua consorte, o futuro da República, entre outros.



*Bosco deleytoso*. Lisboa: Hermã de Câpos, 24 Mayo 1515.

<sup>47</sup> *Bosco deleytoso*. Ed. do texto de 1515, com introd., anotações e glossário de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. v. 1, p. 144.

# AS QUATRO PARTES DO ESPELHO DOS CASA- DOS DO DR. JOÃO DE BARROS

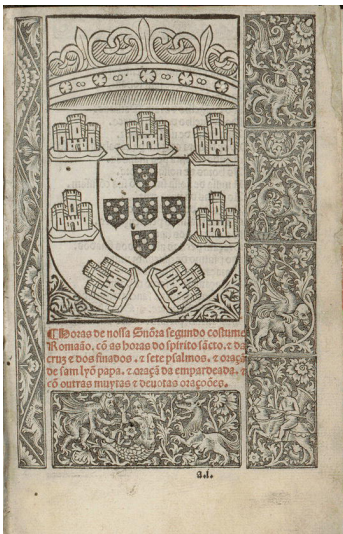


Espeelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueroso e necesario seja o casam[en]to... / nouam[en]te cōposto pelo doctor Ioã de Barros, cidadão da cidade do Porto. Porto: Vasco Diaz Tanco d[e] Frexenal, 20 Feuro [sic] 1540.



Embora o *Espelho dos Casados*, do humanista Dr. João de Barros, e o *Ensino Cristão* defendam o casamento como um estágio da formação moral dos varões, há uma grande diferença entre esses dois livros a ser destacada: o segundo não se configurava como um espelho em que os casais encontrariam diferentes explicações relativas aos benefícios morais da união matrimonial. O resultado esperado pelo *Ensino Cristão* era, pois, estimular os homens casados da época do infante D. Filipe, filho de D. João III, a serem iniciados na doutrina católica e a confessar seus pecados – uma meta que nos motiva a analisar, no próximo tópico, as recomendações da obra destinadas à formação religiosa dessa gente.

### *Práticas de devoção*



O *Ensino Cristão* foi importante não apenas para convencer o fidalgo casado a evitar jogos cobiçosos, a zelar pela família e colocar em prática outras atividades enumeradas acima, mas também para encorajar o seu interlocutor a confessar os seus

*Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano ...* Paris: Narcisse Bruno, 13 de Fevereiro de 1500. Este foi o primeiro livro de Horas impresso em língua portuguesa.

pecados e a dedicar-se às obras de misericórdia. Nos moldes de tratados mencionados no início, como o *Livro das Confissões* e o *Sacramental*, essa obra ensina que “a confissão, segundo S. Jerônimo, é a segunda tábua em que nos havemos de salvar dos perigos deste mundo,<sup>48</sup> porque a primeira é o Batismo”. Ao prosseguir, afirma que os pecados são, no sacramento da Penitência, “quebrantados e as forças do demônio enfraquecidas, e à alma perdoada a culpa e dada graça”. São conselhos como esse que corroboraram a missão da Corte avisina de fazer com que o nobre purgasse seus erros e se sensibilizasse diante das perdas decorrentes dos pecados cometidos.

Ao longo de seus poucos fólhos, o *Ensino Cristão* enfatiza desde as lições que se deviam memorizar até os meios pelos quais elas podiam ser apreendidas; ou seja, penetra no território dos confessores ao fazer da confissão penitencial uma “escola” para a formação de fiéis tementes às regras de seu estado. Ao recomendar que o fidalgo adotasse práticas de devoção mais introspectivas e meditativas, essa obra sintetiza uma de suas principais proposições neste conselho:

Para melhor poderdes fazer vossa confissão, deveis cada noite examinar vossa consciência das coisas que fizestes naquele dia; o que achardes que foi culpa, *deveis* escrevê-lo de maneira que só vós o saibais ler e guardá-lo em lugar *em* que não possa ser achado. Esta examinação fareis ligeiramente, trazendo à memória as coisas que vistes, com quem falastes, os lugares por onde andastes, e o que fizestes neles *e* os pensamentos que cuidastes; e também os pecados a que sois mais inclinados e acostumados, e das culpas que vos assim lembrades de-

---

<sup>48</sup> Este conselho já havia sido mencionado em outras obras, como o *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial.

veis de vos arrepender, assim como as escreverdes e pedirdes a Nosso Senhor perdão com propósito de emenda. E quando ao cabo da semana vos houverdes de ir confessar, lede vosso papel e pesai-vos muito das culpas que nele estão escritas e das que vos podiam esquecer e assim vos ireis confessar.

Nos moldes de um exame estoico,<sup>49</sup> o *Ensino* busca persuadir seu interlocutor a realizar um exercício meditativo no final do dia, pelo qual analisaria suas ações corriqueiras com o objetivo de identificar os pecados que cometeu dentro e fora de sua casa. Nesse exame noturno, em que a meta era recordar cada passo dado até à hora de dormir, nada podia escapar da mira do nobre, tendo de refletir sobre seus pensamentos, práticas e também acerca da maneira como se relacionava com outras pessoas de seu círculo – como a esposa, os filhos, os criados e outras mais distantes.

Visando manter o fiel cristão constantemente em alerta, o *Ensino Cristão* não apenas recomenda que era necessário realizar o exame noturno das faltas, mas também a não deixar a cabeça ociosa. Afirma que “se o homem está ocioso de obras, não o está de pensamento, o qual em nenhuma coisa ou em outra sempre se ocupa e não cessa de fazer seu ofício”, que é pensar. Em razão da necessidade de evitar maus pensamentos, o *Ensino* ainda adverte que é importante ter os pensamentos “em ferros, como a servo fugitivo, isto é, com ocupação de alguma boa obra”. Da-

---

<sup>49</sup> Acerca da relação entre o exame de si estoico e a confissão cristã, ver: FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 204-206. FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité. Les aveux de la cher*. Édition établie par Frédéric Gros. Paris: Éditions Gallimard, 2018. v. 4, p. 106-107.

dos os cuidados a serem tomados tanto com o corpo quanto com a alma, o autor dessa obra reserva boa parte de seus ensinamentos para instruir o fiel a dominar seus pensamentos, corrigir seus impulsos e purificar a consciência.

Uma das principais armas utilizadas pelo *Ensino Cristão* para sensibilizar o nobre cavaleiro – cuja vigor físico e habilidades guerreiras eram a principal marca de seu estado, proporcionando trunfos exaltados por crônicas – consistia não apenas em torná-lo bom marido, mas também um modelo de fiel contrito. É por isso que a obra diz ao fidalgo casado:

[...] *serdes* do Espírito Santo ensinados, é muito necessária a limpeza do coração e pureza da consciência. Portanto, como coisa mais substancial deste tratado, com a qual tudo vos será fácil e suave de fazer, haveis de ter por regra usardes de misericórdia com vossa alma e curá-la quando está enferma de algum pecado, confessando-vos muito amiúde [...].

Como todo fiel devia confessar seus pecados – não importando sua origem, estado ou sexo – a obra investiu diretamente no varão casado para que o conselho acerca da confissão e do próprio exame noturno da consciência fosse estendido aos demais de seu grupo, de forma que aprendessem com ele a dominar seus impulsos e a não hesitar na hora de reconhecer suas faltas e erros.

Embora o *Ensino Cristão* seja destinado aos homens casados, o seu alvo não é discutir o sacramento do Matrimônio, mas as práticas devocionais dos fiéis cristãos leigos. Já tratados pastorais da Idade Média, como o supracitado *Livro das Confissões* de Martín Pérez, além de inventariarem as práticas introspectivas

de exame e de adoração, abriam espaço para discorrer sobre o significado do casamento e, sobretudo, acerca dos casos que o impediam de ser realizado. O *Ensino*, pelo contrário, não pode ser confundido com um livro que devia ajudar o sacerdote a ministrar o Matrimônio ou a julgar certas circunstâncias em que o embargariam, pois seu objetivo era mais modesto, porém, não menos importante: edificar práticas devocionais. Em razão desse objetivo, a obra toma, pois, as ações do varão casado como exemplo de conduta; em outras palavras, mira nas ações de varões como meio para atingir um todo muito maior, o seu grupo.

No século XV e início do XVI, leigos e clérigos assistem a um esforço mais ordenado por parte da Corte régia e da alta cúpula das arquidioceses de Braga e Lisboa para familiarizar os fiéis portugueses, nobres ou não, com a prática da confissão penitencial. Embora o sacramento da Penitência tenha sido instaurado no IV Concílio de Latráo (1215) e tornado mais conhecido na Península Ibérica a partir do Concílio de Valladolid de 1322,<sup>50</sup> foi a partir do final do Trezentos que começavam a ser produzidas obras mais detalhadas em língua vernácula, a fim de orientar melhor fiéis e sacerdotes acerca do potencial salutar da confissão dos pecados mortais. Esta produção escrita ganhou ainda maior fôlego no início do Quinhentos, durante o avanço da capacidade de impressão das primeiras oficinas tipográficas instalados no reino de Portugal. A Penitência foi, aliás, um dos temas mais recorrentes e debatidos na produção de livros impressos em vernáculo entre o final do século XV e início do XVI, sendo contemplado por obras de gêneros diferentes –

---

<sup>50</sup> Cf. RESINES LLORENTE, Luis. *La catequesis en España*. Madrid: BAC, 1997, p. 55-58.

como tratados pastorais, constituições sinodais, vidas de santos e outros tipos de livros que ganhavam novas versões e formatos pelas prensas.

### **A confissão**

Todos os fiéis deviam se confessar e comungar,<sup>51</sup> já advertia o IV Concílio de Latrão.<sup>52</sup> Camponeses, criados, fidalgos, reis, homens e mulheres tinham de ser exortados pelo cura de almas de sua paróquia a confessar seus pecados, a fim de que estivessem contritos para poderem comungar ao menos uma vez por ano.<sup>53</sup> Essa proposta de avaliação da vida foi alimentada pelas palavras do Apóstolo Paulo, pregador responsável pela promoção das bases da auto avaliação cristã, ao afirmar: “examine-se, pois, o homem a si mesmo”.<sup>54</sup> É o mesmo seguidor de Cristo que defendeu que “cada um viva na condição na qual o Senhor o colocou ou em que o Senhor o chamou”.<sup>55</sup> Partindo de referências como essa do Apóstolo Paulo, o exame de si, que ganhou um de seus usos mais fecundos na confissão penitencial, começava a ser visto – sobretudo a partir de Abelardo e outros reformadores da Igreja do século XII –

---

<sup>51</sup> Cf. BOQUET, Damien; NAGY, Piroška. *Sensible Moyen Âge*. Une histoire des émotions dans l'Occident médiéval. Paris: Seuil, 2015, p. 260.

<sup>52</sup> FOREVILLE, Raymonde. *Latran I, II, III et Latran IV*. Paris: Éditions de L'Orante, 1965, p. 357.

<sup>53</sup> BRAECKMANS, Louis. *Confession et communion au Moyen Âge et au concile de Trente*. Gembloux: Duculot, 1971, p. 20-25.

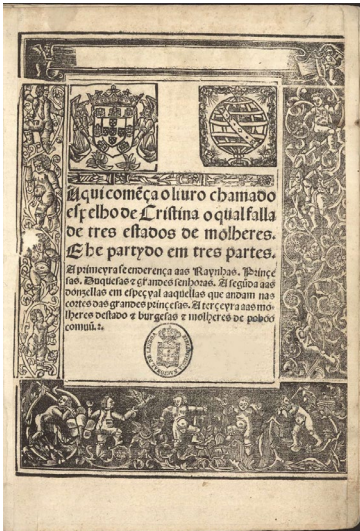
<sup>54</sup> 1 Co 11: 28. “Por conseguinte, que cada um se examine antes de comer o pão e beber a taça”.

<sup>55</sup> 1 Co 7:17.

como um mergulho no interior da consciência, onde as vontades eram geradas e os desejos guardados, para se avaliar as possíveis intenções de querer praticar algum desvio.<sup>56</sup>

Tendo em vista que uma das principais máximas que estruturam o *Ensino Cristão* é a de que “novos costumes dificilmente se poderão plantar onde houver algum mau, se *este* não for primeiro arrancado e lançado fora da alma”, o exame de si e a procura de bons conselhos foram indicados pela própria obra como caminhos

CHRISTINE DE PISAN. *Aqui come[n]ça o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de molheres.* E he partydo em tres partes.... Lixboa: por Herman de Campos, 20 junio 1518.



para se reformular os costumes cotidianos, bem como os planos para o porvir. O primeiro conselho prescrito pela obra é “lançar o mau costume fora quem quer que o tiver, para que ficando a alma limpa e desocupada se possa nela plantar a virtude e o modo de viver cristão [...]”. O segundo conselho consiste em aprender que não se deve procurar ser mais virtuoso que antes com a intenção de querer se apresentar aos outros como uma pessoa superior e se vangloriar pela reabilitação. O *Ensino* é um opúsculo que ensina os homens a confessar suas faltas e a reavaliar seus costumes com o objetivo de virem a

<sup>56</sup> Cf. PAYEN, Jean-Charles. *Le motif du repentir dans la littérature française médiévale (des origines à 1230)*. Genève: Librairie Droz, 1967, p. 60.

ser pessoas devotas, tementes e caridosas – homens que sabiam administrar seu patrimônio e doar esmolas.

Entre os séculos XIV e XV, prédicas acerca da confissão rapidamente se espalharam por obras de diferentes gêneros e encontraram naquelas destinadas à formação de reis, nobres e princesas um lugar de destaque. O *Espelho de Cristina*, ou *Livro das Três Virtudes*, de Cristina de Pizano – traduzido para o português em meados do século XV e impresso pela primeira vez no ano de 1518 –,<sup>57</sup> é uma obra que apresenta às mulheres, entre outras práticas, a confissão penitencial. Na terceira parte do livro, essa célebre letrada francesa diz que até mesmo a prostituta, “se ela quiser de todo se dispor a deixar o pecado e pedir mercê a Deus”, pode reformar o seu comportamento. Para evitar o pecado e corrigir suas obras, Cristina de Pizano<sup>58</sup> aconselha que esta “chegue às igrejas e ouça os sermões devotamente e se confesse com grande arrependimento”.<sup>59</sup> Na visão da tratadista, um dos principais recursos para se livrar da

---

<sup>57</sup> MENDONÇA, Manuela. O Espelho de Cristina (séc. XV). *História Revista*, v. 18, n. 1, p. 53-68, 2013. Sobre a tradução dessa obra, vale reproduzir esta síntese realizada pela pesquisadora Maria de Lourdes Fernandes: “Significativamente, pelos meados do século XV português, uma rainha - D. Isabel, mulher de D. Afonso V – mandou traduzir o Livro das Três Virtudes de Cristina de Pizano, respeitando o seu título original. Mas, nas primeiras décadas do século XVI, outra rainha – D. Leonor, mulher de D. João II – mandou igualmente traduzir (não cabe discutir aqui o conhecimento/aproveitamento ou não da tradução anterior) e imprimir essa tradução, com o título de Espelho de Cristina”. FERNANDES, Maria de Lourdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*, p. 42.

<sup>58</sup> Cristina de Pizano ou Christine de Pizan ou, ainda, Christine de Pisan.

<sup>59</sup> CHRISTINE DE PISAN. *O espelho de Cristina*. Introd. de Maria Manuela Cruzeiro. Ed. fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987, f. 45v.



mácula do pecado à disposição da prostituta, que não tinha acesso aos livros e outras ferramentas edificantes, era a própria confissão penitencial.

Comparando o *Espelho de Cristina* e o *Ensino Cristão*, não obstante suas várias diferenças temáticas e estilísticas, a confissão é peça-chave em ambos, pois é indicada pelo primeiro livro como basilar para mulheres – incluindo as prostitutas –, e pelo segundo, como mecanismo de instrução e formação de fidalgos casados. Essa comparação dá pistas para duas conclusões importantes deste estudo: a primeira, que a imprensa portuguesa do limiar do século XVI divulga um rol de prédicas fundamentais para a consolidação do plano da Igreja de fazer do sacramento da Penitência uma prática salutar; a segunda, que embora os dois livros tenham ajudado a definir em língua vernácula o papel salutar desse rito religioso, o alvo de cada um deles é diferente e, por consequência, os usos de suas prédicas concernentes à promoção da confissão penitencial não deixavam de possuir fins distintos.

O *Ensino* – como já destacado – faz do homem casado um caminho para conseguir educar a mulher, os filhos, os criados, os escravos, as pessoas solteiras e os demais fiéis do reino. A confissão e o exame noturno de si eram, portanto, dois dos principais instrumentos destinados ao aperfeiçoamento da habilidade do varão de governar a si e os outros, colaborando para tornar o reino de Portugal uma terra de homens atuantes na defesa da fé e, ao mesmo tempo, prudentes na instrução de toda a família. Mesmo se tratando de uma regra que cabia a todos os fiéis cristãos, as prescrições que definiam seu uso tinham um destino geralmente certo, isto é, um público específico para apreendê-las, o qual não pode ser simplesmente negligenciado neste estudo. Na verdade, comparan-

do os livros editados em Portugal entre os séculos XV e XVI, é possível dizer que o efeito esperado de boa parte das prescrições veiculadas em língua portuguesa era idealizado com base em três aspectos: primeiro, a formação de um destinatário em especial; segundo, um mal a ser combatido na sociedade da época – do contrário não ganharia relevância – e, por fim, em muitos casos, um espaço que circunscreveria seu emprego, como a Corte, o bispado ou o reino como um todo. Quanto ao *Ensino*, as suas principais prescrições confirmam essa suposição, pois possuem um público-alvo, os homens casados; um mal a ser corrigido, a ociosidade e a falta de devoção; bem como um espaço delimitado, a Corte.

Mas deixemos de lado as funções moralizantes da prescrição para voltar aos usos estabelecidos para a confissão penitencial pelo *Ensino Cristão*. A necessidade de zelar pelas ações dos varões fez com que essa obra lhe oferecesse um roteiro de dias para confessar e comungar:

[...] entanto que sois solteiros e tendes poucos cuidados, uma vez cada semana, à sexta-feira ou sábado, e comungardes ao menos cada dois meses. E depois de casados, se vos isto parecer difícil, confessai-vos ao menos cada mês uma vez, e comungai nas quatro festas principais do ano – a saber, pela Páscoa, segundo o Santo preceito da Igreja, e pelo Espírito Santo,<sup>60</sup> pelo Natal e pelo dia da Assunção de Nossa Senhora, que vem no mês de agosto.

As prédicas que visavam o homem casado – conforme dito acima – podiam ajudar a todos. Como efeito dominó, essa prédica, dirigida ao homem, devia ser transmitida por ele mesmo à sua

---

<sup>60</sup> Domingo de Pentecostes.

esposa, aos filhos e aos seus próximos, que passariam a conhecer os benefícios morais da confissão penitencial e da comunhão.

Ao elaborar esse conselho, o *Ensino Cristão* segue um plano semelhante ao empregado pelo *Leal Conselheiro* do monarca D. Duarte, que toma o nobre como espelho de ações votivas. Visando orientar os leigos a adotarem práticas espirituais próprias de seu estado,<sup>61</sup> a obra do rei da Ínclita Geração afirma que S. João Batista, mensageiro de Cristo, havia dito: “pelas lágrimas percalça<sup>62</sup> o homem relevamento<sup>63</sup> dos pecados [...], por isso lavarei em cada uma das noites o meu leito e regarei o meu estrado com as minhas lágrimas”. Segundo D. Duarte, o mesmo S. João Batista também teria recomendado: “demostrando que as não tomou em vão (*as lágrimas*), arredai-vos de mim os que obrais maldades, pois o Senhor ouviu a voz de meu choro”.<sup>64</sup> Na visão do monarca avisino, o choro diário de S. João Batista servia de exemplo para o cristão saber que tinha de examinar-se todos os dias, com o objetivo de se repreender. Esse exercício diário de exame de si, de reflexão sobre os pecados, compreendia uma avaliação mais apurada das ações passadas e deveria ser visto como uma etapa de preparação para a confissão penitencial.

No século XV, o tema da confissão começa a ser explorado por uma quantidade significativa de gêneros textuais e torna-se matéria de livros como o *Leal Conselheiro* ou obras pastorais que não se enquadravam necessariamente como uma suma de casos de

---

<sup>61</sup> Para maiores informações, acerca das práticas religiosas promovidas no âmbito da Corte de D. Duarte, conferir: VENTURA, Margarita Garcez. *A Corte de D. Duarte*. Política, cultura e afecto. Aveleda: Verso da História, 2013.

<sup>62</sup> “Percalçar” é emprego no mesmo sentido de “atingir”.

<sup>63</sup> “relevamento” significa, neste contexto, o mesmo que “libertação”.

<sup>64</sup> DOM DUARTE. *Leal conselheiro*, p. 165.

consciência. Uma obra que colaborou igualmente para promover o “socratismo cristão” em terras lusas, ou seja, o exercício de auto avaliação e de domínio dos próprios impulsos pelo exame de si,<sup>65</sup> é as *Horas da confissão* do monge cisterciense João Claro<sup>66</sup> – doutor em teologia pela Universidade de Paris, no final do Quatrocentos. Buscando ensinar uma forma de se auto avaliar, assevera o religioso:

Senhor, ouvi os Teus juízos e os temi; considerei minhas obras, e receei o galardão delas, e a Ti me torno requerendo perdão dos pecados. Confesso-me a Ti, Senhor, de todo meu coração; ante a companhia dos santos, contarei minhas maldades. (...) Por modos infindos e vezes sem conto, por este pecado (*a luxúria*) a Ti anojei. Ouvi-los claramente, a Ti seria aborrecimento, e geraria escândalo entre meus próximos. Mas me espanto de continuar a viver, tendo em conta o quanto Tu sofreste ao ver meus pecados.<sup>67</sup>

Ao recomendar aos fiéis que realizassem um exercício mnemônico pelo qual descobririam os motivos de seus deslizes, o *Ensinho Cristão* esperava que seu leitor escrevesse, antes de dormir, textos como esse sugerido pelo monge branco João Claro. Melhor dizendo, esperava-se que o fiel soubesse como usar as palavras para ex-

---

<sup>65</sup> CALAFATE, Pedro (org.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Lisboa: Caminho, 1999. v. 1. p. 546. Cf. GILSON, Étienne. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 278-303.

<sup>66</sup> O trabalho mais completo sobre sua vida é este: MARTINS, Mário. *Vida e obra de frei João Claro*. Doctor Parisiensis e professor universitário. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1956.

<sup>67</sup> Horas da confissão. In: TEODORO, Leandro. *Guias dos costumes cristãos*.

pressar a sua dor, descrever seus deslizes mais rotineiros e mostra-se arrependimento pelos males causados a si e a outros.

Em suma, o livro *Ensino Cristão*, que o leitor terá a seguir, foi elaborado para convencer os fidalgos casados a cuidar de suas almas por meio da adoção das obras de misericórdia, da confissão e da comunhão, bem como pela boa administração de sua casa. O modelo de varão devoto e piedoso construído pelas páginas do opúsculo servia para estimular homens do séquito avisino a adotarem práticas virtuosas próprias de seu estado – práticas essas que pudessem servir de espelho a outros homens do reino português, tanto congêneres como vassalos. Reunindo conselhos diluídos em outras obras avisinias, o *Ensino* sintetiza prédicas que eram vistas, entre os séculos XV e XVI, como indispensáveis para o fortalecimento do corpo e do espírito, promovendo um conjunto de ações destinadas aos maridos, mas fundamentais para qualquer fiel interessado em trilhar o caminho da salvação. Essa obra foi, pois, uma síntese da meta de letrados do círculo avisino de construir um reino sólido a partir da formação de homens virtuosos e atuantes em seus grupos.

O livro aprovado pelo Infante D. Henrique, na sua qualidade de censor, seduz por oferecer ao homem da época conselhos e admoestações curtas, do tamanho ideal para serem memorizadas, a fim de construir não apenas uma Corte virtuosa, mas um reino conduzido por homens tementes aos mandamentos da Igreja. Além disso, trata-se de um pequeno opúsculo recheado de advertências que nos convida a penetrar no universo do estabelecimento dos parâmetros morais da sociedade portuguesa dos séculos XV e XVI, uma sociedade guiada pelos homens da casa de Avis.

## REFERÊNCIAS

### Documentos

ANTONIO DE GUEVARA. *Libro del eloquentissimo Emperador Marco Aurelio con el relox de principes*. Van mas que enlos passados añadidas nueve cartas y siete capitulos no de menor estilo y altas sentecias que todo lo enel mas contenido. Lisboa: por Germá Gallart (sic); a costa e impensas del... varon Federique loner, 1529.

*BÍBLIA do peregrino*. Ed. de estudo de Luís Alonso Schökel. Trad. do texto bíblico de Ivo Storniolo e José Bortolini. Trad. de introduções, notas, cronologia e vocabulário de José Raimundo Vidigal. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

*Boosco deleitoso*. Ed. do texto de 1515, com introd., anotações e glosário de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. 2 v.

*Boosco deleytoso*. Lixboa: Hermá de Cápos, 24 Mayo 1515.

BRAUN, Georg; HOGENBERG, Frans. *Civitates orbis terrarum*. Cologne, 1572.

*Breue memorial dos pecados & cousas que pertenc[em] ha côfissa[m] /* hordenado por Garcia de rese[n]de fidalguo da casa del Rei nosso senhor. Lixboa: per Germão Gaillarde [sic], 25 Feuereiro 1521.

*Breuiarium eborense.* Olisipone: apud Ludouicum Rotorigium, mense Aprili 1548.

*Cartinha pera e[n]sinar leer:* cô as doutrinas da prude[n]cia e regra de viuer em paz. Nouame[n]te empremada. Lixboa: per Germã [Galharde, 15--].

*Cathecismo pequeno da doutrina e instruçam que os xpaãos ham de creer e obrar pera conseguir a benaumenturança eterna /* feito e copilado pollo reuerendissimo señor dom Dioguo Ortiz bispo de çeptra.... Lixboa: per Valenti[m] Fernãdez alemã e Iohã Pedro Boõhomini de Cremona, 20 julho 1504.

CHRISTINE DE PISAN. *O espelho de Cristina.* Introd. de Maria Manuela Cruzeiro. Ed. fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

CHRISTINE DE PISAN. *Aqui come[n]ça o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de molheres.* E he partydo em tres partes.... Lixboa: por Herman de Campos, 20 junio 1518.

CLEMENTE SÁNCHEZ DE VERCIAL. *Sacramental.* [Chaves, 1488]. Introd., ed. e lematização de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2015.

*Constituiçõeas que fez ho senhor dom Diogo de Sousa B[is]po do porto.* Porto: na oficina de Rodrigo Álvares, 1497.

*Constituições synodaes do Bispado de Coimbra*. Coimbra: João Barreira e João Alvares, 1548.

D. DIOGO ORTIZ. *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz*. Bispo de Viseu. Estudo literário e ed. crítica de Elsa Maria Branco da Silva. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

*Décret de Gratien*. Causes 27 à 36. Le Mariage. Éd., trad. Introd. et notes par Jean Werckmeister. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011.

DESLANDES, Venâncio Augusto (ed.). *Documentos para a historia da typographia portuguesa nos seculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881.

DOM DUARTE. *Leal conselheiro*. Ed. crítica, introd. e notas de Maria Helena Lopes de Castro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

DOM DUARTE. *Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sela*. Ed. crítica por Joseph M. Piel. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

DOM JOÃO I. *Livro da montaria* feito por D. João I, Rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

DOM PEDRO. Livro da Virtuosa Benfeitoria. In: *Obras dos Príncipes de Avis*. Ed. de Manuel Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1981.



*Espelho de casados em o q[ua]l se disputa copiosam[en]te q[ue] excele[n]te p[ro]ueitoso & necesareo seja o casam[en]to... / nouam[en]te cõposto pelo doctor Ioã de Barros, cidadão da cidade do Porto. Porto: Vasco Diaz Tanco d[e] Frexenal, 20 Feuro [sic] 1540.*

*Este livro he chamado Sacrame[n]tal. [S.l.: s.n.], [1488?].*

*Evangelhos e epístolas com suas exposições em romance. Trad. port. Rodrigo Álvares. Porto: Rodrigo Álvares, 25 de Outubro 1497.*

FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introd., leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

FERNÃO DE OLIVEIRA. *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536). Ed. crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Cose-riu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

FRANCISCO MONZON. *Libro primero d'l Espejo del pri[n]cipe christiano que trata como se ha d' criar vn principe o niño generoso desde su tierna niñez cõ todos los exercicios & virtudes que le conuienen hasta ser varon perfecto*. Lisboa: e[n] casa de Luis Rodriguez, 1544.

GARCIA DE RESENDE. *Breve Memorial dos Pecados e Cousas que Pertencem ha Confissam Hordenado*. Org. Joaquim Bragança. Lisboa: [s.n.], 1980.

GARCIA DE RESENDE. *Memorial dos pecados*. Ed. de Joaquim O. Bragança. *Didaskalia*, 9, p. 206-236, 1979.

*Glosa Castellana al “Regimiento de Príncipes” de Egidio Romano.* Ed., estúdio preliminar y notas de Juan Beneyto Perez. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005.

*Grammatica da lingoagem portuguesa.* [Fernão Doliueira]. Em Lixboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536.

*Grammatica da lingua portuguesa /* [João de Barros]. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540.

*Historia de mui nobre Vespasiano Imperador de Roma.* Lisboa: Valentin Fernandes, 20 abril 1496.

*Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano...* Paris: Narcisse Bruno, 13 de fevereiro de 1500.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálion: da arte de ler* (século XII). Introd. e trad. de Antonio Marchionni. 2. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2007.

JOÃO DE BARROS. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja.* Ed. crítica, leitura modernizada e reprodução facsimilar Gabriel Antunes de Araujo. São Paulo: Paulistana - Humanitas, 2008.

JOÃO DE BARROS. Diálogo em louvor da nossa linguagem In: *Diálogos em defesa e louvor da língua Portuguesa.* Ed., introd. e notas de Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

*Leal Conselheiro e Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* escritos pelo senhor Dom Duarte, Rei de Portugal e do Algarve e senhor

de Ceuta. Fielmente copiados do manuscrito da Biblioteca Real de Paris. Lisboa: Na typographia Rollandiana, 1848.

*Livro da montaria* feito por D. João I, Rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

LUDOLFO DE SAXÔNIA. *O livro de Vita Christi em linguagem português*. Ed. fac-similar e crítica do incunábulo de 1493 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne, S. J. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa, 1957.

LUDOLFO DE SAXÔNIA. *Vita Christi*. Trad. port. Nicolau Vieira e Bernardo de Alcobça. Lisboa: Valentim Fernandes, 1495.

MARCO PAULO. *O livro de Marco Paulo – O livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam* conforme a impressão de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502. Com três fac-símiles, introd. e índices por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa: Ofic. Gráf. da Biblioteca Nacional, 1922. (Publicações da Biblioteca Nacional. Reimpressões).

MARCO PAULO. *Ho liuro de Nycolao Veneto*. Ho trallado da carta de huu[m] genoues das ditas terras... Lyxboa: per Valentym Fernádez, 1502.

MARTÍN PÉREZ. *Livro das Confissões*. [Alcobça, 1399]. Ed. de José Barbosa Machado e Fernando Torres Moreira. [s.l]: Pena Perfeita, 2006. v. 2.

RADULET, Carmen. *O Cronista Rui de Pina e a "Relação do Reino do Congo"* – Manuscrito inédito do Códice Riccardiano 1910. Portugal: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1992.

RUI DE PINA. *Chronica do senhor rey D. Affonso V.* In: *Crónicas de Rui de Pina*. D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II. Introd. e rev. de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1977.

Sumário das Graças e privilégios concedidos aos reis de Portugal pelos papas Martinho V, Eugénio IV, Calisto III, Nicolau V e Sisto IV a respeito do resgate, senhorio e comércio da guiné. In: AN/TT. *Gaveta 10*, maço 5.

*Synodicon Hispanum*: Portugal. Dir. por Antonio García y García. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.

TEODORO, Leandro Alves. *Guias dos costumes cristãos*. São Paulo: Unifesp. no Prelo.

*Tratado de confissom*. Chaves: [s.n.], 8 agosto 1489.

*Tratado de Confissom* (Chaves, 8 de agosto de 1489). Fac-símile do exemplar único pertencente ao Dr. Miguel Gentil Quina. Leitura diplomática e estudo bibliográfico por José V. de Pina Martins. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

## **Estudos**

ANSELMO, Artur. O livreiro Luís Rodrigues, impressor de textos humanísticos. In: *Humanismo português na época dos descobrimentos*:

actas / congresso internacional, Coimbra, 1991. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1993.

ANSELMO, Artur. *Origens da imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.

BATAILLON, Marcel. *Erasmus y España*. Trad. Antônio Alatorre. 2 ed. Madrid: Fondo de Cultura, 1966.

BELINQUETE, José (org.). *História da catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011.

BERNOS, Marcel; LÉCRIVAIN, Philippe; RONCIÈRE, Charles de la; GUYNON, Jean. *O fruto proibido*. Lisboa: Edições 70, 1991.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. *Sensible Moyen Âge*. Une histoire des émotions dans l'Occident médiéval. Paris: Seuil, 2015.

BRAECKMANS, Louis. *Confession et communion au Moyen Âge et au concile de Trente*. Gembloux: Duculot, 1971.

BUESCU, Ana Isabel. A persistência da cultura manuscrita em Portugal nos séculos XVI e XVII. *Ler História*, 45, p. 19-48, 2003.

BUESCU, Ana Isabel. *D. João III*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do Príncipe*. Discurso normativo e representação (1525-49). Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

CALAFATE, Pedro (org.). *História do Pensamento Filosófico Português*. Lisboa: Caminho, 1999. v. 1.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Trad. Maria Helena da Cruz Coelho et. al. Porto: Edições Afrontamento, 1993. v. 2.

CAVALCANTE SCHUBACK, Mareia Sá. *Para ler os medievais: ensaio de hermenêutica imaginativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CESAR DE LIMA, Maurílio. *Introdução à história do direito canônico*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DIAS, J. S da Silva. *O primeiro rol de livros proibidos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1963.

DIAS, João José Alves. Os primeiros impressores alemães em Portugal. In: DIAS, João José Alves (coord.). *No Quinto centenário da Vita Christi*. Os primeiros impressores alemães em Portugal. Lisboa, 1995.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. *Espelhos, Cartas e Guias Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica 1450-1700*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, María Manuela. O Marco Paulo de Valentim Fernandes: uma contribuição singular para a história da tradução peninsular. *Discursos: estudos de tradução*, p. 87-102, 2001.

FERNÃO DE OLIVEIRA. *A Gramática da Linguagem Portuguesa*. Introd. leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1975.

FOREVILLE, Raymonde. *Latran I, II, III et Latran IV*. Paris: Éditions de L'Orante, 1965.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité*. Les aveux de la cher. Éd. établie par Frédéric Gros. Paris: Éditions Gallimard, 2018. v. 4.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969) In: *Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GILSON, Étienne. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, Saul António. A religião dos clérigos: vivências espirituais, elaboração doutrinal e transmissão cultural. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. v. 1.

GOMES, Saul António. As políticas culturais de tradução na corte portuguesa no século XV. *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, n. 33, p. 173-181, 2010.

*Iberian books*. Books Published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601 [*Libros ibéricos*. Libros publicados en español o portugués o en la Península Ibérica antes de 1601]. Ed. by Alexander S. Wilkinson. Leiden, Boston: BRILL, 2010.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1993.

LEMESLE, Bruno. *Le gouvernement des évêques: la charge pastorale au milieu du Moyen Âge*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

LOYON, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. Braga: Edições Vercial, 2015. 4 v.

MARQUES, José. O arcebispo D. Jorge da Costa e as Impressões Quatrocentistas do Sacramental e do Tratado de confissom. In: *V centenário do livro impresso em Portugal, 1487-1987: colóquio sobre o Livro Antigo*, Lisboa, 23-25 de maio de 1988. Actas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992.

MARTINS, Mário. *Estudos de Literatura Medieval*. Braga: Livraria Cruz, 1956.

MARTINS, Mário. *Vida e obra de frei João Claro*. Doctor Parisiensis e professor universitário. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1956.



MENDONÇA, Manuela. *D. Jorge da Costa*. Cardeal de Alpedrinha. Lisboa: Edições Colibri, 1991.

MENDONÇA, Manuela. O Espelho de Cristina (séc. XV). *História Revista*, v. 18, n. 1, p. 53-68, 2013.

MICHAUD-QUANTIN, Pierre. *Sommes de casuistique et manuels de confession au moyen âge (XII-XVI siècles)*. Louvain; Lille: Éditions Nauwelaerts; Librairie Giard; Montreal: Librairie Dominicaine, 1962. (Analecta Mediaevalia Namurcensia, 13).

MOLINARIO, Joël. *Le catechisme, une invention moderne*. De Luther à Benoît. Montrouge: Bayard, 2013.

MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *A literatura Doutrina na Corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORENO, Humberto Baquero. O princípio da época moderna. In: TENGARRINHA, José (org.). *História de Portugal*. Bauru, SP; São Paulo, Portugal, PO: EDUSC; UNESP, Instituto Camões, 2000.

NASCIMENTO, Aires A. D. Diogo de Sousa (1460-1532), Bispo do Porto, homem de livros e leitor de Savonarola. *Humanitas*, v. L, p. 701-708, 1998.

NORBERT, Elias. *O Processo Civilizador*. Uma história dos costumes. Trad. de Ruy Jungman; rev. e apresentação de Renato J. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994. 2v.

OLIVEIRA MARQUES, A. H de. Alemães e impressores no Portugal de finais do século XV. In: PORTUGAL. Instituto da Biblioteca

Nacional e do Livro. *No quinto centenário da Vita Christi: os primeiros impressores alemães em Portugal*. Coord. João José Alves Dias. Lisboa: I.B.N.L., 1995.

PAIVA, José Pedro. *Baluartes da fé e da disciplina*. O enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PAIVA, José Pedro. Bispos, imprensa, livro e censura no Portugal de Quinhentos. *Revista de História das Ideias*, v. 28, p. 687-737, 2007.

PAYEN, Jean-Charles. *Le motif du repentir dans la littérature française médiévale* (des origines à 1230). Genève: Librairie Droz, 1967.

PINTO, Américo Cortez. *Da famosa arte da imprimissão: da imprensa em Portugal às cruzadas d'além-mar*. Lisboa: Ulisseia, 1948.

POST, Regnerus Richardus. *The modern devotion: Confrontation with reformation and humanism*. Leiden: Brill Archive, 1968.

PROSPERI, Adriano. *Tribunais da consciência*. Inquisidores, confesores, missionários. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

RESINES LLORENTE, Luis. El inédito As doutrinas da prudência de Diego Ortiz. *Boletín de la real academia de extremadura de las letras y las artes*, t. XXIII, p. 493-603, 2015.

RESINES LLORENTE, Luis. *La catequesis en España*. Madrid: BAC, 1997.

RODRIGUES, Graça Almeida. *Breve história da censura literária em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência, 1980. (Biblioteca Breve, v. 54).

SABIO PINILLA, José Antonio; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, María Manuela. O Marco Paulo de Valentim Fernandes: uma contribuição singular para a história da tradução peninsular. *Discursos: estudos de tradução*, p. 87-102, 2001.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa [...]*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 t.

TEODORO, Leandro Alves. *Lições para o homem casado*. Portugal séculos XIV-XVI. São Paulo: Editora Unifesp, 2016.

VENTURA, Margarida Garcez. *A Corte de D. Duarte*. Política, cultura e afecto. Aveleda: Verso da História, 2013.

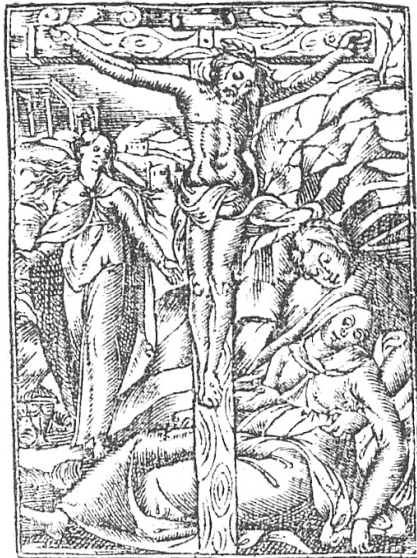
VENTURA, Margarida Garcez. As “Visitações gerais” de D. Jorge da Costa: notícia e breve análise. In: *Estudos em homenagem ao professor doutor José Marques*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. v. 3.

# ENSINO CRISTÃO



**D**os ho Iffante Dom Hãrique  
Arcebpo de braga / primas de  
Espanha / iquisidor gēeral en  
estes regnos de Portugal / fa-  
zemos saber a hos q̄ este vjirẽ:  
quomo nos mandamos veer /  
et examinar este tractado atras intitulado  
insino Chriſtão / per leterados de que para  
iſſo confiamos. Et por se achar todo ho con-  
tẽdo nelle ser catholico / ⁊ de muita doctri-  
na: interpõemos haqui noſſa auctoridade /  
para que liure mente se possa imprimir ⁊ ven-  
der: ſen nenhũo impedimento. En Liſbõa a  
tres de Septẽbro / de mil / quinhẽtos ⁊ trita  
⁊ noue annos.

Iff. Dom Anrique.



*Confirma hoc deus, quod operatus es in nobis. Psalmo. lxxvij.*

Nós, o Infante Dom Henrique, arcebispo de Braga, primaz de Espanha, inquisidor geral nestes reinos de Portugal, fazemos saber aos que este virem que<sup>1</sup> nós mandamos ver e examinar este tratado, atrás intitulado Ensino Cristão, por letrados que para isso confiamos. E, por se achar todo o conteúdo nele ser católico e de muita doutrina, interpomos aqui nossa autoridade para que livremente se possa imprimir e vender sem nenhum impedimento.

Em Lisboa, a três de setembro de mil quinhentos e trinta e nove anos.

Infante<sup>2</sup> Dom Henrique

<sup>1</sup> “Como”.

<sup>2</sup> No texto base está “Iff.” que é abreviatura de “Iffante”.

Começa ho insino Christão dos moços fidalgos / e casados. e das mais cousas delle: se pode approuectar toda pessoa.

Prohemio.



Costumã hos q̄ screuem: declarar has causas de suas scripturas: e ho principio da obra: para hos lectores etẽderẽ melhor ho q̄ leerẽ: e elles darẽ de si razã. Portanto determinei en ho começo deste tractado do insino xpão / screuer algũas causas que memouerã a ho fazer: das quaes ha primeira foi / veer quãto fructo se seguiria: en serẽ hos filhos dos nobres / criados e toda virtude xpãa: lembrãdome quã difficil e de tirar hũo peccado de q̄ se pre vsou ho homẽ e sua mocidade / e quã pigosos e dãnosos sam hos maos costumes en hos nobres: polla muita gẽte que delles depẽde / e tomã exẽplo do seu viuer: hos q̄es se viuerẽ cõforme a ho sancto euãgelho / q̄ e ha regla q̄ nosso senhor Jesu xpõ deixou a todos: faraã grãde fructo e si meesmos: e enseõ descendẽtes / e criados / e chegados / e vassallos: porq̄ ha sua vtude seraa doctria para todos guardarẽ ha lei do snõr deos: e assi ser

Começa o Ensino Cristão dos moços fidalgos e casados; e das mais coisas dele se pode aproveitar toda pessoa.<sup>3</sup>

Proêmio

Costumam os que escrevem declarar as causas de suas escrituras<sup>4</sup> no princípio da obra para os leitores entenderem melhor o que lerem, e eles darem de si razão. Portanto, determinei, no começo deste tratado do Ensino Cristão, escrever algumas causas que me moveram a fazê-lo; das quais, a primeira foi ver quanto fruto se seguiria em serem os filhos dos nobres criados em toda virtude cristã, lembrando-me quão difficil é tirar um peccado que o homem sempre usou em sua mocidade e quão perigosos e danosos são os maus costumes nos nobres, pela muita gente que deles depende e toma exemplo do seu viver – os quais se viverem conforme ao Santo Evangelho, que é a regra que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou a todos, farão grande fruto em si mesmos e em seus descendentes, criados, chegados e vassallos, porque a sua virtude será doutrina para todos guardarem a lei do Senhor Deus e assim ser –

<sup>3</sup> Este final procura dizer que qualquer pessoa pode aprender com as lições destinadas aos casados pelo livro *Ensino Cristão*.

<sup>4</sup> A palavra “escrituras” é utilizada, neste contexto, como sinônima de “obra” e “livro”. ESCRITURA. In: MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Com a Mais Antiga Documentação Escrita e Conhecida de Muitos dos Vocábulos Estudados. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. v. 2, p. 449.



## Prohemio.

uiraa a xpo toda ha nossa Republica xpãa: viuẽdo hos pũcipaes della cõforme a ho sãcto euãgelho: en hos costumes. Et porẽ por q̃ quanto aas obras: haij cousas e elle: de stado muito perfectõ e altas / e quomo ho q̃ ho sñor dixẽ / se q̃res ser perfectõ vae e vẽde ho q̃ tẽes / e da ho a hos pobres: e vee e segue-me: e outros cõselhos aeste semelhãtes: determinei screuer cõforme a ho S. euãgelho: nõ has cousas de alto e perfectõ stado applico: mas hos insinos q̃ mais quadrã cõ hos homẽes q̃ ham de ser ou sam casados: para q̃ per este tractado seiam allumiados / e saibã ho modo per que deũ seruir a deos e salvar suas almas / segundo seu stado.

Ha segũda causa q̃ me moueo a screuer e insinar este insino Chriãto: foi considerar quãto maior e ho numero dos homẽes casados que ho dos Ecclesiasticos e Religiosos: e aĩnda q̃ todos hos Religiosos e eccliaisticos viuessẽ bẽe e virtuosa mẽte / e muito grande perda e e numero de pessoas maior: viuerẽ mal e fora da guarda dos mandamentos do sñor deos hos xpãos casados: por serẽ muitos mais. Et se ho demonio se podeera rir: zõbara de veer virtuosos mil clerigos ou religiosos: e de outra parte cẽ mil viuerẽ en odios / iuramentos / e vejas / ambições /

virã a Cristo toda nossa República cristã, vivendo os principais dela,<sup>5</sup> conforme ao Santo Evangelho, nos costumes. Quanto às obras, há<sup>6</sup> no livro coisas de estado muito perfeito e altas, e como o que o Senhor disse: “se queres ser perfeito vai e vê o que tens e dá aos pobres, vê e segue-me”.<sup>7</sup> E outros conselhos semelhantes a este determinei escrever conforme ao *Santo Evangelho*, e não coloco as coisas de alto e perfeito estado, mas os ensinõs que mais quadram com os homens que hãõ de ser ou sãõ casados, para que por este tratado sejam iluminados e saibam o modo pelo qual devem servir a Deus e salvar suas almas segundo seu estado.

A segunda causa que me moveu a escrever e ensinar este Ensino Cristão foi considerar quanto maior é o número dos homens casados que o dos eclesiásticos e religiosos; e ainda que todos os religiosos e eclesiásticos vivessem bem e virtuosamente, é uma perda muito grave — *uma perda que envolve um número maior de pessoas* —<sup>8</sup> o fato de os casados viverem mal e fora da guarda dos mandamentos do Senhor, por *estes (os homens casados)* serem a maioria.<sup>9</sup> E se o demônio se pudera rir, zombara de ver virtuosos mil clérigos ou religiosos, e de outra parte cem mil *casados* viverem em ódios, juramentos, invejas, ambições,

<sup>5</sup> Refere-se à República Cristã.

<sup>6</sup> A expressão no original é “*haij*”.

<sup>7</sup> Mt 19:21.

<sup>8</sup> “*e muito grande perda e e numero de pessoas maior*”. É preciso notar que a frase é composta por dois sujeitos: “a perda” grave e o “número” grande de pessoas. Não se trata, pois, de uma perda em decorrência de haver um número maior de homens casados, mas de um problema que se soma ao fato de existirem muitos mais casados do que clérigos e religiosos.

<sup>9</sup> “*serem a maioria muito mais*”.

cubiças/iogos/enganos/zmetiras:murmu-  
rações/falsidades/soberbas/vinganças:z ou-  
tras cousas aestas semelhantes: certamente  
teẽdo hodemonio tãta gẽte en peccado : nõ  
tẽeraa en muito veer hũos poucos escapa-  
dos de seus enganos/z ho q̃ pior e q̃algũos  
peccados stã tã Recebidos do mundo : q̃ nõ  
tẽem por homẽe aquẽ delles nõ vsa : z posto  
q̃ cada dia isto preeguemos: todos ho s p̃ega-  
dores: parece o me ser muito serniço de nosso  
sñoz/insinar ha vida Chriãta q̃ preegamos/  
particularmente per modo de liçã familiar  
a hos q̃ pode esse: z pois nõ podia isinar a to-  
dos/ pollo grãde numero d agente : escolhi  
hos filhos dos fidalgos z nobres: por q̃ viuẽ  
do estes quomo verda deiros xp̃aos en hos  
costumes/ pois e ha fee todos ho sã/ per seu  
exẽplo z vida virtuosa tragã abẽe viuer hos  
meãos z toda ha outra gẽte: z posta en vir-  
tuoso viuer ha corte della manaraam hos  
bõos costumes e todo ho regno : maio: mẽ-  
te pois ho insino e si e tam chãõ z claro/ que  
qualquer clerigo ho pode isinar a hos soltei-  
ros z casados q̃ ho quiserem saber : z qual-  
quer pessõa que ho leer / ho pode guardar:  
z fazer ho q̃ en elle e scripto / sen mais mee-  
stre: mas ha viu a voz faz mais impressã: to-  
mãdo soomẽte ho q̃ cõuẽe a sua qualidade

cobiças, jogos, enganos e mentiras, murmurações, falsidades, soberbas, vinganças e outras coisas semelhantes a estas. Certamente tendo o demônio tanta gente em pecado, não dará importância se alguns poucos homens escapem dos<sup>10</sup> seus enganos,<sup>11</sup> e o pior<sup>12</sup> é que alguns pecados são tão adotados no mundo que um homem que os não use não é tido como homem.<sup>13</sup>

E ainda que<sup>14</sup> a cada dia isto *nós* preeguemos, todos os pregadores, pareceu-me ser muito serviço de Nosso Senhor ensinar a vida cristã que pregamos, particularmente pelo modo de lição familiar aos que tragam a bem viver os meãos<sup>15</sup> e toda a outra gente. E posta a corte em virtuoso viver, dela emanarão os bons costumes em todo o reino, maiormente porque<sup>16</sup> o ensino em si é tão chãõ<sup>17</sup> e claro que qualquer clérigo o pode ensinar aos solteiros e casados que o quiserem saber.<sup>18</sup> E qualquer pessoa que o ler, o pode guardar e fazer o que nele está escrito sem *haver a necessidade* de um mestre. Mas a viva voz faz mais impressão e a pessoa toma<sup>19</sup> somente o que convém à sua qualidade,

<sup>10</sup> “escapado de”.

<sup>11</sup> No caso, “os enganos” são os do demônio.

<sup>12</sup> Foi suprimido um “que” antes de “pior”.

<sup>13</sup> “alguns pecados estão tão recebidos do mundo que não têm por homem a quem deles não usa”.

<sup>14</sup> “posto que”

<sup>15</sup> A leitura em voz alta do texto e a repetição oral de suas lições ajudariam não apenas cavaleiros, mas também outros oficiais do rei a absorverem ensinamentos destinados a seu estado de casados.

<sup>16</sup> No texto base está a palavra *pois*.

<sup>17</sup> chãõ=lhano, simples, fácil de compreender. CHÂMENTE. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa*. Braga: Edições Vercial, 2015. v. 1, p. 405.

<sup>18</sup> O verbo “saber” é empregado aqui no mesmo sentido de “aprender”. “[...] ter inteligência, juízo; conhecer alguma coisa, conhecer, compreender, saber”. SABER. In: MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, v. 5, p. 130.

<sup>19</sup> “mais impressão tomando somente o que convém”.



por q̄ hos exercíçios da cauallaria z armas pertêce principalemte abos moços fidalgos / z ha cõuersaçã do paço a elles z a hos que seruem seu rei.

**C**ha terceira causa foi veer quomo ha maior perdiçaam dos bõos z virtuosos costumes começa por hos casados se descuidarẽ do v̄tuoso z xpãõ insino de seus filhos: por q̄ quomo toda ha multiplicaçã da gẽte procede delles: z neçesario q̄ hos criem en v̄tude: por q̄ taes ficã hos moços en homẽes quaes forã criados en moços: z se mal insinados sã ã sua mocidade cõ grande dificuldade tornã a hos costumes xpãõs: z pois quãdo ha fonte he peçonhẽta os rios que della manã tãbẽe ho sam z se he de boa agoa hos rios sam saborosos z saõs assi se hos casados dos quaes procedẽ has gẽtes forẽ cheos de vícios z peccados / taes serã os mais dos q̄ delles procederẽ: z se forẽ virtuosos hos mais dos filhos hos seguirãõ: z por tanto determinei fazer este insino xpãõn para limpeza z virtude destas fontes: para que hos que am de casar estem insinados en ha virtude cõforme a seu estado: z insinẽ assi seus filhos quando lhos deos der en os tẽpos vindouros, eos que sam casados querẽdo goardar este insino tornem a hos bõos costumes z insino

porque os exercícios da cavalaria e armas pertencem principalmente aos moços fidalgos, e a conversação do paço a eles e aos que servem a seu rei.

A terceira causa foi ver como a maior perdição dos bons e virtuosos costumes começa pelo descuido dos casados quanto ao virtuoso e cristão ensino de seus filhos, porque, como toda a multiplicação de gente procede deles, é necessário que os criem em virtude, porque ficam os moços homens tais como foram criados quando moços.<sup>20</sup> E se mal ensinados são em sua mocidade, com grande dificuldade tornam aos costumes cristãos; e, pois, quando a fonte é peçonhenta, os rios que dela manam também o são, e se é de boa água os rios são saborosos e saõs. Assim, se os casados dos quais procedem as gentes forem cheios de vícios e pecados, tais serão a maioria<sup>21</sup> dos que deles procederem; e se forem virtuosos, a maioria<sup>22</sup> dos filhos os seguirão. E, portanto, determinei fazer este Ensino Cristão para limpeza e virtude destas fontes, para que os que hão de casar estejam ensinados na virtude conforme a seu estado, e ensinem assim seus filhos quando Deus lhos der nos tempos vindouros; e os que são casados, querendo guardar este ensino, tornem aos bons costumes e ensino

<sup>20</sup> "ha terceira causa foi veer quomo ha maior perdiçaam dos bõos e virtuosos costumes começa por hos casados se descuidarẽ do v[ir]tuoso e xpãõ insino de seus filhos: por q̄ quomo toda ha multiplicaçã da gẽte procede delles: e neçesario q̄ hos criem en v[ir]tude: por q̄ taes ficã hos moços en homẽes quaes forã criados en moços".

<sup>21</sup> "Os mais".

<sup>22</sup> "Os mais".

xpão / per caminho chãõ ⁊ bõõ de andar cõ  
ha graça ⁊ fauor de Jesu Christo nosso se-  
nhor ⁊ saluador.

¶ Et para de todo screuer ha v̄dade quomo  
som obrigado / ha principal occasiã de orde-  
nar este insino xpão / foi ho príncipe Dõ Phi-  
lippe nosso sñor: a ho qual deos quis tã grã-  
de bẽe que ho coroou de gloria para sēpre  
em ho ceo: primeiro que ho iurassem por se-  
nhor tēporal em ha terra / porq̄ veendo has  
grandes inclinações q̄ tinha a toda virtu-  
de: arreceei se hos costumes per v̄tura dos  
que ho haviã de cõuersar ⁊ seruir nõ fossem  
tam conformes aauida xpãa como era razã  
de serem: q̄ ou lhe dessem desplacer / ou lhe  
estoruassem alguã virtude. Et por tanto de-  
terminei de screuer ⁊ insinar este insino xpão  
para hos moços fidalgos ⁊ nobres / confor-  
me a stado de casados ⁊ q̄ seguẽ paço ⁊ cor-  
te de Rei: pois estes haviã de ser hos mais  
cõtinõs e sua cõuersaçã ⁊ seruiço. Nelle cer-  
to se deue esta obra: pois della foi occasiam.  
Et en sua memoria fique e ha terra / ⁊ princi-  
palmẽte se deue a deos nosso sñor / q̄e ha cau-  
sa de toda ha virtude: ⁊ ho auctor de nossos  
bẽes: ho q̄l tenha por bẽe pollos rogos de  
sua sãcta madre: ⁊ deste príncipe q̄ elle glori-  
ficou / pois foi occasiam deste insino: imprí-

cristão por caminho chãõ e bom de andar, com a graça e favor de  
Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador.

Para de todo escrever a verdade, como sou obrigado, a princi-  
pal ocasião<sup>23</sup> de ordenar este Ensino Cristão foi o príncipe Dom  
Filipe, Nosso Senhor, o qual Deus quis tão grande bem que o coro-  
ou de glória para sempre no céu.<sup>24</sup> Primeiro, que o jurassem por  
senhor temporal na terra, porque vendo as grandes inclinações que  
tinha a toda virtude, arreceei<sup>25</sup> se os costumes porventura dos que  
haviã de conversar<sup>26</sup> com ele e servi-lo<sup>27</sup> não fossem tão conformes  
à vida cristã como era razão de serem – que ou lhe dessem desplacer,  
ou lhe estorvassem alguma virtude. Portanto, determinei de escrever  
e ensinar este Ensino Cristão para os moços fidalgos e nobres con-  
forme ao estado de casados e que seguem paço e corte de rei, pois  
estes haviã de ser os mais contínuos<sup>28</sup> em sua conversação e servi-  
ço. A ele é certo *que* se deve esta obra, pois dela foi ocasião, e, em sua  
memória, fique na terra. E principalmente se deve a Deus Nosso  
Senhor que é a causa de toda a virtude e o autor de nossos bens, o  
qual tenha por bem *este livro*, pelos rogos de Sua Santa Mãe e deste  
príncipe que Ele glorificou, pois foi ocasião deste ensino imprí-

<sup>23</sup> “Ocasião” é, neste contexto, o mesmo que “motivo”. “Do lat. *occasiõne*-, ‘momento favorável, ocasião, tempo propício; circunstância favorável, oportunidade’; por via culta”. MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, v. 4, p. 237.

<sup>24</sup> Referência à morte do infante.

<sup>25</sup> O autor recebeu que os conselheiros de D. Filipe não estivessem bem formados no ensino cristão e isso o influenciassse negativamente; ou seja, não era o infante que precisava de instrução, mas aqueles que o rodeavam.

<sup>26</sup> O verbo “conversar” é utilizado pelo texto como sinónimo de “tratar em particular”. CONVERSÁR. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. t. I, p. 466.

<sup>27</sup> “de cõuersar e seruir”.

<sup>28</sup> A expressão “os mais contínuos” pode ser lida como “os mais assíduos”.



## Prohemio.

milho en hos corações dos que ho apprêde-  
rem ou leerẽ. Et se alguẽ lhe pareſcer q̃ per  
outra via ſe poderaa ſaluar: claro ſta q̃ guar  
dãdo iteiramente hos mandamẽtos de de-  
os ſe ſaluarã: e porẽ para hos guardar quo  
mo deue todo Chriſtão / ſerue eſte inſino:  
moſtrãdo p ſeus capitulos ho caminho da  
guarda dos preceptos do ſenhor: e acconſe  
lhãdo outras couſas q̃ applicã ho coraçam  
a inteiramente compzir hos taes preceptos  
doçe mête e cõ pouca difficuldade: e que tirã  
e arredã has occaſiões que ſam cauſa de nõ  
guardarẽ hos homẽes quomo ſam obriga-  
dos / hos p̃ceptos do ſenhor deos / a ho qual  
ſeja honra / gloria / e louuor: para ſempre.  
Amen.

### Capitulo primeiro / quo- mo ſe deue tirar ho mau coſtume velho.

mi-lo nos corações dos que o aprenderem ou lerem. E se alguém lhe parecer que por outra via se poderá salvar, claro que está guardando inteiramente os mandamentos de Deus, e, assim, se salvará. Por isso, serve este Ensino para guardar os *mandamentos* como deve todo cristão, mostrando por seus capítulos o caminho da guarda dos preceitos do Senhor e aconselhando outras coisas que direcionam<sup>29</sup> o coração a inteiramente cumprir os tais preceitos docemente e com pouca dificuldade, e que tiram e arredam as ocasiões que são causa de não guardarem os homens como são obrigados os preceitos do Senhor Deus – ao qual seja *dada* honra, glória e louvor para sempre.

Amém.

### Capítulo Primeiro: como se deve tirar o velho mau costume

<sup>29</sup> No texto base, está “*aplicam*”. O verbo “aplicar” é entendido, neste contexto, como “colocar em prática”. MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa*, v. 1, p. 195.



O apóstolo S. Paulo nos insi-  
na que nos vistamos do nouo  
homẽ / que segundo Christo e  
criado / e dispamos ho velho:  
porque mal poderaa hũa pes-  
sõa vestir dous pelotes / hũo

Ad Ephe.  
iiii. capi.

sobre ho outro: nẽ poderaa nascer ha bõa se-  
mẽte na terra õde ha maã stiuẽr iã crescida e  
fecta messe: e assi meesmo muito mal se pode-  
raã plãtar nouos costumes: õde houuer al-  
gũo mau / se primeiro nõ foor arrãcado / e lâ-  
çado fora da alma. Pollo q̃l hirmãos en xpõ  
Jesu: ha primeira doctrina vossa seja / com ha  
graça de nosso sñor: se algũo tiuer algũo mau  
costume / lâçallo fora de si / e tirallo de raiz:  
por q̃d outra maneira: nõ poderaa crescer na  
sua alma ho bõo insino Chriſtão / se ho coraçã  
stiuẽr occupado de algũo vicio. Esta e ha pri-  
meira obra q̃ deueis fazer: porque ho costu-  
me tẽ muita força no homẽ / segundo ha ex-  
periencia nos insina: porque se vos accostu-  
mais a falar muito: nõ podeis accabar cõo  
sco de falar pouco / e se a pouco: nõ podeis  
falar muito: e se vos accostumais a comer lo-  
go pella manhã / nõ podeis star en Jeiuõ: e  
se a non comeer / nõ podeis almoçar: se vos  
accostumais a iogar: e grande paixam nõ iõ-  
gar: se a nõ iogar / a vorre se vos ho iogo: e

O Apóstolo S. Paulo nos ensina que nos vis-  
tamos do novo homem,<sup>30</sup> que segundo Cristo é  
criado, e dispamos o velho *homem*, porque mal poderá uma pessoa  
vestir dois pelotes,<sup>31</sup> um sobre o outro, nem poderá nascer a boa  
semente na terra onde a má estiver já crescida e feita messe.<sup>32</sup> As-  
sim mesmo, novos costumes dificilmente se poderão plantar<sup>33</sup> on-  
de houver algum mau, se *este* não for primeiro<sup>34</sup> arrancado e lança-  
do fora da alma. Por isso,<sup>35</sup> irmãos em Cristo Jesus, a primeira  
doutrina vossa seja *a seguinte*, com a graça de Nosso Senhor: se  
algum *de vós* tiver algum mau costume, *deve* lançá-lo fora de si e  
tirá-lo pela<sup>36</sup> raiz, porque de outra maneira não poderá crescer na  
sua alma o bom ensino cristão se o coração estiver ocupado de  
algum vício. Esta é a primeira obra que deveis fazer, porque o cos-  
tume tem muita força no homem, segundo a experiência nos ensi-  
na, porque se vos acostumais a falar muito, não podeis persuadir-  
vos a falar pouco;<sup>37</sup> se *vos acostumais a falar* pouco, não podeis falar  
muito. E se vos acostumais a comer logo pela manhã, não podeis  
estar em jejum; e se a não comer, não podeis almoçar. Se vos acos-  
tumais a jogar, é grande paixão<sup>38</sup> não jogar; se a não jogar, aborre-  
ce-vos o jogo. E

*Efésios 4*

<sup>30</sup> Ef 4:24.

<sup>31</sup> "Pelote" é um casaco para homens sem manga. PELOTE. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 3, p. 424.

<sup>32</sup> "Messe" é o mesmo que seara preparada para a ceifa. MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 3, p. 217.

<sup>33</sup> "e assi meesmo muito mal se poderaã plantar nouos costumes".

<sup>34</sup> "se primeiro nõ".

<sup>35</sup> "pollo qual".

<sup>36</sup> "de".

<sup>37</sup> "nõ podeis accabar cõousco de falar pouco".

<sup>38</sup> No sentido de "sofrimento". PAIXÃO. In: MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, v. 4, p. 281.



pois ha mau e bõo costume tanto pode/ho  
 primeiro insino deue ser/lançar ho mau co-  
 stume fora/quê quer q ho tener: para qficã-  
 do ha alma limpa/ e desocupada/ se possa e  
 ella plântar ha virtude/ e modo de viver chri-  
 stão: ho qual e muito suaue/ e doce: e não e  
 andar per serras/ mas pello vidadeiro ca-  
 minho chão/ posto que ha entrada parece  
 estreita: pois ha aqui nõ screuemos vida stre-  
 cta/ mas modo gēeral/ para homēes casa-  
 dos/ e solteiros/ e q se guē corte de Rei. Et  
 porē sta e sobre auiso/ por q ho demonio haa  
 vós de tentar per muitas vias/ com ho grã-  
 denojo q recebe de veer algũo peccador sa-  
 ido das suas mãos/ e encaminhado para v-  
 tude. Assim nos insina ho sabedor/ dizēdo. Fi-  
 lho/ quando te chegares a ho seruiço de de-  
 os/ esta en justiça e te mor: e aparelha tua  
 alma a tentaçã. Chamae/ quando assi vos vjir  
 des attribulados/ pollo sũor: ho qual diz q  
 sta cõ hos seus en has tribulações: e buscae  
 cõselho de homēes spirituaes/ e prudētes:  
 e lēbre vos q tēdes da vossa parte hũo anjo  
 q vos guarda/ e harazam/ e ho senhor Jesu  
 christo forte/ e poderoso/ e vencedor dos  
 demonios.

**Caplo. ij. quomo se nõ deue fazer vtu-  
 de fingidamēte/ para medrança ou valia**

como o mau e o bom costume tanto podem,<sup>39</sup> o primeiro ensino deve ser lançar o mau costume fora quem quer que o tiver, para que, ficando a alma limpa e desocupada, se possa nela plantar a virtude e o modo de viver cristão – o qual é muito suave e doce, e não é andar por serras, mas pelo verdadeiro caminho chão, ainda que<sup>40</sup> a entrada parece estreita, pois aqui não escrevemos vida estreita,<sup>41</sup> mas modo geral para homens casados e solteiros e que seguem corte de rei. E, por isso, estai *de* sobreaviso, porque o demônio – com o grande nojo que recebe de ver algum pecador saído das suas mãos e encaminhado para

virtude – há de vos tentar por muitas vias.<sup>42</sup>  
*Eclesiástico 2*

Assim nos ensina o sabedor dizendo: filho, quando te chegares ao serviço de Deus, esteja em justiça e temor, e aparelha<sup>43</sup> tua alma à tentação.<sup>44</sup> Chamai, quando assim vos virdes atribulados, pelo Senhor, o qual diz que está com os seus nas tribulações,<sup>45</sup> e buscai conselho de homens espirituais e prudentes, e lembrai-vos que tendes da vossa parte um anjo que vos guarda e tem<sup>46</sup> razão, e o Senhor Jesus Cristo forte e poderoso e vencedor dos demônios.

**Capítulo dois: como se não deve fazer virtude fingidamente para medrança<sup>47</sup> ou valia**

<sup>39</sup> “pois ho mau e bõo costume tanto pode”.

<sup>40</sup> “posto que”.

<sup>41</sup> A expressão “vida estreita” refere-se ao modo de vida de religiosos e clérigos.

<sup>42</sup> “ho demonio haa vos de tentar per muitas vias, com ho grãde nojo q recebe de veer algũo peccador saido das suas mãos, e encaminhado para v[ir]tude”.

<sup>43</sup> Aparelhar é o mesmo que “preparar” ou “dispor de modo conveniente”. APARELHAR. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, t. I, p. 148.

<sup>44</sup> Ec 2:1.

<sup>45</sup> Sl 91:15.

<sup>46</sup> “Hã”.

<sup>47</sup> “Medrança” é o mesmo que “medra”; isto é, “crescimento”. MEDRANÇA. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*, t. II, p. 282.

Eclesiasti.  
ii, cap.

Psalmo, xc.



O segundo insino deve ser / lançado  
 Ja ho mão costume com ha graça  
 do sn̄oz para começo da vida chri-  
 stãa non fazer des cousa fingida /  
 quero dizer q̄ nõ folgucis de parecer v̄tuo-  
 sos aa gente / e nõ apregoais v̄tude. s. non  
 façais v̄tude para ha apregoardes / e para  
 parecer b̄os. Assim nos adm̄esta ho sn̄oz e  
 ho euãgelho. Olhae q̄ nõ façais ha vossa Ju-  
 stica diãte dos hoẽes para ser delles vistos. Math. vi. a.  
 Nõ tolhe haqui ho sn̄oz q̄ nossas obras nõ  
 sejam vistas / se sam b̄as / mas q̄ has nõ faça-  
 mos nos por ser vistos / e louuados dos ho-  
 m̄es: assi que vos deveis muito guardar de  
 seguir ha v̄tude por serdes louuados ou vi-  
 stos / ou para medrãça / ou para mais valia /  
 ou para mais interesse. Mas singellamente  
 por amor de deos / e por ho ser vir des / e nõ  
 para fazer des de deos de grao / para per el-  
 le subir aas cousas do mundo / porq̄ e grãde  
 peccado: e dos taes / diz ha sabiduria en ho  
 primeiro caplo / ho spirito sctõ foge do ho-  
 m̄e fingido. Pois se fordes fingidos / de-  
 os fugira de vos / e ha sua graça / e assi non Sapientiaẽ .  
primo cap.  
 podereis comẽzar / nẽ fazer obra q̄ b̄oa seja.

Capítulo terceiro / de quomo deve  
 apartarse de todo peccado mortal.

O segundo ensino deve ser – lançado<sup>48</sup> já o mau costume, com a graça do Senhor, para começo da vida cristã – não fazerdes coisa fingida, quero dizer que não folgueis de parecer virtuosos à gente, e não apregoeis virtude, isto é, não façais virtude para a apregoardes e para parecerdes bons. Assim nos admoesta o Senhor no Evangelho. Olhai que não façais Mateus 6  
 a vossa justiça diante dos homens para serdes deles vistos. Não tolhe<sup>49</sup> aqui o Senhor que nossas obras não sejam vistas, se são boas, mas que as não façamos nós para sermos vistos e louvados pelos homens.<sup>50</sup> Por isso,<sup>51</sup> vós deveis muito guardar de seguir a virtude para serdes louvados ou vistos, ou para medrança ou para mais valia ou para mais interesse. Mas singelamente por amor de Deus e por O servirdes e não para fazerdes de Deus degrau para por Ele subir às coisas do mundo, porque *isto* é grande pecado. Dos tais, diz a Sabedoria no primeiro capítulo: “o espírito Santo foge do homem fingido”.<sup>52</sup> Pois se fordes fingidos, Deus fugirá de vós e a Sua graça *também* fugirá, e assim não podereis começar, nem fazer obra que seja boa. Sabedoria 1

### Capítulo terceiro: de como deve apartar-se de todo pecado mortal

<sup>48</sup> No sentido de “arrancado”.

<sup>49</sup> “Tolher” é empregado, neste trecho, como sinônimo de “impedir”. TOLHER. In: MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, v. 5, p. 312.

<sup>50</sup> Mt 6:1-8.

<sup>51</sup> “Assi que”.

<sup>52</sup> Sb 1:5.





O propheta Dauid nos ifina/que se quiseermos veer ha vida: z hos bõos dias do fñoz/ q̄ nos appartemos do mal: z façamos bẽe. Doctrina e bẽe chãa/ z bẽe cõmua esta: porq̄ sendo tâ clara/ nõ tenha níguẽ excusa q̄ nõ soube ho caminho de sua saluaçã. Este appartamento do mal/ e fazer entre ha alma/ z hos peccados/ hũo tam forte muro: cõ ha graça do fñoz/ de resistentia/ que por nenhũa cousa ofenda a deos mortalmente. Et este deue ser hũo fundamento firme de todo ho Chrifto/ porq̄ quomo ho fin para q̄ ho fñoz nos criou/ z redemio/ foi para sermos bẽe aueturados: nõ pode/ quẽ e peccado mortal morre/ cõ elle iunctar se e ha gloria: nẽ quẽ e peccado mortal viue/ star e sua graça: se delle se nõ appartã/ cõ ho fauor do fñoz. porq̄ mal se pode admassar ferro cõ ouro: z muito pior/ maldade cõ bõodade: z quomo deos seia sũma/ z ifinita bõodade/ para cõ elle star/ bõodade e necessario que tenhamos. Et assi se responde a hos que pergũtã q̄ lhe vai a deos en que hũo homẽ seia mao/ z se de a hos plazer es do mũdo: Vai nisso a deos ho muito que vai a ho homẽ: porq̄ para elle hauer de star cõ deos: haa se de cõformar cõ elle/ z porq̄ e deos tudo e bõo/ e necessario que en homẽ nõ haia

Salmos 33

O profeta Davi nos ensina que se quisermos ver a vida e os bons dias do Senhor, que nos apartemos do mal e façamos o bem.<sup>53</sup> Esta doutrina é bem chã e bem comum, porque sendo tão clara, não tenha ninguém desculpa<sup>54</sup> que não soube o caminho de sua salvação. Este apartamento<sup>55</sup> do mal é fazer entre a alma e os pecados um tão forte muro, com a graça do Senhor, de resistência, que por nenhuma coisa ofenda mortalmente a Deus. Este deve ser um fundamento firme de todo Cristão, porque como o fim para que o Senhor nos criou e redimiu foi para sermos bem-aventuradas – *por isso*, não pode quem em pecado mortal morre, com Ele juntar-se na glória; nem quem em pecado mortal vive, estar em Sua graça, se dele (*do pecado*) não se aparta com o favor do Senhor. Porque mal se pode amassar ferro com ouro, e muito pior *seria amassar* maldade com bondade. E como Deus seja suma e infinita bondade, é necessário que tenhamos bondade para com Ele. E assim se responde aos que perguntam se importa a Deus um homem que seja mau e se dê aos prazeres do mundo. Importa nisso a Deus o muito que vai ao homem,<sup>56</sup> porque para ele haver de estar com Deus, há de se conformar com Ele. E como em Deus<sup>57</sup> tudo é bom, é necessário que no homem não haja

<sup>53</sup> Sl 34:15.

<sup>54</sup> “Excusa”.

<sup>55</sup> “Apartamento” é o mesmo que “afastamento”. APARTAMENTO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 1, p. 186.

<sup>56</sup> “Et assi se responde a hos que pergũtã q̄ lhe vai a deos en que hũo homẽ seia mao, e se de a hos plazer es do mũdo? Vai nisso a deos ho muito que vai a ho homẽ”.

<sup>57</sup> “Porq̄ e Deus”.

mal que mortal seja / e se for venial: primeiro seraa no purgatorio purgado: porque ferro cõ ouro nõ se admassa bẽe: nẽ pao com pratta: mas ouro de menos quilates: cõ ouro muito fino / si: e pratta nõ tam bõa: com ha muito fina. Et posto q̃ ha bõodade de deos seia infinita / nõ nos pede ho que nõ podemos / que e bõodade Infinita: mas que en nos nõ haia maldade: e que seguamos bõodade / porque assi seiamos cõ elle iunctos na sua bẽe aventura: en ha qual quomo tudo e ouro de gloria / nõ se admassa ferro de maldade. Este infino deveis de assentar en vosso coraçam / e cousa que seja peccado mortal / ha veis de fugir della quomo de hũo basilisco.

Capítulo quarto de quomo deve ho homẽ exercitar se en has obras de misericordia / e cõfessar se muitas vezes.



Ha auctoridade do propheta David: q̃ en ho capítulo passado se dixẽ: se cõtẽem duas cousas. s. appartamento do mal / e fazer bẽe. Quanto aa primeira parte / que he nõ fazer mal: ia se dixẽ no precedente capítulo. Quanto a ho fazer bẽe / ha se de tẽer por regla mui uniuers-

mal que seja mortal; e se for venial, primeiro será no Purgatório purgado, porque ferro com ouro não se amassa bem, nem pau com prata. Mas ouro de menos quilates com ouro muito fino sim, e prata não tão boa com a muito fina. E ainda que<sup>58</sup> a bondade de Deus seja infinita, não nos pede o que não podemos – que é bondade infinita –, mas que em nós não haja maldade e que sigamos bondade, porque assim sejamos com Ele juntos na Sua bem-aventurança, na qual, como tudo é ouro de glória, não se amassa ferro de maldade. Este ensino deveis de assentar em vosso coração, e coisa que seja pecado mortal haveis de fugir dela como de um basilisco.<sup>59</sup>

Capítulo quarto: de como deve o homem exercitar-se nas obras de misericórdia e confessar-se muitas vezes

Na autoridade do Profeta Davi que, no capítulo passado, se disse: “contem-se duas coisas; a saber, apartamento do mal e fazer bem”.<sup>60</sup> Quanto à primeira parte, que é não fazer mal, já se disse no precedente capítulo. Quanto ao fazer bem, há de se ter por regra muito univer-

<sup>58</sup> “posto que”.

<sup>59</sup> Uma espécie de serpente. BASILISCO. In: BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713. t. II, p. 59.

<sup>60</sup> Sl 34:15.



## Infino

sal/lâçar ho Chrístão mão de toda bõa obra que selhe offerescer: com tal que seia cõforme a seu stado z possibilidade: z por que en isto/ ho spirito sancto e ho q̄ insina interior mente/ por ha inclinaçam que hũas pessõas tẽem mais a hũa obra de virtude que a outra / nõ se pode dar regla certa: mas eẽ general: deue todo Chrístão que viue no mũdo/ ser diligente en compzir has obras de misericordia/ lembrando-lhe Tobias/ z Job/ z Abraham / que fooram casados: z en ho nouo testamento S. Luis Rei de França/ sancta Isabel ha filha del rei de Ungria/ z sancta Monica mãe de nosso padre sancto Augustinho / z outros muitos sanctos / hos quaes se exercitaram en has obras de misericordia. Et para cumprimento disto / z para ser do spirito sancto insinados/ e muito necessaria ha limpeza do coraçam / z pureza da cõsciencia: z por tanto/ quomo cousa mais substancial deste tractado/ cõ ha qual tudo vos sera a facil: z suave de fazer/ haueis de tẽer por Regla/ vsar desde misericordia cõ vossa alma/ z curalla/ quando e eferma de algũo peccado/ cõfessado vos muito a mende. s. en tãto q̄ sois solteiros: z tẽedes poucos cuidados/ hũa vez cada semana/ aa sexta feira/ ou sabbado: z comũgardes ao menos cada dous meses. Et de pois

Confissão.

Comunhão

sal: lançar o Cristão mão de toda boa obra que se lhe oferecer, com tal que seja conforme a seu estado e possibilidade. E porque nisto o Espírito Santo é o que ensina interiormente pela inclinação que umas pessoas têm mais a uma obra de virtude que a outra; não se pode dar regra certa, mas em geral deve todo Cristão que vive no mundo ser diligente em cumprir as obras de misericórdia – lembrando-lhe Tobias, Jó e Abraão, que foram casados, e no Novo Testamento São Luís, rei da França, Santa Isabel, a filha do rei de Hungria e Santa Mônica, mãe de nosso padre Santo Agostinho, e outros muitos Santos, os quais se exercitaram nas obras de misericórdia. Para cumprimento disto e para serdes do Espírito Santo ensinados, é muito necessária a limpeza do coração e pureza da consciência. Portanto, como coisa mais substancial deste tratado, com a qual tudo vos será fácil e suave de fazer, haveis de ter por regra usardes de misericórdia com vossa alma e curá-la quando está enferma de algum pecado, confessando-vos muito amiúde – isto é, entanto que sois solteiros e tendes poucos cuidados, uma vez cada semana, à sexta-feira ou sábado, e comungardes ao menos cada dois meses. E depois

*Confissão*

*Comunhão*

de casados se vos isto parecer difficil / confessae vos aomenos cadames hũa vez / e comungae has quatro festas pñcipaes do año. s. p pascoa: segũdo ho sctõ pcepto da eggreja / e pello spirito sctõ / pello natal / e per dia da assumpçã de nossa sñra / q̃ ṽe no mes d'agosto. Et este cõselho assentae muito en vossa alma / por q̃ ñ hũa cousa tãto tira maos costumes / e plãta virtudes / quomo ho vso frequẽte do sacramẽto da penitẽtia / e receber ho sancto sacramẽto do corpo do sñor / polla graça q̃ nestes sacramẽtos e dada aa alma. Ha cõfissã segũdo S. Hieronymo / e ha segũda tauoa / e q̃ nos hauemos de saluar dos pigoos deste mũdo: por q̃ ha primeira e ho baptifino. En este sacramento sam hos peccados q̃ bñtados / e has forças do demonio enfraquecidas / e aa alma perdõada ha culpa / e dada graça. Et pois segũdo diz ho sabedor / septe vezes a ho dia cae ho iusto / e se leuãta: hos q̃ iustos q̃ r̃e fer / ñ e muito / caindo septe vezes a ho dia / leuãtar se de suas culpas cada octo dias: p̃ fãdo se de seus peccados / e vsãdo muitas vezes do remedio q̃ tã e cõmẽdado ficou pello sñor / nas palauras e q̃ institubio ho sacramẽto da penitẽtia / quando dixẽ a hos ap̃los / Recebei ho spirito sancto: ha q̃lles cujos peccados pdõardes / pdõados lhes sã: e cujos pec

de casados, se vos isto parecer difficil, confessai-vos ao menos cada mês uma vez, e comungai nas quatro festas principais do ano – a saber, pela Páscoa, segundo o Santo preceito da Igreja, e pelo Espírito Santo,<sup>61</sup> pelo Natal e pelo dia da Assunção de Nossa Senhora, que vem no mês de agosto. Este conselho assentai muito em vossa alma, porque nenhuma coisa tanto tira maus costumes e planta virtudes como o uso frequente do sacramento da Penitência e receber o Santo sacramento do Corpo do Senhor, pela graça que nestes sacramentos é dada à alma. A Confissão, segundo S. Jerônimo, é a segunda tábuca em que nos havemos de salvar dos perigos deste mundo, porque a primeira é o batismo. Neste sacramento, são os pecados quebrantados e as forças do demônio enfraquecidas, e à alma perdoada a culpa e dada graça. Pois, segundo diz o sabedor, sete vezes ao dia cai o justo e se levanta.<sup>62</sup> Os que justos querem ser, não é muito, caindo sete vezes ao dia, levantar-se de suas culpas a cada oito dias, confessando-se de seus pecados; e, usando muitas vezes do remédio que tão encomendado ficou pelo Senhor nas palavras em que instituiu o sacramento da Penitência quando disse aos Apóstolos: “recebei o Espírito Santo; àqueles cujos pecados perdoardes, perdoados lhes são; e cujos pe-

<sup>61</sup> Domingo de Pentecostes.

<sup>62</sup> Pr 24:16.



Examina-  
ção da con-  
sciência,

cados retiverdes / retidos lhes são. Et para  
melhor poderdes fazer vossa confissão / deveis  
cada nocte examinar vossa consciencia das  
coisas q̄ fizestes ha q̄lle dia / ho q̄ achardes  
q̄ foi culpa / screuello de maneira que vos soo  
ho saibais leer / e guar dallo e lugar q̄ nõ poſ  
sa ser achado . Et esta examinaçã fareis lige-  
ira mēte / trazendo aa memoria has cousas q̄  
vistes: cõ que falastes / hos lugares per on-  
de andastes / e ho q̄ fizestes nelles / hos pēsa-  
mētos que cuidastes. Et tãbem per hos pec-  
cados a que sois mais inclinado / e accostu-  
mado: e das culpas que vos assi lembrarem /  
deveis de vos arrepender / assi quomo has  
screuerdes / e pedir a nosso senhor perdam-  
cõ proposito de emenda. Et quando a ho cabo  
da semana vos ou verdes de ir confessar: lee-  
de vosso papel / e pese vos muito das culpas  
que nelle stam scriptas / e das que vos po-  
diã esquecer: e assi vos ireis confessar.

¶ Eneste cõselho deste ensino Christão / haue-  
is de achar tanta consolaçã sp̄itual vsan-  
do ho / q̄ nõ sabereis viuer sem vos cõfessar-  
des muitas vezes: e quã pesada cousa vos  
pareçe hagoza ha confissão / tã ligeira e suaue  
vos pareceraa continuoandoa. Por que nõ  
pode falleſcer ha sentença do senhor / vinde  
am̄ hos que trabalhais e stais carregados /  
e aprendei

Examinação da  
consciência

cados retiverdes, retidos lhes são”.<sup>63</sup> Para  
melhor poderdes fazer vossa Confissão,  
deveis cada noite examinar vossa consciên-  
cia das coisas que fizestes naquele dia; o  
que achardes que foi culpa, *deveis* escrevê-lo de maneira que só  
vós o saibais ler e guardá-lo em lugar *em* que não possa ser  
achado. Esta examinação fareis ligeiramente, trazendo à memo-  
ria as coisas que vistes, com quem falastes, os lugares por onde  
andastes, e o que fizestes neles e os pensamentos que cuidastes;<sup>64</sup>  
e também os pecados a que sois mais inclinados e acostutados,  
e, das culpas que vos assim lembrardes, deveis de vos arrenpen-  
der, assim como as escreverdes e pedirdes a Nosso Senhor per-  
dão com propósito de emenda. E quando ao cabo da semana  
vos houverdes de ir confessar, lede vosso papel e pesai-vos muito  
das culpas que nele estão escritas e das que vos podiam esquecer  
e assim vos ireis confessar.

Neste conselho deste Ensino Cristão, haveis de achar tanta  
consolação espiritual usando-o que não sabereis viver sem vos  
confessardes muitas vezes, e quão pesada coisa vos parece agora  
a Confissão, tão ligeira e suave vos parecerá continuando-a.  
Porque não pode falecer a sentença do Senhor: “vinde a Mim,  
os que trabalhais e estais carregados e aprendei

<sup>63</sup> Jo 20:22-23.

<sup>64</sup> O verbo “cuidar” é usado como sinônimo de “pensar”. Cf. CUIDAR. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 1, p. 601.

z aprendei de mi q̄ som manso z humilde de  
coraçã/ z o meu Jugo he suaue / z aminha  
carga leue,

**C**apitulo quinto como deue o chri-  
stião nõ ter de ver com o q̄ dirão os  
homens delle / quando o vijrẽ nõ vsar  
dos maos costumes geeraes.



**H**ij hũas regras geeraes / de  
que os homens / per secreta  
amoestaçã do demonio : vsam:  
z tem o mundo en maa conta  
aque m as non guarda: sendo  
ellas muito contra deos / z  
contra toda virtude: como he jogar / zom-  
bar dos outros / vingiar as injurias / tra-  
balhar por se anticipar z pceder a todos/  
estar occioso / z outras semelhãtes. Chamã  
homens a os que isto fazem / a os que non  
vsã destes vicios / chamã paruos / ou bõos  
pera frades / esta he hũa cousa cõ q̄o demo-  
nio desbarata muito os christiãos / porq̄  
nõ tamsoamente se contenta com attraher  
aestas peruerfas leis os peccadores / mas  
ainda faz levantar / cõtra os que non q̄rem  
estar por tam maos foros / a gente z os pa-  
rentes / z os amigos: z persegue os porque  
b j

de Mim, que sou manso e humilde de coração e *que* o Meu Jugo é suave e a Minha carga leve”.<sup>65</sup>

**Capítulo quinto: como deve o cristão não ter de ver com o que dirão os homens dele, quando o virem não usar dos maus costumes gerais**

Há algumas<sup>66</sup> regras gerais de que os homens por secreta admoestação do demônio usam, e tem o mundo em má conta quem não as guarda, sendo elas muito contra Deus e contra toda virtude, como é jogar, zombar dos outros, vingiar as injúrias, trabalhar por se antecipar e preceder a todos, estar ocioso e outras semelhantes. Chamam homens aos que isto fazem; aos que não usam destes vícios, chamam parvos<sup>67</sup> ou bons para frades. Esta é uma coisa com que o demônio desbarata muito os cristãos, porque não tão somente se contenta com atrair os peccadores a estas perversas leis, mas ainda faz levantar contra os que não querem se apresentar por tão maus foros,<sup>68</sup> *contra* a gente, os parentes, os amigos, e persegue-os para que

<sup>65</sup> Mt 11:28-30.

<sup>66</sup> “Habij hũas”.

<sup>67</sup> “Parvo” é o mesmo que “fraco” e insignificante. PARVO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 3, p. 403.

<sup>68</sup> Neste caso, a palavra “foro” é sinônima de “costume”.



## Infino

Ephes. b. c.

desistido seu bõo e virtuoso caminho: pollo qual / deveis irmãos começar a armar como diz o apóstolo: tomãdo scudo da fée / e capacete de esperança / e da espada da palavra do senhor: com as quaes armas possais resistir ao exercito do demonio: porque tanto que vos elle vir que lhe alevantais homenagem / que pello mau costume lhe tinheis dada / e vos saijs de seus vassallos / logo em continente ha de apregoar guerra contra vos: e armar sua gente: hũs quãdo passarem per vos / diram que soes factos / zombãdo: outros / que sois paruos: outros / que sois corridos: outros que non fereis pera guerra: outros / que sois bõos pera frades. Sabendo pois este combate do demonio / a conta que deveis de fazer / para levemente passardes este trabalho / he lembrar desuos que os homẽs / como diz nosso padre sãcto Augustinho: he gente curiosa para saber vidas alheas: e negligente para emendar a sua: e os maos sã para exercicio dos bõos: e a sabedoria do mundo / doidice he diãte de deos / segundo diz o apóstolo san Paulo. Deveis pois cõpadeceruos dos que de vos zombarẽ / como de gente fora de seu sentido / e como de soldados do demonio / com os quaes elle faz guerra a os que querem

August.

Primo Corinth. iii. d.

*Efésios 6* desistam de seu bom e virtuoso caminho.<sup>69</sup> Por isso,<sup>70</sup> deveis, Irmãos, começar-vos a armar como diz o apóstolo, tomando o escudo da fé e o capacete de esperança e a espada<sup>71</sup> da palavra do Senhor. Para que com essas<sup>72</sup> armas possais resistir ao exército do demônio,<sup>73</sup> porque assim que ele vos vir que lhe alevantais a menagem<sup>74</sup> que pelo mau costume lhe tinheis dada e vos saís da condição de seus vassallos; logo de seguida<sup>75</sup> ele (o demônio) há de apregoar guerra contra vós e armar sua gente. Uns quando passarem por vós dirão que sois Santos, zombando; outros que sois parvos, outros que sois corridos,<sup>76</sup> outros que não sereis para guerra, outros que sois bons para frades. Conhecendo,<sup>77</sup> pois, este combate do demônio, a conta que deveis de fazer para levemente passardes este trabalho é lembrardes-vos que os homens, como diz nosso padre Santo Agostinho, são gente curiosa para saber vidas alheias e negligente para emendar as suas, e os maus existem<sup>78</sup> para exercicio dos bons;<sup>79</sup> e a sabedoria do mundo, doidice é diante de Deus, segundo diz o apóstolo São Paulo.<sup>80</sup> Deveis, pois, compadecer-vos dos que de vós zombarem, como de gente fora de seu sentido, e como de soldados do demônio, com os quais ele faz guerra aos que querem

*Agostinho*

*1 Coríntios 3*

<sup>69</sup> “cõtra os que non q̄rem estar por tam maos foros, a gente e os parentes, e os amigos: e persegue os porque desistido seu bõo e virtuoso caminho”.

<sup>70</sup> “pollo qual”.

<sup>71</sup> “e da espada”.

<sup>72</sup> “com as quaes armas”.

<sup>73</sup> Ef 6:11.

<sup>74</sup> “Menagem” é o mesmo que “homenagem” no sentido de se criar um vínculo vasálico. MENAGEM. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 3, p. 200.

<sup>75</sup> “em continente”.

<sup>76</sup> “Corridos” é o mesmo que “envergonhados”. CORRÍDO. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*, t. I, p. 478.

<sup>77</sup> “Sabendo”.

<sup>78</sup> “Sã (são)”.

<sup>79</sup> A palavra “exercício” pode ser lida como sinônima de “serviço”. O texto visa dizer que os bons devem tomar as pessoas más como exemplo a ser evitado.

<sup>80</sup> 1 Cr 3:19.

Christão:

fo.r.

viver como fidalgos christiãos : e tambem:  
lebrarvos o q̃o senhor disse no euangelho /  
ninguẽ pode servir a dous senhores : assi q̃ Math.vi.  
se qui serdes guardar a lei de deos / aueis  
de quebrar as leis do mundo : e non podeis  
servir a deos / e a os costumes maos do  
mundo / e portanto faze conta que os ho-  
mens sam arvores : e non tenhais cõta com  
dizer / que diram de mi / ou com dizer . E di-  
zem de mi : nõ vos lembre que ha hii gente  
no mundo para ter essa conta com ella : mas  
lebreus q̃ ha hii deos / o qual ha de entrar  
em juizo com vossas almas : e traze sempre  
na memoria / o que diz o apostolo sam Pau- Ad galath.  
lo-se enquisesse a plazer a os homẽs non se- primo.c.  
ria servo de Christo.

Capitulo sexto / como deve o Chri-  
stião ter singular amor a deos /  
e passar pella memoria os  
beneficios seus ca-  
da dia.

b ij

viver como fidalgos cristãos. E *deveis* também lembrar-vos o que o Senhor disse, no Evangelho: “ninguém pode servir a dois Senhores”;<sup>81</sup> por isso,<sup>82</sup> se quiserdes guardar a lei de Deus, haveis de quebrar as leis do mundo, e não podeis servir a Deus e aos costumes maus do mundo; e, portanto, fazei conta que os homens são árvores; e não tenhais cuidado com “o que dirão de mim?” ou com “o que dizem de mim?”.<sup>83</sup> Não vos lembrais que há gente<sup>84</sup> no mundo para ter essa conta<sup>85</sup> com ela, mas lembrai-vos que há aí Deus, o qual há de entrar em juízo com vossas almas, e trazei sempre na memória o que diz o apóstolo São Paulo: “se eu quisesse aprazer aos homens, não seria servo de Cristo”.<sup>86</sup>

Mateus 6

Galátas 1

Capítulo sexto: como deve o Cristão ter singular amor a Deus e passar pela memória os seus benefícios a cada dia

<sup>81</sup> Mt 6:24.

<sup>82</sup> “Assi”

<sup>83</sup> “e non tenhais cõta com dizer, que diram de mi, ou com dizer?”.

<sup>84</sup> “nõ vos lembre que ha hii gente”

<sup>85</sup> A expressão “Ter conta” é empregada no sentido de “dar importância”.

<sup>86</sup> Gl 1:10.





Isto q̄nos ouueramos de ser  
os / req̄rentes de amar a o se-  
nhor / pedindo lhe q̄nos man-  
dasse q̄ o amassemos / assi pol-  
la obrigacãm que temos pa-  
ra o amar z seruir / como pol-  
la honrã que he ser amigo de tam grande  
senhor : elle polla sua infinita bõdade z pie-  
dade / nos quis mandar q̄ o amassemos / z  
muito perfectamente. s. de todo nosso cora-  
çã z de toda nossa memoria / z de todo nosso  
entendimẽto z vontade: z de toda nossa al-  
ma: z pois elle quer que seiamos seus ami-  
gos / como dixẽ a seus discipulos / a vos ja  
non direi seruos / mas amigos: deue todo  
christiã ter nelle familiar amizade / presup-  
posto seu mandamento / z nossa necessidade:  
porque ao amigo fiel non ha hij cõparaçã:  
z non ha hij outro q̄ assi ho seia como elle:  
por que maior amor non pode ser / q̄ dar a  
vida por seus amigos / como Christo fez.  
Aos amigos tẽporaes / ou lhes falta o que-  
rer: ou se q̄rem o poder: ou non sam fiees.  
Ao senhor: nõ lhe faltao poder / porq̄ todas  
as cousas que quis / diz David / as fez no-  
ceo / z na terra / z no mar / z nos abismos: nõ  
lhe faleçe ho querer / porq̄ elle quer / diz o  
apostolo sam Paulo que todos os homens

Ioã. xv. b.

Eccle. vi. b.

Ioã. xv. b.

Psalmo.  
cxxxlii.

Ainda que<sup>87</sup> nós houvéramos de ser os requerentes de amar ao Senhor, pedindo-Lhe que nos mandasse que O amássemos, assim pela obrigação que temos para O amar e servir, como pela honra que é ser amigo de tão grande Senhor; Ele, pela Sua infinita bondade e piedade, nos quis mandar que O amássemos e muito perfeitamente. Isto é, de todo nosso coração, de toda nossa memória, de todo nosso entendimento e vontade, e de toda nossa alma, pois Ele quer que sejamos Seus

João 15

Eclesiástico 6

João 15

Salmo 138

amigos, como disse a Seus discipulos: “a vós já não direi servos, mas amigos”.<sup>88</sup> Deve todo cristão ter n’Ele familiar amizade, pressuposto<sup>89</sup> de Seu mandamento e de nossa necessidade, porque ao amigo fiel não há<sup>90</sup> comparação,<sup>91</sup> e não há<sup>92</sup> outro que assim o seja como Ele,<sup>93</sup> porque maior amor não pode existir<sup>94</sup> que dar a vida por seus amigos, como Cristo fez. Aos amigos temporais ou lhes falta o querer ou se querem o poder,<sup>95</sup> ou não são fiéis. Ao Senhor não Lhe falta o poder, porque todas as coisas que quis, diz Davi,<sup>96</sup> as fez no céu, na terra, no mar e nos abismos. Não Lhe falece o querer, porque Ele quer, diz o apóstolo São Paulo, que todos os homens

<sup>87</sup> “posto que”.

<sup>88</sup> Jo 15:14-15.

<sup>89</sup> O mesmo que “designíos”.

<sup>90</sup> “ha hij”.

<sup>91</sup> Eclo 6, 5-17.

<sup>92</sup> “ha hij”.

<sup>93</sup> Jo 15:13.

<sup>94</sup> “ser”.

<sup>95</sup> Refere-se aos homens que querem o poder para eles mesmos.

<sup>96</sup> Sl 139 7-9.

se saluem: mas non se saluaraam os que non morrerem en a sua graça / e amor. Elle he fidelíssimo amigo / e nũa faltou en nenhũa prosperidade / nem aduersidade a os seus amigos: e portanto deue todo christão ter com elle special amizade / e familiar cõuersaçam / e porque non o podemos veer face a face neste desterro / deuemos de o veer per pensamẽto / cuidando nas mercẽs que delle cada hũ tem recebidas e nas que a todos ten fectas: porque nenhũa cousa tãto accende o amor / como cuidar nas mercẽs recebidas. Assim o diz o propheta David: aquentou-se meu coraçam dentro de mi e no meu pensamento se acenderaa fogo: e pera isto melhor poderdes fazer / tomareis cada dia hũa hora / ou mais / ou o tẽpo que bastar / e passareis per vosso pensamẽto (fazẽdo graças ao senhor / e pedindo-lhe o que vos conuem) o que fez por nos salvar / em o modo seguinte.

Psalmo.  
xxxviii.

**E** primeiramente / accordar-vos-eis como o senhor deos tomou carne humana / pera nos salvar / en o ventre virginal da sanctíssima virgem Maria sua madre: e como ella foi visitar sancta Elizabeth: na qual visitaçam foi sanctificado sam Joam baptista: e pedir-lhe-eis. O senhor sanctificai-me

Meditaçã  
dos myste-  
rios da vi-  
da de nos-  
so senhor.  
Encarna-  
cam, & vi-  
sitacãm.

b iij

se salvem, mas não se salvarão os que não morrerem na Sua graça e amor. Ele é fidelíssimo amigo e nunca faltou em nenhuma prosperidade nem adversidade aos Seus amigos, e, portanto, deve todo cristão ter com Ele especial amizade e familiar conversação. E porque não O podemos ver face a face neste desterro, devemos de O ver pelo pensamento, cuidando nas mercês que Dele cada um tem recebidas e nas que a todos Ele tem feitas, porque nenhuma coisa tanto acende o amor, como cuidar nas mercês recebidas. Assim o diz o profeta Davi:<sup>97</sup> “aquentou-se meu coração dentro de mim e no meu pensamento se acenderá fogo.” E para isto melhor poderdes fazer, tomareis cada dia uma hora, ou mais, ou o tempo que bastar, e passareis por vosso pensamento (fazendo graças ao Senhor e pedindo-Lhe o que vos convém) o que fez por nos salvar, do seguinte modo:

*Salmo 39*

Primeiramente, acordar-vos-eis<sup>98</sup> como o Senhor Deus tomou carne humana para nos salvar no ventre virginal da Santíssima Virgem Maria Sua Mãe e como Ela foi visitar Santa Isabel;<sup>99</sup> em uma<sup>100</sup> visitaçãõ foi santificado São João Batista, e pedir-lhe-eis: “Ó, Senhor, santificai-me,

*Meditação dos mistérios da vida de Nosso Senhor. Encarnação e visitação*

<sup>97</sup> Sl 39:4.

<sup>98</sup> O verbo “acordar” é aqui empregado no sentido de “lembrar”. ACORDAR. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 1, p. 51.

<sup>99</sup> Lc 1, 39-40.

<sup>100</sup> “naqual”.



perdoandome meus peccados: z daime graça para que vos non offenda. Ó virgem madre de deos / more voffo fauor comigo tres meſes como morastes tres meſes com ſancta Elizabeth.

Nacimẽ - **C**Ais cuidareis como o ſenhor nasceo /  
to. z foi dos pastores adorado. **P**edi-lhe q̃  
vos faça participante de o veerdes.

Circumci- **A**ſſi meſmo como foi circũcido. **P**e-  
ſam, di-lhe que circuncide en vos todo mau pẽ-  
ſamento / z palaura / z maa obra.

Adoracam **L**ogo como foi adorado dos reis. **P**e-  
dos ma- di-lhe que parta com voſco da offerta que  
gos. lhe offereceram: z aſſi que vos de encẽſo de  
fee firme / ouro de ſeu verdadeiro amor /  
myrrha de preferuaçam de peccados.

Apresenta **C**Ais como foi en o templo apresentado.  
cã en o tem- **P**edi-lhe que vos dee graça para o rece-  
plo. berdes dignamente en ho templo da voſſa  
alma quando comungardes.

Fugida a o **C**uidareis como o leuaram fugindo a o  
egypto. egypto. egypto pello deſerto. **P**edi-lhe q̃ entre  
en os deſertos de voſſa alma / z more no  
deſterro de voſſo coraçam.

Tornada **C**uidareis mais como tornou de egypto:  
de egypto z viuendo com ſua ſanctiſſima madre z Jo-  
& perdida ſeph / ficou en o templo / z foi cõ muita dor  
& achada per elles buscado / z achado a o terceiro  
en o tẽplo.

perdoando-me meus pecados e dai-me graça para que Vos não ofenda”. Ó, Virgem Mãe de Deus, more Vosso favor comigo três meses como morastes com Santa Elisabete.<sup>101</sup>

*Nascimento* Mais, cuidares como o Senhor nasceu e foi pelos pastores adorado.<sup>102</sup> Pedi-Lhe que vos faça participante de O verdes.

*Circuncisão* Assim mesmo como foi circuncidado.<sup>103</sup> Pedi-Lhe que circuncide em vós todo mau pensamento, palavra e má obra.

*Adoração dos magos* Logo como foi adorado dos reis.<sup>104</sup> Pedi-Lhe que parta<sup>105</sup> convosco da oferta que lhe ofereceram, e assim que vos dê incenso de fé firme, ouro de Seu verdadeiro amor, mirra de preservação de pecados.

*Apresentação no templo* Mais, como foi no templo apresentado.<sup>106</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para O receberdes dignamente no templo da vossa alma quando comungardes.

*Fugida ao Egito* Cuidareis como O levaram fugindo ao Egito pelo deserto.<sup>107</sup> Pedi-Lhe que entre nos desertos da vossa alma e more no desterro de vosso coração.

*Tornada de Egito e pedida e achada no templo* Cuidareis mais como tornou do Egito<sup>108</sup> e, vivendo com Sua santíssima Mãe e José, ficou no templo e foi com muita dor por eles buscado e achado ao terceiro

<sup>101</sup> Lc 1:56.

<sup>102</sup> Lc 2:8-20.

<sup>103</sup> Lc 2:21.

<sup>104</sup> M 2:11.

<sup>105</sup> Verbo empregado no sentido de “partilhe”.

<sup>106</sup> Lc 2:22-23.

<sup>107</sup> Mt 2:13-15.

<sup>108</sup> Mt 2:19-21.

dia. **P**edi-lhe que se per algũ peccado vos apartardes d'elle / que ao terceiro dia uos appareça e console.

**P**ensareis como se veeo cõ nossa senhora e viueo en sua companhia atee se manifestar a o mundo / e lhe ensinou e descobrio grandes segredos e mysterios. **P**edi-lhe que vos insine como o sirvais / e façais sua sancta vontade en todo tempo.

Vinda do templo a Nazareth com nossa senhora, & conuersacam cõ ella

**C**adais como foi baptizado en rio Jordã per sam Joam baptista. **P**edi-lhe que cõserue en vos as virtudes que vos deu en o seu sancto baptisimo quando fostes baptizado. s. fee speranza / e caridade.

Baptisimo.

**C**adais como ieiũou / e foi tentado en o deserto. **P**edi-lhe q̃ vos de graça para vencerdes as tentações do demonio.

Ieiũ & tentacãm en o deserto.

**C**adais cuidareis como pregou / e conuerteo muitos / e fez muitos milagres.

Pregacãm do senhor.

**P**edi-lhe que seiaes vos hũ dos que o siguam / e que vos conuerta a si / e aia misericordia de vossa alma.

**L**ogo como entrou en hierusalem na asinhã. **P**edi-lhe q̃ tenha por bem entrar en vossa alma / e vos dee graça para q̃ o recebais com ramos de palma de virtudes / e de oliveira de obras de misericordia.

Entrada do sñor en Hierusalẽ.

**A**ssi mesino cuidareis como ceou com

b iij

dia.<sup>109</sup> Pedi-Lhe, que se por algum pecado vos apartardes Dele, que ao terceiro dia vos apareça e console.

Pensareis como Se veio com Nossa Senhora e viveu em Sua companhia até Se manifestar ao mundo, e Lhe ensinou e descobriu grandes segredos e mistérios.<sup>110</sup> Pedi-Lhe que vos ensine como O sirvais e façais Sua santa vontade em todo tempo.

Mais, como foi batizado no rio Jordão por São João Batista.<sup>111</sup> Pedi-Lhe que conserve em vós as virtudes que vos deu no Seu Santo batismo quando fostes batizados, isto é, a fé, a esperança e a caridade.

Mais, como jejuou e foi tentado no deserto.<sup>112</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para vencerdes as tentações do demônio.

Mais, cuidareis como pregou, e converteu muitos e fez muitos milagres. Pedi-Lhe que sejais vós um dos que O sigam, e que vos converta a Si e tenha misericórdia de vossa alma.

Logo como entrou em Jerusalém na asinhã.<sup>113</sup> Pedi-Lhe que tenha por bem entrar em vossa alma e vos dê graça para que O recebais com ramos de palma de virtudes e de oliveira de obras de misericórdia.

Assim mesmo cuidareis como ceou com

*Vinda do templo à Nazaré com Nossa Senhora e conversação com Ela*

*Batismo*

*Jejum e tentação no deserto*

*Pregação do Senhor*

*Entrada do Senhor em Jerusalém*

<sup>109</sup> Lc 2:46.

<sup>110</sup> Lc 2:51-52.

<sup>111</sup> Mt 3:13-17.

<sup>112</sup> Mt 4:1-2.

<sup>113</sup> Pequena burra. Lc 19:29-31.



## Insiuo

Ceia do Senhor, & lavamento dos pees, & instituição do sancto sacramento.

seus discipulos, / e lhes lavou os pees / e instituiu o sanctissimo sacramento de seu corpo e sangue: pediu-lhe humildade / e graça para o receberdes dignamente quando comungardes.

Serman do mandato.

Cuidareis como acabada a ceia / fez o sermão do mandato a seus discipulos encomendando-lhes o amor e charidade. C pediu-lhe que vos de graça para amardes vossos proximos: e nunca lhes teardes odio.

Tristeza do senhor, & oracão en o horto.

Cabais como chegou ao horto / e se entristiceo / e orou tres vezes / e despertou seus discipulos sam Pedro / sanctiago / e sam João. C pediu-lhe que ouca vossas orações / e vos desperte do esquecimento en que estais das coisas de deos.

Suor do sangue.

C como suou sangue. C pediu-lhe que vossos peccados seiam lavados com aquelle sancto sangue / dizendo cõ David / amplius lava me ab iniquitate mea et a peccato meo munda me.

Pfálmo.1.

Logo como foi preso / e levado a casa de Annas / onde lhe deram a bofetada. C pediu-lhe que vos prenda com seu amor / e de graça para com paciencia soffrerdes as injurias que vos forem feitas.

Como foi levado a Caiphás.

C Assim mesmo como foi levado a casa de Caiphás / e accusado de falsas testemunhas /

## MEMÓRIA ATLÂNTICA

*Ceia do Senhor e lavamento dos pés e instituição do Santo Sacramento*

seus discipulos, lhes lavou os pés e instituiu o santissimo sacramento de Seu corpo e sangue;<sup>114</sup> pedi-Lhe humildade e graça para O receberdes dignamente quando comungardes.

*Sermão do mandato*

Cuidareis como, acabada a ceia, fez o sermão do mandato a Seus discipulos, encomendando-lhes o amor e caridade.<sup>115</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para amardes vossos proximos e nunca lhes terdes odio.

*Tristeza do Senhor e oração no horto*

Mais, como chegou ao horto e entristeceu e orou três vezes, e despertou Seus discipulos São Pedro, São Tiago e São João.<sup>116</sup> Pedi-Lhe que que ouca vossas orações e vos desperte do esquecimento em que estais das coisas de Deus.

*Suor de sangue*

E como suou sangue.<sup>117</sup> Pedi-Lhe que vossos peccados sejam lavados com aquele Santo sangue, dizendo com Davi: “*amplius lava me ab iniquitate mea et a peccato meo munda me.*”<sup>118</sup>

*Salmo 51*

*A prisão do Senhor e como foi levado a Anás*

Logo como foi preso e levado à casa de Anás, onde Lhe deram a bofetada.<sup>119</sup> Pedi-Lhe que vos prenda com Seu amor e dê graça para com paciência soffrerdes as injurias que vos forem feitas.

*Como foi levado a Caifás*

Assim mesmo como foi levado à casa de Caifás e acusado de falsas testemunhas e

<sup>114</sup> Jo 13:1-20.

<sup>115</sup> Jo 13:34-35.

<sup>116</sup> Mt 26:36-46.

<sup>117</sup> Lc 22:44.

<sup>118</sup> “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu peccado”. Sl 51:4.

<sup>119</sup> Jo 18:13, 22.

escarnescido / e cuspidado. **P**edi-lhe que vos dê graça para sofrerdes o mal que souberdes que de vos dizem.

**L**ogo como foi levado a casa de Pilato / e dali a casa de Herodes / e escarnescido com ha vestidura branca. **P**edi-lhe que não consente que o demonio faça de vos escarnio / a hora de vossa morte.

Foi levado a Pilato & Herodes.

**C**abais como foi tornado a casa de Pilato / e açoutado. **P**edi-lhe que pollos seus açoutes / vos perdoe o castigo que vos por vossos peccados mereceis.

Foi tornado a pilatos & açoutado.

**C**abais como foi vestido de purpura / e coroado de espinhos. **P**edi-lhe que não consente que entre em vossa alma / os espinhos dos maos de seios / não a purpura das honrras do mundo.

Foi vestido de purpura & coroado de espinhos.

**C**uidareis como saio com a cruz aas costas. **P**edi-lhe que vos dê graça para levardes a cruz da penitencia verdadeira de vossas culpas.

Levou a cruz aas costas.

**L**ogo como chegou ao monte calvario / e foi crucificado / despindolhe primeiro sua vestidura. **P**edi-lhe que vos tire a vestidura velha dos maos costumes / e encraue vossas mãos e pees / para que sempre vossos passos e obras sejam de verdadeiro fidalgo christão.

Como foi crucificado

escarnecido e cuspidado.<sup>120</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para sofrerdes o mal que souberdes que de vós dizem.

Logo como foi levado à casa de Pilatos<sup>121</sup> e dali à casa de Herodes e escarnecido com a vestidura branca.<sup>122</sup> Pedi-Lhe que não consinta que o demônio faça de vós escárnio à hora de vossa morte. Mais, como foi tornado à casa de Pilatos<sup>123</sup> e açoitado.<sup>124</sup> Pedi-Lhe que pelos Seus açoitados vos perdoe o castigo que vós por vossos peccados mereceis.

*Foi levado a Pilatos e Herodes*

*Foi tomado a Pilatos e açoitado*

Mais, como foi vestido de púrpura e coroado de espinhos.<sup>125</sup> Pedi-Lhe que não consinta que entrem em vossa alma os espinhos dos maus desejos, nem a púrpura das honras do mundo.

*Foi vestido de púrpura e coroado de espinhos*

Cuidareis como saiu com a cruz às costas.<sup>126</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para levardes a cruz da penitência verdadeira de vossas culpas.

*Levou a cruz às costas*

Logo como chegou ao monte Calvário e foi crucificado, despindo-Lhe primeiro Sua vestidura.<sup>127</sup> Pedi-Lhe que vos tire a vestidura velha dos maus costumes e encrave vossas mãos e pés — para sempre vossos passos e obras sejam de verdadeiro fidalgo cristão.

*Como foi crucificado*

<sup>120</sup> Mr 14: 53-65.

<sup>121</sup> Mt 27, 2.

<sup>122</sup> Lc 23:7-11.

<sup>123</sup> Lc 23:11.

<sup>124</sup> Jo 19:1.

<sup>125</sup> Jo 19:2.

<sup>126</sup> Jo 19:17.

<sup>127</sup> Jo 19:23.



## Insino

A prime-  
ira palavra  
que disse  
na cruz.

ii.

iii.

iiii.

v.

vi.

vii.

**C**abais polla primeira palavra / que foi ro-  
gar por os que o crucificavam. **P**edi-lhe  
que vos perdoe vossos peccados.

**C**olla segunda palavra que disse ao la-  
dram que seria cõ elle no paraíso. **P**edi-lhe  
que ouçais d'elle esta palavra / na hora  
de vossa morte.

**C**olla terceira palavra / que foi / encomen-  
dar sua sanctíssima madre ao bemaentura-  
do san Joam. **P**edi-lhe q̃ vos faça muito  
deuoto de sua sancta madre z vos entregue  
a ella / para q̃ tenha de vos special cuidado.

**C**olla quarta palavra / q̃ foi / deos meu /  
porque me deixaste. **P**edi-lhe q̃ seia sem-  
pre com vosco / z vos socorra en vossas ne-  
cessidades.

**C**olla quinta palavra que disse / sede hei.  
**L**he pedi q̃ vos de graça para fazerdes  
as bõas obras / de que auéis de auer sede aa  
hora de vossa morte : z metei en vos a sede  
das cousas do mundo.

**C**olla sexta palavra q̃ disse / consummado  
he. **P**edi-lhe que acabe en vos / as bõas  
obras que en vos começar.

**C**olla septima palavra que disse / padre /  
en as vossas mãos encõmendo o meu spiri-  
to. **P**edi-lhe que seia com vosco en o pas-  
so de vossa morte / z receba vossa alma.

## MEMÓRIA ATLÂNTICA

*A primeira  
palavra que  
disse na cruz*

II

III

IV

V

VI

VII

Mais, pela primeira palavra, que foi rogar pelos que O crucificavam.<sup>128</sup> Pedi-Lhe que vos perdoe vossos peccados.

Pela segunda palavra, que disse ao ladrão que estaria<sup>129</sup> com Ele no Paraíso.<sup>130</sup> Pedi-Lhe que ouçais Dele esta palavra na hora de vossa morte.

Pela terceira palavra, que foi encomendar Sua santíssima Mãe ao bem-aventurado São João.<sup>131</sup> Pedi-Lhe que vos faça muito devotos de Sua Santa Mãe e vos entregue a Ela para que tenha de vós especial cuidado.

Pela quarta palavra, que foi: “Deus meu, porque me deixaste?”<sup>132</sup> Pedi-Lhe que esteja sempre convosco e vos socorra em vossas necessidades.

Pela quinta palavra que disse: “tenho sede”.<sup>133</sup> Pedi-Lhe que vos dê graça para fazerdes as boas obras de que haveis de haver sede à hora de vossa morte, e metei em vós a sede das coisas do mundo.

Pela sexta palavra que disse: “é consumado”.<sup>134</sup> Pedi-Lhe que acabe em vós as boas obras que em vós começaram.

Pela sétima palavra que disse: “Pai, nas Vossas mãos encomendo o Meu espírito”.<sup>135</sup> Pedi-Lhe

<sup>128</sup> Lc 23:34.

<sup>129</sup> “seriã”.

<sup>130</sup> Lc 23:43.

<sup>131</sup> Jo 19:26-27.

<sup>132</sup> Mt 27:46; Mr 15:34.

<sup>133</sup> “sede hei”. Jo 19:28.

<sup>134</sup> Jo 19:30.

<sup>135</sup> Lc 23:46.

**C**uidareis como foi depois de morto o seu lado aberto com lança / e sahio delle sangue e agua: . **P**edi-lhe que vosso coração seia aberto: e claro sem manchas, nem vam gloria, nem hypocresia.

**L**ogo como foi abaixado da cruz: e do planto que nossa senhora fez. **P**edi-lhe graça para sentirdes sua morte e paixão: e assi chegareis com elle a tee o sepulchro.

**C**uidareis como resuscitou a o terceiro dia / e appareceo a sua sancta madre / e tirou os padres sanctos do limbo / e appareceo ha Magdalena e a os discipulos / e conuerrou com elles quarenta dias apparecendo-lhes. **P**edi-lhe que vos appareça / e o veiais glorioso depois desta vida.

**L**ogo como subio a o ceo. **P**edi-lhe q suba laa vosso coração e pensamento.

**A**ssi mesmo como enuiu sobre os discipulos / o spirito sancto. **P**edi-lhe que mande sobre vos a graça / e dões do spirito scto.

**C**uidai como nossa senhora morou doze annos en este mundo / depois da ascensam do senhor / e confortou muitos que se conuertiam: e lhes insinou muitos secretos: e como morreo sen dooz / e foi subida ao ceo / en corpo e alma. **D**ae por isto muitas graças a o senhor.

Como foi o lado aberto com lança.

O decimẽto da cruz, & a sepultura do senhor.

A resurreicam do senhor.

A ascensam.

Como enuiu o spirito sancto.

Vida de nossa senhora & a sua assumpcam.

Mais, cuidareis<sup>136</sup> como foi depois de morto o Seu lado aberto com lança e saiu Dele sangue e água.<sup>137</sup> Pedi-Lhe que vosso coração seja aberto e claro sem manchas, nem vá-glória, nem hipocrisia.

Logo como foi abaixado da Cruz,<sup>138</sup> e do pranto<sup>139</sup> que Nossa Senhora fez. Pedi-Lhe graça para sentirdes Sua morte e paixão, e assim chegareis com Ele até o sepulcro. Cuidareis como resuscitou ao terceiro dia<sup>140</sup> e appareceu à Sua Santa Mãe e tirou os Padres Santos do Limbo, e appareceu a Madalena<sup>141</sup> e aos discipulos<sup>142</sup> e conversou com eles quarenta dias, apparecendo-lhes.<sup>143</sup> Pedi-Lhe que vos appareça e O vejais glorioso depois desta vida.

Logo como subiu ao céu.<sup>144</sup> Pedi-Lhe que suba lá vosso coração e pensamento.

Assim mesmo como enviou sobre os discipulos o Espirito Santo.<sup>145</sup> Pedi-Lhe que mande sobre vós a graça e dons do Espirito Santo.

Cuidai como Nossa Senhora morou doze anos neste mundo depois da ascensão do Senhor, e confortou muitos que se convertiam e lhes ensinou muitos segredos, e como morreu sem dor e foi subida ao céu em corpo e alma. Dai por isto muitas graças ao Senhor.

*Como foi o lado aberto com a lança*

*O descimento da cruz e a sepultura do Senhor*

*A resurreição do Senhor*

*A ascensão*

*Como enviou o Espirito Santo*

*Vida de Nossa Senhora e a Sua assunção*

<sup>136</sup> O original emprega "cuidares", mas é lapso por "cuidareis".

<sup>137</sup> Jo 19:34.

<sup>138</sup> Jo 19:38.

<sup>139</sup> "planto".

<sup>140</sup> At 10: 40; 1Cr 15:4.

<sup>141</sup> Jo 20:11-18.

<sup>142</sup> Mt 28:9; Mr 16:14; Lc 24:36; Jo 20:19; Jo 21.

<sup>143</sup> At 1:3.

<sup>144</sup> Mr 16:19; Lc 24:51; At 1: 9-11.

<sup>145</sup> At 2:1-4.



## Infino

Gracas por  
os particu-  
lares bene-  
ficios.

**E** assi mesino lhe dae graças por que vos criou / e fez christão / pollos peccados que vos perdoou / e pollos de q̄ vos guardou que non caísseis / e pollo que vos encobriu: das infirmitades q̄ vos sarou: pollos perigos de que vos guardou: e por todos bens temporaes que vos deu.

**F**azendo isto cada dia / que he cousa bem pouca passallo polla memoria / sentireis grã de cõsolaçam e amor de deos. E deveis vos lembrar / que nosso senhor / estas cousas as fez por vos / e que he razam que vos lembreis sempre dellas. E sabe certo que este infino / e cõfessar de vos cada somana / sam as fontes dõde ham en vossas almas de manar todas as outras obras vtuosas / todo o esforço: e cauallaria / toda verdadeira fidalguia e nobreza: e toda cousa bõa.

**Capítulo septimo como he necessario ao christão fugir a ociosidade.**

*Gracas pelos  
particulares  
beneficios*

E assim mesmo Lhe dai graças, porque vos criou e fez cristão pelos peccados que vos perdoou, e pelos de que vos guardou que não caísseis; pelo que vos encobriu; das enfermidades que vos sarou; pelos perigos de que vos guardou, e por todos os bens temporais que vos deu.

Fazendo isto cada dia, que é coisa bem pouca passá-lo pela memória, sentireis grande consolação e amor de Deus. E deveis-vos lembrar que Nosso Senhor fez estas coisas por vós e que é razão que vos lembreis sempre delas. E sabe certo<sup>146</sup> que este Ensino e confessardes-vos cada semana são as fontes, nas vossas almas, de onde hão de manar todas as outras obras virtuosas, todo o esforço, e cavalaria, toda verdadeira fidalguia e nobreza e toda coisa boa.

**Capítulo sétimo: como é necessário ao cristão fugir da ociosidade**

<sup>146</sup> A expressão “sabei certo” pode ser interpretada como “sabei com toda a certeza”.



E o Homem esta ocioso de obras / nã no esta de pensamento: o qual en hũa cousa / ou en outra sempre se occupa: e non cessa de fazer seu officio q̃ he cuidar. Pollo qual he muito perigosa para a alma / a ociosidade: por quãto della nascem muitos males / e he occasião de muitos pensamentos / e como se nõ possa sempre cuidar bẽe / por nossa malícia / e polla velocidade do pensamento / o qual mui ligeiramente corre muitos negocios / lugares e cousas passadas / e presentes / e por vir / e cousas q̃ nunca foraõ / nẽ seraõ: necessario he tello sempre preso en ferros / como a seruo fugitivo: isto he / com occupaçam de algũa boa obra: porq̃ o fazer algũa cousa / he prisãõ do pensamento: porquanto o obrigaõ a cuidar no que se faz / e nõ tem lugar de cuidar diuersas cousas: nẽ de imaginar muitos negocios / e porque quẽ quer secar ho rio / nã no poderaa fazer / se nõ secando a fonte donde ho rio traz seu nascimento / ou desuiandoo que non corra por donde sohia: assi quẽ quiser atalhar a toda obra maa / corte os pensamẽtos / ou os lance por outra parte com occupaçam por que elles sam a fonte donde manam as obras maas /

Se o homem está ocioso de obras, não o está<sup>147</sup> de pensamento, o qual em uma coisa ou em outra sempre se ocupa e não cessa de fazer seu ofício, que é cuidar.<sup>148</sup> Por isso,<sup>149</sup> é muito perigosa para a alma a ociosidade, porquanto dela nascem muitos males e é ocasião de muitos pensamentos. E como se não possa sempre cuidar bem, por nossa malícia e pela velocidade do pensamento, que<sup>150</sup> muito ligeiramente corre muitos negócios, lugares e coisas passadas, presentes e por vir, e coisas que nunca foram e tampouco serão – *por isso*, é necessário tê-lo (*o pensamento*) em ferros, como a seruo fugitivo, isto é, com ocupação de alguma boa obra; porque o fazer alguma coisa é prisão do pensamento, porquanto o obrigam a cuidar no que se faz e não tem lugar de cuidar diversas coisas, nem de imaginar muitos negócios. E porque quem quer secar o rio, não o poderá<sup>151</sup> fazer senão secando a fonte de onde o rio traz seu nascimento, ou desviando-o (*o pensamento*) para que não corra por de onde soía.<sup>152</sup> Assim, quem quiser atalhar a toda obra má, corte os pensamentos ou os lance por outra parte com ocupação, porque eles são a fonte de onde emanam as obras más

<sup>147</sup> “Nã no esta”.

<sup>148</sup> “Cuidar” no sentido de “pensar”.

<sup>149</sup> “Pollo qual”.

<sup>150</sup> “o qual”

<sup>151</sup> “nã no poderaa”.

<sup>152</sup> Do verbo “soer” que significa “costumar”. SOER. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 4, p. 257.



## Infino

Ezechielis.  
xvi.f.

τ também as boas / esto dizem os sanctos doctores q̄ foi a causa / porque o senhor deos deu aos Judeus tâto numero de preceptos cerimoniais / τ judiciais .f. para os occupar / de maneira q̄ nō tenessem tēpo de estar ociosos / τ cuidar mal. A ociosidade / diz o propheta Ezechiel que foi hũa das causas do peccado das cidades que forão queimadas / pollo qual / como de peste / assi deue o christão fugir a ociosidade : τ deuesse occupar / ora en rezar / ora en ler por liuros de bom ensino : porque os que non sam bōos / tam mau he ler por elles como estar ocioso : ou apredêr exerciçio de armas / ou tanger / com tal que non aprenda tangeres ou cantigas que prouoquem o coração a mal : ou qualquer outra occupação virtuosa : de maneira que / como diz sam Bernardo : sempre quando o demonio vier para tētar / te ache occupado en algũ bom exerciçio : tendo sempre diante dos olhos a sentença do ecclesiastico en os. xxxiii. capitulos / que diz / muita malícia ensinou a ociosidade.

Bernardus

Ecclesiasti.  
xxxiii.

e também as boas. Isto dizem os santos doutores que foi a causa porque o Senhor Deus deu aos judeus tanto número de preceitos cerimoniais e judiciais, isto é, para os ocupar de maneira que

*Ezequiel 16*

não tivessem tempo de estar ociosos e cuidar mal. A ociosidade, diz o profeta Ezequiel que foi uma das causas do pecado das cidades que foram queimadas<sup>153</sup> – por isso,<sup>154</sup> como da peste, assim deve o cristão fugir da ociosidade. Deve-se ocupar ora em rezar, ora em ler por livros de bom ensino, porque os<sup>155</sup> que não são bons, tão mau é ler por eles como estar ocioso; ou *deve ocupar-se em* aprender exercícos de armas ou tanger,<sup>156</sup> com tal que não aprenda tangeres ou cantigas que provoquem o coração ao mal; ou *deve ocupar-se em* qualquer outra ocupação virtuosa,

*Bernardo*

*Eclesiástico 33*

de maneira que, como diz São Bernardo: “sempre quando o demônio vier para tentar, te ache ocupado em algum exercício”, tendo sempre diante dos olhos a sentença do Eclesiástico nos XXXIII capítulos que diz *que* muita malícia ensinou a ociosidade.<sup>157</sup>

<sup>153</sup> Ez 16:41.

<sup>154</sup> “Pollo qual”.

<sup>155</sup> Refere-se aos livros.

<sup>156</sup> Tanger é, neste contexto, o mesmo que tocar um instrumento. TANGER. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 4, p. 301.

<sup>157</sup> Ecl 33:29.

Capitulo octavo como se deve evitar os juramentos / mentiras / e palavras más.



A todos os homens deve sempre resplandecer a vida christã: especialmente en os que são de nobre sangue: porque estes / como metal mais apurado / devem receber en si melhor o esmalte das virtudes / e vida christã: e o ferro fazer-se borra / non he muito: mas o ouro volver-se en ferro / he de maravilhar. Isto he o que Hieremias chorava dizendo / como se escureceo o ouro / e se mudou toda a boa cor / pollo qual deve todo christão - non escurecer en si o ouro da virtude / non tão somente en pensamentos / mas en palavras / non jurando nunca / nem mintindo: o jurar traz com sigo grandes tres males. O primeiro / pouco acatamento / e reuerencia que se tem a deos / jurando por elle a cada passo. O segundo / o castigo que da deos aos que juraõ / o qual põe o ecclesiastico aos .xxiii. capitulos dizendo / non acostumes tua boca a jurar - porque ha hii muito fortes acontecimentos no juramento: todo homẽ que muito jura / non sera limpo de peccado - e sera cheio de maldade - e nõ falecera a de sua casa praga. O terceiro - he grande baixeza - ter-se hũ homem

Trenorũ  
iii.a.

Ecclesiasti.  
xxiii.b.

Capítulo oitavo: como se deve evitar os juramentos, mentiras e palavras más

E a todos os homens deve sempre resplandecer a vida cristã, especialmente nos que são de nobre sangue, porque estes, como metal mais apurado, devem receber em si melhor o esmalte das virtudes e vida cristã; e o ferro fazer-se borra não é muito, mas o ouro volver-se em ferro é maravilhoso. É isto o que Jeremias chorava, dizendo: “como se escureceu o ouro e se mudou toda a boa cor”;<sup>158</sup> por isso,<sup>159</sup> deve todo cristão não escurecer em si o ouro da virtude, não tão somente em pensamentos, mas em palavras, não jurando nunca, nem mentindo. O jurar traz consigo três grandes males. O primeiro: pouco acatamento e reverência que se tem a Deus, jurando por Ele a cada passo. O segundo: o castigo que dá Deus aos que juram, o qual põe o Eclesiástico aos XXIII capítulos, dizendo: “não acostumes tua boca a jurar”,<sup>160</sup> porque há aí muito fortes acontecimentos no juramento. Todo homem que muito jura não será limpo de pecado e será cheio de maldade, e não falecerá a praga de sua casa. O terceiro: é grande baixeza ter-se um homem

Lamentações 4

Eclesiástico 23

<sup>158</sup> Lm 4:1.

<sup>159</sup> “pollo qual”

<sup>160</sup> Ecl 23: 9.



## Infinio

en tão pouco / que o non am de crer sem te-  
stimonhas: porq̃ quando alguẽ jura / poem  
a deos por testimunha do q̃ diz: assi que he  
mao foro z injurioso / ter hũ homẽ por costu-  
me jurar como quem diz / se vos non der te-  
stimonhas / non me creais. E se algũe disser /  
deos jurou / como diz a escriptura / por mi  
mesmo jurei / diz o sñor. E nosso senhor disse  
en o euangelho muitas vezes / en verdade  
vos digo. E sam Paulo diz testimunha me  
he deos. Respõdese que cõ tres condições /  
pode hũ homẽ jurar / para honra de deos:  
as quais poem o propheta Hieremias: ju-  
raraõ / diz o senhor: en juizo / justiça / z verda-  
de. Juizo se entẽde com discricão z madu-  
ro conselho: Justiça / por cousa iusta necessa-  
ria: verdade / que seja verdade o que iura:  
estas condições offerẽense tão poucas ve-  
zes / que bẽ se passara o año sem iurar. E por  
tãto a palaura do christião deue ser / si si / nõ  
non / certamente assi he. E deue ser tão ver-  
dadeiro / que non seja necessario iuramen-  
to. O mintir he cousa tão baixa en si / que nõ  
dene homem que algũa cousa he / vsar de  
tão corrida cousa / z vergonhosa: z sam os  
mintirosos ameaçados en a sagrada scriptu-  
ra / por estas palauras / destruiras todos os  
que falaõ mintira. As palauras que non sãõ

Obiecto.  
Geñ. xxi. c.  
Roma. i.  
Solutio.  
Hiere. iiii. a.  
Mintir.  
Pfalmo. v.  
Palabras  
maas.

## MEMÓRIA ATLÂNTICA

*Objeto* em tão pouco que o não hão de crer sem testemu-  
nhas, porque quando alguém jura põe a Deus por  
testemunha do que diz. Assim que é mau foro e  
injurioso ter um homem por costume jurar como  
quem diz: “se vos não der testemunhas, não me  
creiais”. E se alguém disser Deus jurou, como diz a  
Escritura, por mim mesmo jurei, diz o Senhor.<sup>161</sup>  
*Gênesis 22* E Nosso Senhor disse, no Evangelho: “muitas  
vezes em verdade vos digo.”<sup>162</sup> E São Paulo diz:  
*Romanos 1* “Deus é testemunha para mim”.<sup>163</sup> Responde-se  
*Solução* que com três condições pode um homem jurar  
para honra de Deus, as quais põe o profeta Jeremi-  
*Jeremias 4* as: “jurarão, diz o Senhor, em juízo, justiça e ver-  
dade”.<sup>164</sup> Juízo se entende com discricão e maduro  
conselho; justiça por coisa justa e necessária; ver-  
dade, que seja verdade o que jura. Estas condições  
oferecem-se tão poucas vezes que bem se passará o  
ano sem jurar. Portanto, a palavra do cristão deve  
ser: sim, sim; não, não; certamente assim é. E deve  
ser tão verdadeiro que não seja necessário jura-  
mento. O mentir é coisa tão baixa em si que não  
deve o homem, que alguma coisa é, usar de tão  
corrida e vergonhosa coisa. E são os mentirosos  
ameaçados na Sagrada Escritura por estas palavras:  
*Mentir* “destruirás todos os que falam mentira”.<sup>165</sup> As  
*Salmo 5* palavras que não são  
*Palavras más*

<sup>161</sup> Gn 22:16.

<sup>162</sup> Dada a imprecisão do texto, é difícil indicar o texto bíblico.

<sup>163</sup> “testemunha me he deos”. Rm 1:9.

<sup>164</sup> Jr 4:2.

<sup>165</sup> Sl 5:7.

boas e honestas / são como ar corrupto / q̄  
corrompe e inficiona o bõ sangue / e assi as  
maas palauras corrompem os bons costu-  
mes / assi o diz o apóstolo sam Paulo / cor-  
rompem os bõs costumes as maas palauras.  
Pollo qual deue todo christão fugir donde  
ouuir palauras maas / prejudicias a os pro-  
ximos / ou desonestas.

Primo Co  
rinth. xv. e.

Capitulo nono como deue conseruar  
a fama de seus proximos / concorda-  
los / e non julgar mal delles.



Os peccados que trazem consi-  
go / alem do arrepedimento e  
confissão / restituicao : como  
sam o roubar fazenda / ou fa-  
ma alhea: deue se muito o chri-  
stão arredar delles: e portan-  
to deue muito fugir e euitar a murmuração.  
Deos castigou asperamete este peccado en-  
a velhalei: como parece quando quis de-  
struir o pouo / porque murmuraua contra  
Moysen. E a irmã de Moysen foi leprosa /  
porque porq̄ murmurou de seu irmão. E assi  
se enchẽ as almas de murmuradores de le-  
pra. Sam Paulo auisa os christãos que non  
murmurem / porque non sejam de deos de-  
struidos. E diz / nẽ murmureis como algũs  
delles murmurarão. s. dos judeus / e forão

Exodi. xvi.

Numeri.  
xii.

Primo Co  
rinth. x. b.

c j

boas e honestas são como ar corrupto, que corrompe e infeciona o bom sangue, e assim as más palavras corrompem os bons costumes, assim o diz o Apóstolo São Paulo: “as más palavras corrompem os bons costumes”.<sup>166</sup> Por isso,<sup>167</sup> deve todo cristão fugir de onde ouvir palavras más, prejudiciais aos próximos ou desonestas.

1 Coríntios 15

Capítulo Nono: como deve conservar a fama de seus próximos, concordá-los e não julgar mal deles.

Para corrigir os peccados que trazem consigo, como são o roubar fazenda ou fama alheia, deve-se muito o cristão – além de lançar mão do arrependimento, da Confissão e da restituicao – arredar deles e, portanto, ele deve muito fugir e evitar a murmuração. Deus castigou asperamente este peccado na Lei Velha, como parece quando quis destruir o povo, porque murmurava contra Moisés.<sup>168</sup> E a irmã de Moisés foi leprosa, porque<sup>169</sup> murmurou de seu irmão.<sup>170</sup> E assim se enchem as almas dos murmuradores de lepra. São Paulo avisa aos cristãos que não murmurem, porque não sejam por Deus destruidos. E diz: “nem murmureis como alguns deles murmurarão”,<sup>171</sup> isto é, como<sup>172</sup> os judeus fizeram e foram

Êxodo 16

Números 12

1 Coríntios 10

<sup>166</sup> 1Cr 15:33.

<sup>167</sup> “pollo qual”

<sup>168</sup> Êx 16:2-3. Nm 21:4-7.

<sup>169</sup> No original, a palavra “porque” aparece dobrada. “porque porq̄”.

<sup>170</sup> Nm 12:8-10.

<sup>171</sup> 1Cr 10:10.

<sup>172</sup> “dos”.



## Infino

S. Tho. ii.  
ii. q. lxxii. ar.  
ii. ad. ii.

destruídos pollo desterrador. s. pollo anjo de deos. Traz também este peccado anexa restituíção / segundo os doctores theologos. s. se he falso o que se disse / ou se se acrescentou / hásse de desdizer diante de quem disse mal. Dizendo / eu com paixão / ou como qui fer / levantei o que vos disse de foão / ou o affirmei / nã no sabendo de certo / ou acrescentei tal ou tal cousa. E se era verdade o que disse. Mas se o peccado era occulto / posto caso que fosse assi / se o cõtou / deue dedizer. O q̄ vos disse de foão / nã notenhais em maa conta / porque injustamente foi infamado. Porque injustamente disse o q̄ murmurou. Ou cõtou o peccado alheo / sendo occulto / a outrẽ: porque o deuera guardar en si. E pe ra melhor guardar des este infino / assẽtai cõ vosco q̄ mal que ouçais dizer de algũe / nunca mais saia por vossa boca: mas en vos se acabe. E para isto / cuidai sempre / se eu fosse aquelle de que isto dizẽ / que queria que fizessem os q̄ o ouvissem. Pois isso fazei vos quando ouvis: e reprendeí aquẽ ouvir des dizer mal / se he pessoa a q̄ possais retractar: e se nõ / apartai vos do lugar dõde dizẽ mal. ¶ Trábalhar deue todo christão / poer paz entre os discordes. E por tanto / quãdo algũs estiuẽ diferentes / nõ sejaes vos o so-

Poer paz  
entre os di-  
scordes.

São Tomás, II-II, q.  
62, a. 2, ad 2

destruídos pelo desterrador, isto é, pelo anjo de Deus. Traz também este pecado anexa restituíção, segundo os doutores teólogos, isto é, se é falso o que se disse ou se se acrescentou, há de se desdizer diante de quem disse mal. Dizendo eu com paixão ou como quiser, levantei o que vos disse de fuão<sup>173</sup> ou o affirmei não o sabendo<sup>174</sup> de certo ou acrescentei tal ou tal coisa. E se era verdade o que disse, mas se o pecado era occulto, posto caso que fosse assim, se o contou deve desdizer.<sup>175</sup> O que vos disse de fuão não o tenhais<sup>176</sup> em má conta, porque injustamente foi infamado. Porque injustamente disse o que murmurou, ou contou o pecado alheio sendo occulto a outrem – porque o devera guardar em si. E para melhor guardardes este ensino, assentai convosco que o mal que ouçais dizer de alguém nunca mais saia por vossa boca, mas em vós se acabe. E para isto, cuidai sempre: se eu fosse aquele de que isto dizem, que queria que fizessem os quem o ouvissem. Pois isto fazei vós quando ouvirdes e reprendeí a quem ouvirdes dizer mal, se é pessoa a quem possais retratar, e, se não, vos apartai do lugar de onde dizem mal.

*Pôr paz entre os  
discordes*

Trabalhar deve todo cristão *para* pôr paz entre os discordes. Portanto, quando alguns estiverem diferentes, não seiais vós o so-

<sup>173</sup> O mesmo que fulano. Fuão. In: SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*, t. I, p. 64.

<sup>174</sup> “nã no sabendo”.

<sup>175</sup> Se a pessoa contou algo que era verdade, mas que era um segredo, devia desdizer o que disse.

<sup>176</sup> “nã no tenhais”.

pro que acenda o fogo / cõ dizer a hũ do ou-  
tro: e ao outro do outro: mas / quãto en vos  
for / apaziguaiois / e dizeia hum bẽ do outro  
com verdade. ¶ Se virdes a alguẽ fazer al-  
gũa cousa que non seja boa / non julgueis lo-  
go a tenção sua ser maa: mas cuidai q̃ sois  
mais peccador q̃ elle / e que sua tenção se-  
ra boa. Porque se julgardes de vosso proxi-  
mo cousa q̃ seja peccado mortal / non no sen-  
do manifestamẽte / peccais grauemẽte: e se-  
gũdo he a qualidade do juizo / assi he o pec-  
cado (no que julgas a outros) cõdenas a ti.  
diz o apostolo sam paulo.

Non julgar  
temeraria-  
mente.

Roma. ii. 2.

Capitulo. x. como deuẽ de ouvir os  
officios diuinos.



S diuinos officios / ou são lou-  
vores do senhor / e que lhe bẽ  
quiser / folgara muito de os ou-  
uir / mais q̃ se ouuisse louvar  
seu pai / ou hũ amigo mui spe-  
cial / de grandes e sanctas o-  
bras. Ou são / trazer ha memoria os benefi-  
cios do snõr. E muito ingrato he que non e-  
staa atento a ouvir / que he o que deos fez  
põlla geraçãõ humana. Ou são orações por  
nossas necessidades: e assi muito descuida-  
do he quem non estaa com a tenção ajudã-  
do a orar por seus trabalhos a sancta madre

c ij

sopro que acenda o fogo com dizer a um do outro, e ao outro do outro. Mas, quanto em vós for,<sup>177</sup> apaziguai-os, e dizei a um bem do outro, com verdade.

Se virdes alguém fazer alguma coisa que não seja boa, não julgueis logo a sua tenção<sup>178</sup> ser má, mas cuidai que sois mais pecador que ele e que sua tenção<sup>179</sup> será boa. Porque se julgardes de vosso próximo coisa que seja pecado mortal, não o sendo<sup>180</sup> manifestamente, peccais gravemente; e, segundo é a qualidade do juízo, assim é o pecado (no que julgas a outros); “e assim condenas a ti,” diz o Apóstolo São Paulo.<sup>181</sup>

*Não julgar teme-  
rariamente*

*Romanos 2*

Capítulo décimo: como devem de ouvir os officios divinos

Os divinos officios ou são os louvores do Senhor – e quem lhe bem quiser, muito folgará<sup>182</sup> de os ouvir, mais que se ouuisse louvar o seu pai ou um amigo muito especial de grandes e santas obras; ou *eles* são o ato de trazer à memória os benefícios do Senhor. E muito ingrato é quem não está atento a ouvir que é o que Deus fez pela geração humana; ou *eles* são também orações por nossas necessidades, e, assim, muito descuidado é quem não está com a tenção ajudando a orar por seus trabalhos a Santa Madre

<sup>177</sup> Significa: tanto quanto puderdes.

<sup>178</sup> “Tenção” é o mesmo que “intenção”.

<sup>179</sup> No original, “tentação”. Provavelmente, foi um lapso.

<sup>180</sup> “non no sendo”.

<sup>181</sup> Rm 2:1.

<sup>182</sup> “Gozar; divertir-se; ter prazer em; alegrar; descansar”. FOLGAR. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa*, v. 2, p. 496.



## Súmario.

igreja: ou tão soberbo / que lhe parece que não té necessidade. Pollo qual / húa das cousas que todo christão deve fazer / he ouvir os diuinos officios cõ muita deuacão / sem falar / e se ouvir falar / e sem nenhũ estoruo: principalmente amissa se deve de ouvir com muita deuacão e silencio: por que nella se representão os misterios da paixã de nosso senhor Jesu christo: e en consagrando o sacerdote a hostia e vinho / estaa en elles verdadeiramente / e realmente o corpo e sangue do senhor. Pollo qual / como quẽ estaa presente seu deos e senhor / deve de estar cõ summo acatamento: e todas as vezes que homem ouue missa / he participante do sancto sacrificio do altar / porque o sacerdote por todos os circunstantes ho oferece: como se contem quando oferece a hostia / e en o memeto dos viuos. Pollo qual / cõ muita deuacão deve pedir na missa todo fiel que a ouue / que nosso senhor receba aquelle sancto sacrificio / assi por elle que estaa presente / como por todos os fieis christãos viuos e defunctos que estão en o purgatorio. E tambem saber: que quem os domingos e festas estaa falando toda a missa / non cumpre com o precepto de ouvir missa / segundo dizem os doctores theologos. Porque este tal

Igreja, ou tão soberbo que lhe parece que não tem necessidade. Por isso,<sup>183</sup> uma das coisas que todo cristão deve fazer é ouvir os divinos officios com muita devoção, sem falar, sem ouvir falar e sem nenhum estorvo. Principalmente a missa se deve de ouvir com muita devoção e silêncio, porque nela se representam os mistérios da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e, o sacerdote consagrando<sup>184</sup> a hóstia e o vinho, está neles verdadeiramente e realmente o corpo e sangue do Senhor. Em razão disso,<sup>185</sup> como quem está presente *perante* seu Deus e Senhor, deve de estar com sumo acatamento. E todas as vezes que o homem ouve missa é participante do Santo sacrificio do altar, porque o sacerdote por todos os circunstantes o oferece, como se contém quando oferece a hóstia e em memento<sup>186</sup> dos vivos. Por isso,<sup>187</sup> com muita devoção, deve pedir na missa todo fiel que a ouve, que Nosso Senhor receba aquele Santo sacrificio, assim por ele que está presente como por todos os fiéis cristãos vivos e defunctos que estão no Purgatório. E também sabei que quem nos Domingos e festas está falando *durante* toda a missa, não cumpre com o precepto de ouvir missa, segundo dizem os doutores teólogos, porque este tal

<sup>183</sup> "Pollo qual".

<sup>184</sup> "e en consagrando o sacerdote".

<sup>185</sup> "Pollo qual".

<sup>186</sup> O mesmo que "lembrança". MEMENTO. In: BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*, t. V, p. 413.

<sup>187</sup> "Pollo qual".

non ouue a missa / mas ouue as palauras do que com elle fala: ⁊ deueis uos lembrar com quanto rigoꝝ foraõ pello senhor / os negociantes en o templo / lancados fora / dizendo / leuai estas cousas daqui / ⁊ nõ queirais fazer a casa de meu padre / casa de negocios. A minha casa he casa de oração / ⁊ vos fizestela cova de ladrões. Muito mais excellente he a igreja christam / do que era o tẽplo de Salamaõ en dignidade: porque o templo continha a archa onde estaua a mãna. E en a igreja estaa a arca onde estaa o verdadeiro corpo de Jesu christo nosso senhor: en o templo de Salamaõ se offerecião carneiros cordeiros / ⁊ na igreja se offerece o verdadeiro filho de deos / pois se assi foraõ reprehendidos os negociãtes en aq̃lle templo. Tende por cousa muito maa fazerdes da igreja casa de falas ⁊ negocio. E sabeĩ que os que tẽ pouco acatamẽto en a igreja / seraõ do senhor reprehendidos ⁊ castigados asperamente: ⁊ por tanto com a maior deuacão / ⁊ silencio que poder ser / deue todo christão ouuir os diuinos officios / especialmente as missas.

**O**uui pregaçãõ sempre quando pregarem ⁊ non vos prezeis tanto de curioso / quanto folgai de estar atento / sem falar / ⁊ sem dor-

c iij

Matthei.  
xxi. b.Ouuir preza  
gacãõ.

não ouve missa, mas ouve as palavras do que com ele fala. E deveis-vos lembrar com quanto rigor foram pelo Senhor os negociantes lançados fora do templo, dizendo “levai estas coisas daqui e não queirais fazer a casa de meu pai casa de negócios. A minha casa é casa de oração e vós fizestes *dela* cova de ladrões”.<sup>188</sup> Muito mais excelente é a Igreja cristã do que era o templo de Salomão em dignidade, porque o templo continha a arca onde estava o Maná.<sup>189</sup> Na igreja está a arca onde está o verdadeiro corpo de Jesus Cristo Nosso Senhor. No templo de Salomão, ofereciam-se carneiros, cordeiros, e, na igreja, oferece-se o verdadeiro filho de Deus, pois assim foram repreendidos os negociantes naquele templo. Tende por coisa muito má fazerdes da igreja casa de falas e negócio. E sabeĩ que os que têm pouco acatamento na igreja serão pelo Senhor repreendidos e castigados asperamente. Portanto, com a maior devoção e silêncio que puder ser, deve todo cristão ouvir os divinos officios, especialmente as missas.

Ouui pregaçãõ sempre quando pregarem, e não vos prezeis tanto de curioso quanto folgai de estar atento, sem falar e sem dor-

*Mateus 21**Ouuir pregaçãõ*<sup>188</sup> Mt 21:12-13.<sup>189</sup> No original, a palavra Maná é feminina: *a Maná*.



## Insino

Roma, ii, b. **mir:z non lanceis mão do que vos tanto nõ cumpre/quanto do que tocar a vosso insino/za emenda de vossos peccados:z as palavras ou sentenças que a proposito de vossa emenda fizerem / lembrauios dellas - ou as escreuei / para as cumprirdes / z poerdes por obra. Porque (segũdo diz o apostolo São Paulo) non são justos diante de deos/ os ouuidores da lei / mas os que a poẽ por obra/estes seraõ justificados.**

Missa coti-  
diana.. **¶ Ouyi cada dia hũa missa ao menos / por que he muito sancto costume / z cousa muito proueitosa para a alma / z seia com a maior deuacaõ que poderdes / z sem falar des:mas rezai / z pedi a nosso senhor perdaõ de vossos peccados / z graça para o seruir des / z ajuda para vossas cousas.**

mir. E não lanceis mão do que não vos cumpre tanto, quanto do que tocar a vosso ensino e à emenda de vossos pecados. As palavras ou sentenças que a propósito de vossa emenda fizerem,

*Romanos 2*

lembrai-vos delas ou as escrevei para as cumprirdes e pordes por obra. Porque (segundo diz o apóstolo São Paulo) não são justos diante de Deus os ouvidores da lei, mas os que a põem por obras; estes serão justificados.<sup>190</sup>

*Missa cotidiana*

Ouyi cada dia uma missa ao menos, porque é muito Santo costume e coisa muito proveitosa para a alma. E seja com a maior devoção que puderdes e sem falardes, mas rezai e pedi a Nosso Senhor perdão de vossos pecados e graça para O servirdes e ajuda para vossas coisas.

<sup>190</sup> “Justificado” significa, neste contexto, o mesmo que “absolvido”. JUSTIFICADO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. v. 3, p. 80. Rm 2:12-13.

Christão. Fo. xx.  
Capitulo. xi. como deuem servir el  
Rei / e como se deue auer na honrra  
e casamento.



**D**on pode bem servir seu Rei/  
quem bem nõ serue a seu deos  
e senhor: e por tanto de tal ma-  
neira vos deueis de auer no  
seruiço de vosso Rei / que sir-  
uais a elle / e non principal-  
mente ao interesse que delle esperais. E so-  
bre tudo / que siruais en elle a deos / por cu-  
ia mão estaa posto en a terra / para reger / e  
gouernar a todos. Isto encomenda o apo-  
stolo san Pedro en a sua primeira epistola:  
dizendo / sede sujeitos a toda humana cri-  
atura por amor de deos / ora seia a el Rei / co-  
mo a principal: ora seia aos per elle enuia-  
dos / pera castigo dos maos / e louvor dos  
bõs: porque assi he a vontade de deos. Assi  
que a võtade do senhor deos he q por amor  
delle siruamos a el Rei. Este seruiço per esta  
maneira feito / servir nos hade muito gran-  
de descãso: porq nõ estaraa vosso cõtõtãmẽ-  
to / ou descõtõtãmẽto / de pendẽte dos mo-  
uimentos do Rei: se vos olha / se vos non  
olhou: se se serue de vos / se nõ se serue / se vos  
favorece / ou mostra mais võtade a outrem:

c iiij

Capítulo décimo primeiro: como devem servir o Rei e como se  
devem haver na honra e casamento

Não pode bem servir seu rei quem bem não serve a seu Deus e Senhor; e, portanto, de tal maneira vós deveis de haver no serviço de vosso rei, que sirvais a ele e não principalmente ao interesse que dele esperais.

1 Pedro 2

E, sobretudo, que sirvais nele a Deus, por cuja mão está posto na terra para reger e governar a todos. Isto encomenda o Apóstolo São Pedro na sua primeira epístola, dizendo: “sede sujeitos a toda humana criatura por amor de Deus, ora seja ao rei, como a principal, ora seja aqueles<sup>191</sup> por ele enviados<sup>192</sup> para castigo dos maus e louvor dos bons, porque assim é a vontade de Deus.”<sup>193</sup> Por isso,<sup>194</sup> a vontade do Senhor Deus é que por amor Dele sirvamos ao rei. Este serviço, por esta maneira feito, servir-vos-á de muito grande descanso, porque não estará o vosso contentamento ou descontentamento dependente dos movimentos do rei – se vos olha, se vos não olhou, se se serve de vós, se não se serve, se vos favorece ou mostra mais vontade a outrem.<sup>195</sup>

<sup>191</sup> “aos”.

<sup>192</sup> Os enviados pelo rei.

<sup>193</sup> 1Pe 2:13-15.

<sup>194</sup> “Assi que”.

<sup>195</sup> O texto diz ao seu leitor que não precisava se importar com as preferências do rei, pois era Deus que ele deveria agradar.



## Infindo

Seruirnosha tãbem de non terdes enueia aos outros. Porq̃ como siruir des vosso Rei / como quẽ serue nelle a deos p̃cipalmẽte / tomareis tudo da mão de deos / por amor do qual seruis ael Rei: e de deos esperarẽis principalmente o galardão / e o fauor / e a mercede: e non vos causarãa vão contentamẽto / A mercede / ou hõra que vos el Rei fizer / como homẽ que isso recebe da mão de deos: administrado por el Rei. Porq̃ assi conuẽ ao fidalgo christão / que as cousas do mundo / quando as alcançar / non lhe causem demasiado e vão cõtẽtamẽto nẽ descõtẽtamẽto e tristeza / quando as nõ tiuer: tirarãa do vosso coração esta doctrina / ambição da hõrra. E o q̃rer pceder os outros / e hir diãte de todos. E o estimar as entradas das portas / e o pesar nos se nõ entrais: porq̃ esperarẽis a entrada do ceo. E na terra sereis cõtẽtente cõ a entrada / e fauor / que deos (aqueẽ seruis / e por amor de quem seruis el Rei) quiserã vos seia dada. Viuerẽis desta maneira descãdãdos / e folgados. Porque trazem os que tem todo seu fim posto nas cousas do mudo / muito apertada a alma / e cansada em deseios peãnos / e trabalhosos de auer. E os que fazem as cousas por amor de deos / assi como trazem a alma em cousa sen

Servir-vos-á também de não terdes inveja dos outros. Porque como servirdes vosso rei, como quem serve através dele<sup>196</sup> principalmente a Deus, tomareis tudo da mão de Deus, por amor do qual servis ao rei. E de Deus esperareis principalmente o galardão, o favor e a mercê, assim<sup>197</sup> não vos causará vão contentamento a mercê ou a honra que vos fizer o Rei – como homem que isso recebe da mão de Deus, administrado pelo Rei.<sup>198</sup> Porque assim convém ao fidalgo cristão que as coisas do mundo, quando as alcançar, não lhe causem demasiado e vão contentamento, nem descontentamento e tristeza quando não as tiver. Esta doutrina tirará do vosso coração a ambição da honra; o querer preceder os outros e ir diante de todos; o estimar as entradas das portas e o pesar-vos se não entrais, porque esperareis a entrada do céu. E, na terra, sereis contente com a entrada e favor que Deus (a quem servis e por amor de quem servis ao Rei) quiser que vos seja dada. Vivereis desta maneira descansados e folgados, porque os que têm todo seu fim posto nas coisas do mundo trazem muito apertada a alma e cansada em defeitos pequenos e trabalhosos de haver. E os que fazem as coisas por amor de Deus, por essa razão<sup>199</sup> trazem a alma em coisa sem

<sup>196</sup> “nelle”.

<sup>197</sup> “e”.

<sup>198</sup> Recebe pelo intermédio do Rei.

<sup>199</sup> “assi como”.

medida / como he deos / assi andaõ largos  
 z descãfados porque fazem conta / a qual he  
 bem certa: eu tenho cuidado de servir a meu  
 deos z a meu Rei por amor d'elle : deos tera  
 cuidado de mi / z poraa en vontade ael Rei /  
 que me faça a honrra z merce / que conuen a  
 minha saluação. ¶ Queer damas / falar des cõ  
 ellas dançardes cõ ellas / todo mau desejo  
 posto a parte / cousa he que conuen a vosso  
 estado / o que com ellas falar des / haõ deser  
 virtudes: as com que dançardes-parentas:  
 ou de tal maneira / que non tenhais pêsamen  
 to / nẽ no leveis do serãõ - se nelle estiner=  
 des) que vos obrigue ao confessardes.

¶ Andardes en amores vaõs / cõ qualquer  
 molher / ainda que seia pera casardes com  
 ella / non se vos consente por este insino / nem  
 no façais en nenhũa forma do mundo / por  
 que nõ vos podereis defender de maos pês  
 famentos / o tempo que isso durar . E posto  
 que o fim que he casar / seia boõ: os meos  
 non volo consentiraa a mocidade serem tão  
 sanctos / que non tenhais que confessar al  
 gũa hora . E grãde simpleza he / querer des  
 vos que saiba alçar para vos os olhos (ain  
 da que mais non seia) quẽ vos aueis de to  
 mar por molher : nem que saiba receber hũ  
 recado / nem respõder a elle / a molher com

medida, como é Deus, assim andam largos e descansados, por  
 que fazem conta, a qual é bem certa: eu tenho cuidado de servir  
 a meu Deus e a meu rei por amor Dele; Deus terá cuidado de  
 mim e porá em vontade ao rei que me faça a honra e mercê que  
 convém à minha salvação.

Ver damas, falardes com elas, dançardes com elas, todo  
 mau desejo posto à parte, é coisa que convém a vosso estado. E  
 o que com elas falardes, hão de ser virtudes, aquelas com  
 quem<sup>200</sup> dançardes *hão de ser* parentas ou *hão de ser* de tal ma  
 neira que não tenhais pensamento, nem leveis do serãõ<sup>201</sup> um  
 pensamento – e, se nele estiverdes, que vos obrigue a confessá  
 lo.<sup>202</sup>

Andardes em amores vãos com qualquer mulher, ainda  
 que seja para casardes com ela, não se vos consente por este en  
 sino, nem o façais<sup>203</sup> em nenhuma forma do mundo, porque  
 não vos podereis defender de maus pensamentos o tempo que  
 isto durar. E ainda que<sup>204</sup> o fim, que é casar, seja bom, a moci  
 dade não vos consentirá que os meios sejam tão santos que não  
 tenhais que confessar alguma hora. E grande simpleza é querer  
 des vós que quem vós haveis de tomar por mulher saiba alçar  
 para vós os olhos (ainda que mais não seja); a mulher com

<sup>200</sup> “as com que”.

<sup>201</sup> “Serãõ” é o “tempo que decorre entre a ceia e a hora de dormir”. SERÃO.  
 In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em  
 língua portuguesa*, v. 4, p. 221.

<sup>202</sup> “ao confessardes”.

<sup>203</sup> “nem no façais”.

<sup>204</sup> “posto que”.



## Infino

Casamen-  
to.

que aueis de casar : assi que vossos casamen-  
tos haõ deser com obediência / e vontade de  
vossos pais / e com aprazimento e seruiço  
de vosso Rei : e haõ de ser feitos / a fim prin-  
cipalmente da multiplicação do genero hu-  
mano - e pera remedio de vossa fraqueza.  
E estes mesmos dous respeitos / ou cada  
hũ delles - aueis de teer depois de casados.  
E por esta maneira viuireis a seruiço de de-  
os / e com contêtamento. Criareis vossos fi-  
lhos (Se vo los deos deer) en seu temor e ser-  
uiço : se vo los levar / offerescer lhos hees de  
boa vontade / como quem por seu seruiço os  
pessuya : e andareis (como diz o propheta  
Dauid) en largueza e contentamento / por  
que buscais os mandamentos do senhor.

c. xviii.

### Capitulo .xij. da esmola gasto e exercícios.

Gasto.



Lançaí bem cõta a renda que  
tendes / e sempre fazei conta  
de menos / e nunca a fazeis de  
igual / ou de mais. s. Se tendes  
hũ conto de renda / non orde-  
neis o gasto de vossa pessoa e  
casa / como de conto e meio / ou como de hũ  
cõto : porque vireis a deuer / e viuireis des-

Casamento

quem haveis de casar nem saiba receber um reca-  
do, nem o responder.<sup>205</sup> Assim, que vossos casa-  
mentos haõ de ser com obediência e vontade de  
vossos pais e com aprazimento e seruiço de vosso  
rei, e haõ de ser feitos com a finalidade<sup>206</sup> prin-  
cipalmente da multiplicação do gênero humano e  
para remédio de vossa fraqueza.

c. xviii

Estes mesmos dois respeitos<sup>207</sup> ou cada um deles  
haveis de ter depois de casados. Por esta maneira  
vivereis a seruiço de Deus e com contentamento.  
Criareis vossos filhos (se vo-los Deus der) em Seu  
temor e seruiço; se vo-los levar, oferecer-lhos-eis  
de boa vontade, como quem por Seu seruiço os  
possuía. E andareis (como diz o profeta Davi) em largueza e con-  
tentamento, porque buscais os mandamentos do Senhor.<sup>208</sup>

### Capítulo décimo segundo: da esmola e exercícios

Gasto

Lançaí bem conta à renda<sup>209</sup> que tendes e sempre  
fazei conta de menos e nunca a fazeis de igual ou de  
mais. Isto é, se tendes um conto de renda, não or-  
deneis o gasto de vossa pessoa e casa como de conto e meio ou  
como de um conto, porque vireis a deuer e vivereis des-

<sup>205</sup> “nem que saiba receber hũ recado, nem respóder a elle, a molher com que  
aueis de casar”.

<sup>206</sup> “a fim”.

<sup>207</sup> “E estes mesmos dous respeitos”.

<sup>208</sup> Sl 119(118): 1-2.

<sup>209</sup> O mesmo que: “saiba bem fazer as contas”.

contente / e seruos ha necessario voluerdes  
 atras com a casa / e com o gasto / e non pode-  
 reis fazer esmola / que he hũa das princi-  
 pais virtudes de todo fidalgo christão / e  
 de todo outro homem. Mas fazei conta / se  
 tendes hũ conto de renda / q̄ tendes muito  
 menos. E se cẽ mil / que tẽdes muito menos:  
 e ordenai vossa casa e gasto / como quẽ tẽ me-  
 nos. Por esta maneira / non vireis a deuer.  
 Tereis com que hir servir vosso Rei en hũa  
 guerra / e principalmente tereis de que po-  
 der fazer esmolla: a qual deue de ser cada Esmolla.  
 anno-pollo menos / o dizimo do q̄ tendes. f.  
 De hũ conto / ao menos cẽ mil de esmolla ca-  
 da anno. De cẽ mil de renda / ao menos dez  
 mil cada ãno. De maneira q̄ ao menos deis  
 a decima parte / por amor daquelle que vos  
 deu todo o que tendes. Esta cõtia he muito  
 aceita ao senhor - como elle o encomẽda pol-  
 lo propheta Malachias - no. iij. capitulo. Malachie.  
 ¶ Abrahão deu a Melchisedech as dizi- iii. c.  
 mas do que tinha. Jacob as prometeo / e Genesis.  
 cūprio. Quem mais poder dar por amor de xxiii. d.  
 deos / melhor faraa: quẽ menos / sabe certo Genesis.  
 q̄ faz pouco: e sempre deueis lẽbrarnos / como xxviii. d.  
 a esmolla / diz Tobias q̄ liura da morte / pur- Tobie.  
 ga os peccados / e faz achar a vida eterna. xii. b.  
 ¶ Vosso comer seja para viuer / e nõ viuais O comer.

contente e ser-vos-á necessário volverdes atrás com a casa e com  
 o gasto, e não podereis fazer esmola, que é uma das principais  
 virtudes de todo fidalgo cristão e de todo outro homem. Mas  
 fazei conta, se tendes um conto de renda, *Esmola*  
 que tendes muito menos; e se cem mil, que  
 tendes muito menos. Por esta maneira, não vireis a dever. Tereis  
 com que ir servir vosso rei em uma guerra e principalmente  
 tereis de que poder fazer esmola, a qual deve de ser cada ano  
 pelo menos o dízimo do que tendes. Isto é, de um conto, ao  
 menos cem mil de esmola cada ano. De cem mil de renda, ao  
 menos dez mil cada ano. De maneira que ao menos deis a déci-  
 ma parte por amor daquele que vos deu tudo o que tendes. Esta  
 quantia é muito aceita ao Senhor, como Ele o  
 encomenda pelo profeta Malaquias no III *Malaquias 3*  
 capítulo.<sup>210</sup>

Abraão deu a Melquisedeque as dízimas  
 do que tinha.<sup>211</sup> Jacó as prometeu e realizou.<sup>212</sup>  
 Quem mais puder dar por amor de Deus,  
 melhor fará; quem menos *dar*, sabe certo que  
 faz pouco, e sempre deveis lembrar-vos como  
 a esmola, diz Tobias, que livra da morte, pur-  
 ga os peccados e faz achar a vida eterna.<sup>213</sup>

Vosso comer seja para viver e não vivais

*Gênesis 14*

*Gênesis 28*

*Tobias 12*

*O comer*

<sup>210</sup> Mt 3:10.

<sup>211</sup> Gn 14:20.

<sup>212</sup> "cūprio". Gn 28:20-22.

<sup>213</sup> Tb 12:9.



## Infino

para comer. s. comei para sustentar des a vida / e não para criar des e vos vícios / e maos costumes / que de muito comernagem e por e vossa mesa / conforme a vosso estado / seja de maneira / que non tenha nota / nem de demasia / nem de escuacesa: e o mesmo guardai en o vestir.

**¶** Deveis ieiuar cada somana hu dia / ou a festa feira en lembrança da paixão de nosso senhor / ou o sabado a nossa senhora.

Exercício  
militar.

**¶** Como non teuer des q fazer / occupaiuos (como ja estaa a tras dito) en algu exercicio. s. ensa yaiuos ajogar as canas / escaramucai / correi saltai / ensinaiuos ajogar de todas armas / iustai co armas soamente / sem tirar enuções e gastos vaos / com os quais non aueis de hir aa guerra: e quando isto fezer des vossa teção seja / para estardes destros pera pellejar contra os inimigos da sancta fe catholica: e pera hirdes seruir vosso Rei.

caca.

**¶** Se fordes caçar a algua parte / non façais dano nas sameadas / ou en qualquer outra cousa: porque sois obrigados a restituir o dano a seus donos.

Jogo.

**¶** Jogos / poucos habi licitos. s. o xedrez / apella / abolla / co tal q seja muito pouco. e que jogardes / sem referta / sem contenda / e se desejo demasiado de ganhar / e tao pouco

para comer, isto é, comei para sustentardes a vida, e não para criardes em vós vícios e maus costumes que de muito comer nascem. Por isso, vossa mesa seja conforme a vosso estado, seja de maneira que não tenha nota nem de demasia, nem de escassez; e o mesmo guardai no vestir.

*Exercício  
militar*

Deveis jejuar cada semana um dia: ou a sexta-feira, em lembrança da paixão de Nosso Senhor, ou o sábado, a Nossa Senhora.

Quando<sup>214</sup> não tiverdes que fazer, ocupai-vos (como já está atrás dito) em algum exercício, a saber: ensaiai-vos a jogar as canas, escaramuçai, correi, saltai, ensinai-vos a jogar de todas as armas, justai com armas somente sem tirar invenções e gastos vãos com os quais não haveis de ir à guerra. E quando isto fizerdes, vossa tenção seja para estardes destros para pelejar contra os inimigos da santa fé católica e para irdes servir vosso rei.

*Caça*

Se fordes caçar a alguma parte, não façais dano nas semeadas<sup>215</sup> ou em qualquer outra coisa, porque sois obrigados a restituir o dano a seus donos.

*Jogo*

Jogos poucos há<sup>216</sup> lícitos, a saber: o xadrez, a pela, a bola, com tal que seja muito pouco. O que jogardes *deverá ser* sem referta,<sup>217</sup> sem contenda e sem desejo demasiado de ganhar e tão pouco

<sup>214</sup> “Como”.

<sup>215</sup> Refere-se às terras semeadas.

<sup>216</sup> “habi”.

<sup>217</sup> Neste trecho, “referta” é o mesmo que “discussão”. REFERTA. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 4, p. 63.

Christão. Fo. xliij.

preço / que non prejudique a vossa fazenda /  
nem a vossa consciencia. E pera melhor con-  
selho / depositai o que puserdes em mão de  
hũ terceiro / e quem ganhar tome o seu / e o  
preço do que perdeu desse a algũ pobre. E  
porem deveu deser per grande necessidade  
quando jogardes / e per esta maneira acima  
dita / e non por vício / e muito poucas ve-  
zes: porque bentêdes en que vos acupar /  
en o exercicio das cousas da guerra / o qual  
he essencial no vosso estado / e de que muito  
vos aueis de preçar / como hũ letrado dos  
seus liuros.

### Capitulo. xliij. dos criados.



Achai o numero de vossos cri-  
ados conforme a vossa possibili-  
dade: e non enchais a casa de  
gente / e a consciencia de encar-  
rego. Sois obrigados a não cõ-  
sentir que algum este en pecca-  
do mortal conhecidamente / como escomũ-  
gado / en odio / amancebado: se se non qui-  
ser emendar despedij o que en tal peccado  
estiuer / pagandolhe primeiro o seu seruiço:  
fazei os confessar e comũgar / quando man-  
da a sancta madre igreja: e louuai diante

preço<sup>218</sup> que não prejudique a vossa fazenda, nem a vossa consciên-  
cia. E para melhor conselho, depositai o que puserdes em mão de  
um terceiro e quem ganhar tome o seu, e o preço do que perdeu dê-  
se a algum pobre.<sup>219</sup> Por isso,<sup>220</sup> deve de ser por grande necessidade  
quando jogardes e por esta maneira acima dita, e não por vício, e  
*deves jogar* muito poucas vezes, porque – como um letrado *se preza*  
dos seus livros – bem tendes em que vos ocupar no exercício das  
coisas da guerra, o qual é essencial no vosso estado e de que muito  
vos haveis de prezar.<sup>221</sup>

### Capítulo décimo terceiro: dos criados

Achai o número de vossos criados conforme à vossa possibili-  
dade e não enchais a casa de gente e a consciência de encargo. Sois  
obrigados a não consentir que algum *deles* esteja em pecado mortal  
conhecidamente, como excomungado, em ódio<sup>222</sup> e amancebado. Se  
se não quiser emendar, despedi quem em tal pecado<sup>223</sup> estiver, pa-  
gando-lhe primeiro seu serviço. Fazei-os<sup>224</sup> confessar e comungar  
quando manda a Santa Madre Igreja, e louvai diante

<sup>218</sup> No capítulo, a palavra “preço” significa “valor em dinheiro”. PREÇO. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 3, p. 526.

<sup>219</sup> A obra prescreve dois conselhos aos homens que jogam: a pessoa que ganha pode recuperar o seu, mas o perdedor deve oferecer o montante perdido aos pobres (em vez de entregá-lo ao vencedor).

<sup>220</sup> “porem”.

<sup>221</sup> “e muito poucas vezes: porque bentêdes en que vos acupar, en o exercicio das cousas da guerra, o qual he essencial no vosso estado, e de que muito vos aueis de preçar, como hũ letrado dos seus liuros”. A ideia geral do trecho é de que tal como um letrado se preza dos seus livros, um fidalgo também deve tomar prazer dos exercícios voltados para a guerra.

<sup>222</sup> Refere-se ao irado.

<sup>223</sup> “Despedij o que en tal peccado estiuer”.

<sup>224</sup> Pode-se ler da seguinte forma: “fazei todos os criados [...]”.



## Inſino

delles os que ſe confeffão muitas vezes / e  
aſſi as outras virtudes / e reprehendei os  
vícios: porque per eſta maneira venhão el-  
les auozrezer os peccados / e amar as vir-  
tudes. Fazei-lhes jejuar os jejús da ſancta  
madre igreja / aos que já tem idade para  
iſſo: e porem odia que jejuarem / mãdai-lhes  
dar de comer de maneira que non tomem  
por comer mal / achaque para non jejuar:  
mandai-os ouvir miſſa os domingos e fe-  
ſtas de guarda: e preguntai-lhes aa meſa / ſe  
ouvirão miſſa e pregação / porque os que o  
non fizerão / ſecorraõ / e ſe emendem.

Salario.

¶ Dai-lhes certo ſalario / cada anno / ou ca-  
dames / aos que forem de qualidade para  
iſſo. E pagai-lhes cadames / ou cada anno:  
e os que non forem deſſa qualidade / aſſen-  
tai em hũ liuro o dia que vos começaraõ de  
ſeruir / e como ſe chamaõ / e aſſi os nomes  
de ſeus pais: ou tutores ſe forem orfaõs: por  
que deſta maneira lhes poſſais pagar / ſe ſe-  
qui ſerẽ bir / ou ſe os deſpidirdes: e ſe mor-  
rerem / ſaibais ſeus pais / ou tutores: para  
lhes mandar des o que ſe montar em ſeu ſer-  
uiço. Admoestay os que ninhũ ſe va ſem volo  
fazer ſaber / para lhe pagar des ſeu ſeruiço.

Castigo

¶ Castigai os dos vícios aſperamente: por  
que non joguem / nem jurem / nem pellejem /

deles os que ſe confessem muitas vezes, e aſſim as outras virtu-  
des, e repreendei os vícios, para que por eſta maneira, venham  
eles aborrecer os peccados e amar as virtudes. Fazei-lhes jejuar,  
aos que já têm idade para iſto, os jejuns da Santa Madre Igreja;  
e, porém, o dia que jejuarem mandai-lhes dar de comer de ma-  
neira que não tomem por comer mal achaque<sup>225</sup> para não jejuar.  
Mandai-os ouvir miſſa aos domingos e feſtas de guarda; e per-  
guntai-lhe à meſa ſe ouviram miſſa e pregação, porque os que  
iſſo não fizeram, ſe envergonhem e ſe emendem.<sup>226</sup>

## Salário

Dai-lhes certo ſalário cada anno ou cada mês  
aos que forem de qualidade para iſto. E pa-  
gai-lhes cada mês ou cada anno; e os que não forem deſſa quali-  
dade, aſſentai em um livro o dia que vos começaram de ſeruir, e  
como ſe chamam e aſſim os nomes de ſeus pais, ou dos tutores,  
ſe forem órfãos, porque deſta maneira lhes poſſais pagar ſe ſe  
quiserem ir ou ſe os deſpedirdes; e ſe morrerem, ſaibais<sup>227</sup> ſeus  
pais ou tutores para lhes mandardes o que ſe montar em ſeu  
ſerviço. Admoestai-os, para que nenhum ſe vá ſem vo-lo fazer  
ſaber; para lhe pagardes ſeu ſerviço.

## Castigo

Castigai-os dos vícios aſperamente, porque  
não joguem, nem jurem, nem pellejem,

<sup>225</sup> O mesmo que “pretexto”. ACHAQUE. MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 2, p. 38.

<sup>226</sup> “porque os que o non fizerão, ſecorraõ, e ſe emendem”.

<sup>227</sup> Para facilitar a leitura deſſe trecho, o verbo “ſaber” poder ſer ſubſtituído por “informar”: “[...] e ſe morrerem informais ſeus pais ou tutores [...]”

nem fale palavras desonestas. E ten de maneira como non andem fora de noite.

¶ Se tiverdes escravos / e forẽ christãos / Esclavos,  
fazei como seiaõ en as cousas da nossa sãcta  
fe infidados: e lembreus o que diz o apo- Primo Ti-  
mo. v. a.  
stolo sã Paulo a Timotheo. Se alguẽ dos  
seus / en especial dos que viuem em sua casa /  
non tẽ cuidado / negou a fe / e he pior (s. quã-  
to a isto) que hũ infiel. Se non forem chri-  
stãos / trabalhai cõ elles que ho seiaõ / e põ-  
denisso tanta diligentia / como se deue poer  
para saluar hũa alma lembrandous quan-  
to nosso senhor fez por nos saluar.

¶ Se vossos criados adoecerem / Os doentes,  
fazei os curar com toda diligentia / e consolai os: fa-  
zei os receber os sacramentos da sancta ma-  
dre igreja. s. a cõfissãõ logo en adoeçendo-  
a comunhãõ / e extrema unçãõ - quãdo lhes  
for necessário: porque sois a isto obrigados.  
E por esta maneira - vos seruireis ao senhor  
deos: e elles seruireãõ o mesmo senhor - e a  
vos sendo virtuosos - muito melhor - que  
sendo maos.

nem falem palavras desonestas. E tende maneira como não andem fora de noite.

Se tiverdes escravos e forem cristãos, Esclavos  
fazei com que sejam ensinados nas coisas da  
nossa santa fé, e lembrai-vos o que diz o  
Apóstolo São Paulo a Timóteo: “Se alguém 1 Timóteo 5  
não tem cuidado dos seus, em especial dos  
que vivem em sua casa, *então* negou a fé, e é pior (quanto a esta  
questão)<sup>228</sup> do que um infiel”.<sup>229</sup> Se não forem cristãos, trabalhai  
com eles *para* que o sejam e ponde nisso tanta diligência como  
se deve pôr para salvar uma alma, lembrando-vos quanto Nosso  
Senhor fez para nos salvar.

Se vossos criados adoecerem, Os doentes  
fazei-os curar com toda diligência e consolai-os. Fa-  
zei-os receber os sacramentos da Santa Madre Igreja, isto é: a  
Confissão, logo que adoecerem;<sup>230</sup> *que recebam* a Comunhão, e  
Extrema-Unção apenas quando necessário,<sup>231</sup> porque sois a isto  
obrigados. E, por esta maneira, vós servireis ao Senhor Deus, e  
eles servirão o mesmo Senhor; e a vós, sendo virtuosos, *servirão*  
muito melhor que sendo maus.

<sup>228</sup> (s., *quãto a isto*)

<sup>229</sup> 1 Tm 5:8.

<sup>230</sup> “*logo en adoeçendo*”.

<sup>231</sup> “*quãdo lhes for necessário*”.



## Súmario.



**B**a summa deste insino / lembre uos q̄ dous estados habi no mundo: hũ de gente que tudo deixa por amor de deos / como fazem os religiosos. Outro de gente que serue a o senhor deos com todas as cousas que tem / e este he o vosso estado: porque aueis de seruir a deos sendo casados / cõ a pessoa / cõfessandouos. Cuidando nelle. Exercitandouos nas cousas da guerra / pera pordes a vida por elle / quando cumprir. Aueis de o seruir com a honrra / honrrando vos os abatidos. Com a valia / fazendo pollos que pouco valem / e podem. Com os filhos / offerecendo os a seu seruiço / e criando os em seu temor e amor. Com a molher / fazendo a seruir ao senhor / com amoestações / e encomendandolhe a criação de vossos filhos no temor do senhor. Com os criados / fazendo os que nõ seiam maos. Cõ as armas / cauallos / tendo os para quando cumprir / seruir a deos / e a vosso Rei. Com a fazenda / fazendo esmolas. Finalmẽte / assi como aos religiosos cõuẽ / deixar tudo por amor de deos: Assi aos casados conuem / seruirem com tudo o que tem / valem / e podem / ao mesino senhor deos. E sobre todas / vos encommẽdo

## Sumário

Em suma deste ensino, lembrai-vos que há<sup>232</sup> dois estados no mundo: um de gente que tudo deixa por amor de Deus, como fazem os religiosos; outro, de gente que serve ao Senhor com todas as coisas que tem – e este é vosso estado, porque haveis de servir a Deus sendo casados, com a pessoa, confessando-vos. Cuidando nele. Exercitando-vos nas coisas da guerra para pordes a vida por Ele quando for necessário.<sup>233</sup> Haveis de O servir com a honra, honrando-vos os abatidos. Com a valia,<sup>234</sup> fazendo pelos que pouco valem e podem. Com os filhos, oferecendo-os a Seu serviço e criando-os em Seu temor e amor. Com a mulher, fazendo-a servir ao Senhor com admoestações e encomendo-lhe a criação de vossos filhos no temor do Senhor. Com os criados, fazendo-os que não sejam maus. Com as armas e cavalos, tendo-os para quando for necessário<sup>235</sup> servir a Deus e a vosso rei. Com a fazenda, fazendo esmolas. Finalmente, assim como aos religiosos convém deixar tudo por amor de Deus, assim aos casados convém servirem com tudo o que têm, valem e podem ao mesmo Senhor Deus. E sobre todas vos encomendo

<sup>232</sup> “*habi*”.

<sup>233</sup> “*quando cumprir*”.

<sup>234</sup> “*Valia*” é o mesmo que socorro; “*ajuda*”.

<sup>235</sup> “*quando cumprir*”.

Christão.

fo. xxv.

quatro cousas. A primeira / non fazerdes  
cousa que seja peccado mortal. A segunda /  
a confissão de oito a oito dias. A terceira / o  
passar por vossa memoria cada dia os bene-  
fícios do senhor. A quarta / o exercício en  
as cousas das armas : e obras de misericor-  
dia: porque fazendo bem estas quatro cou-  
sas / todas as mais deste insino vos serão  
muito ligeiras de cumprir. E non queirais  
fazer extremos imprudentes: mas o que en  
este insino vos he dito: porque não conuiraõ  
a vosso estado / o qual he de casados / e fidal-  
gos. E tanto perigo habi en o mais / como  
no menos. E estes insinos são / os que con-  
uen aos homens que são / ou hão de ser ca-  
sados: para que no seu estado viuão de ma-  
neira / que non percão a gloria para que fo-  
raõ criados: mas sabendo o seu proprio ca-  
minho / ha alcançem / polla misericordia /  
morte / e paixão de Jesu christo nosso sñor.

Amen.

MEMÓRIA ATLÂNTICA

quatro coisas. A primeira, não fazerdes coisa que seja pecado mortal. A segunda, a Confissão de oito a oito dias. A terceira, o passar por vossa memória cada dia os benefícios do Senhor. A quarta, o exercício nas coisas das armas e obras de misericórdia. Porque fazendo bem estas quatro coisas, todas as outras<sup>236</sup> deste Ensino vos serão muito ligeiras de cumprir. E não queirais fazer extremos imprudentes, mas o que neste Ensino vos é dito, porque não convirão a vosso estado, o qual é de casados e fidalgos. E tanto perigo há<sup>237</sup> no mais, como no menos. E estes ensinamentos são os que convêm aos homens que são ou hão de ser casados, para que no seu estado vivam de maneira que não percam a glória para que foram criados, mas sabendo o seu próprio caminho, a alcancem pela misericórdia, morte e paixão de Jesus Cristo Nosso Senhor.

Amém.

---

<sup>236</sup> "as mais".

<sup>237</sup> "habi".





Primeiramente o prologo aas.	fo.ij.
Capitulo primeiro, como se deve tirar o costume uelho.	f.v.
Capitulo segundo, como se non deve fazer uirtude fingidamente, para medranca ou ualia.	fo.vi.
Capitulo .iij. de como deve apartar-se de todo peccado mortal.	fo.vi.
Capitulo .iiij. de como deve o homẽ exercitar se en as obras de misericordia dia, e confessarse muitas uezes.	fo.vij.
Capitulo .v. como deve o christão, nõ ter deuer com o que dirão os homẽs delle quãdo o uirẽ, nõ usar dos maos costumes gerais.	fo.ix.
Capitulo .vi. como deve o christão ter singular amor à deos, e passar polla memoria, os beneficios seus cada dia.	fo.x.
Capitulo .vij. como he necessario ao christão fugir à ociosidade.	fo.xv.
Capitulo .viij. como se deve euitar os iuramentos, mentiras, e palauras maas.	fo.xvi.
Capitulo .ix. como deve conseruar a fama de seus proximos, concordalos, e non iulgar mal delles.	fo.xvij.
Capitulo .x. como deve de ouuir os diuinos officios.	xvij.
Capitulo .xi. como deve seruir elRei, e como se deve auer na honrra, e casamento.	fo.xx.
Capitulo .xij. da esmola, gasto, e exercicios.	fo.xxi.
Capitulo .xiiij. e ultimo, dos criados.	fo.xxiiij.
Summario.	fo.xxiiij.

A honrra da gloriosa uirgẽ nossa senhora se acabou o tractado de ino fino christão imprimido em na muy noble e sempre leal Cidade de Lixboa en casa de Luis rodriguez liureiro debrrei nosso senhor por mandado de sua Alteza com seu priuilegio Taxado por hum Vinã tem cada hum oic en. xxiiij. de Setembro de.

M D X X X I X.

Tabuada<sup>238</sup> dos capítulos neste tratado contidos<sup>239</sup>

Capítulo Primeiro: como se deve tirar o velho mau costume
Capítulo dois: como se não deve fazer virtude fingidamente para medrança ou valia
Capítulo terceiro: de como deve apartar-se de todo peccado mortal
Capítulo quarto: de como deve o homem exercitar-se nas obras de misericórdia e confessar-se muitas vezes
Capítulo quinto: como o cristão não ter de ver com o que dirão os homens dele, quando o virem não usar dos maus costumes gerais
Capítulo sexto: como deve o Cristão ter singular amor a Deus e passar pela memória os seus benefícios cada dia
Capítulo sétimo: como é necessário ao cristão fugir da ociosidade
Capítulo oitavo: como se deve evitar os juramentos, mentiras e palavras más
Capítulo nono: como deve conservar a fama de seus próximos, concordá-los e não julgar mal deles.
Capítulo décimo: como devem de ouvir os officios divinos
Capítulo décimo primeiro: como devem servir o rei e como se devem haver na honra e casamento
Capítulo décimo segundo: da esmola e exercicios
Capítulo décimo terceiro: dos criados
Sumário

<sup>238</sup> "Tavoada" é o mesmo que "tabela" e "índice". TABUADA. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, v. 4, p. 306.

<sup>239</sup> "conteudos".



## SOBRE O AUTOR

LEANDRO ALVES TEODORO é doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* Franca (UNESP), e professor do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Realizou estágio pós-doutoral financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) junto à UNESP/campus Franca, à *Université Paris Nanterre* e à *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Atualmente, realiza um estágio de pós-doutorado financiado pelo auxílio Jovem Pesquisador da FAPESP junto à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Autor, entre outros estudos, de *Lições para o homem casado* (Ed. Unifesp, 2016) e de *Guias dos costumes cristãos* (Ed. Unifesp, no prelo). É membro do grupo Temático *Escritos sobre os Novos Mundos* e coordenador do grupo Jovem Pesquisador *O ensino da fé cristã na Península Ibérica (séculos XIV-XV)*.



